FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 24 DE JANEIRO DE 1959

ANO 39.º — NÚMERO 12 977

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MÁRIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A jornada de Monsanto

Passa hoje o 40.º aniversário da jornada de Monsanto. Aqueles que a viveram de armas na mão ou a acompanharam, com a ansiedade que as condições em que decorreu e terminou justificavam, recordá-la-ão na exaltação da sua fé e no recolhimento da sua saudade. Os mais novos precisam de a conhecer como símbolo imperecível de fé republicana e devoção cívica. A revolução que nove anos antes identificara o destino da Nação com o regime que o povo escolheu e pelo qual se bateu, teve então a sua magnífica confirmação. A República tornou-se, com ela, indestrutível. As vicissitudes e perigos que, depois, conheceu, só serviram para demonstrar que os alicerces em que assenta são seguros e perenes.

A História julgou já o procedimento daqueles que ali se concentraram para dar um golpe mortal nas instituições republicanas. A se-

(Continua na página seguinte)

Morreram tràgicamente

três pobres pescadores de uma bateira

surpreendidos pelo violento temporal no Sado

SETUBAL, 24. (Pelo telefone). — O violento temporal que, durante a noite, desabou sobre a cidade e o rio foi tràgicamente assinalado pela morte de três marítimos que a tormenta surpreendeu na sua dura faina.

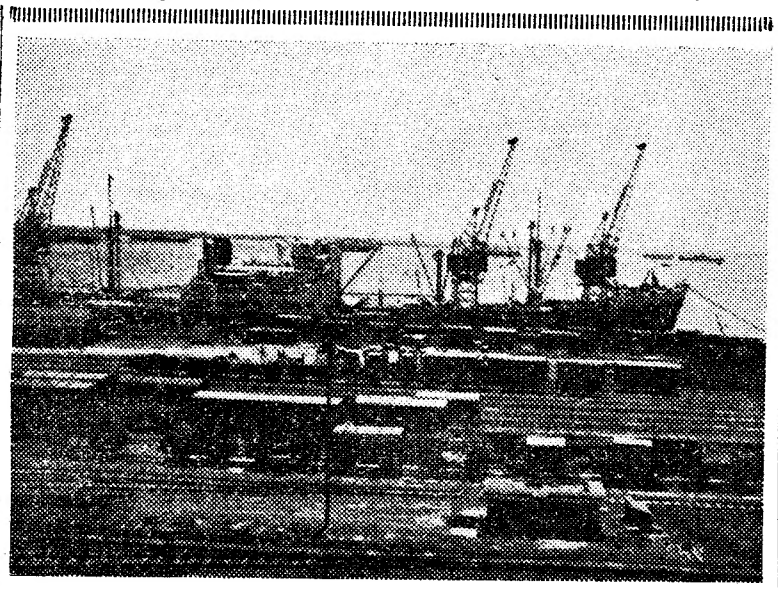
Num dos esteiros do Sado andava uma bateira á vela com quatro tripulantes, quando a tormenta envolveu a frágil embarcação, que se voltou. Os pobres homens, dois dos quais não sabiam nadar, foram enovelados pelas águas em remoinho e três deles, um dos quais ainda na flor da idade, sucumbiram ao cabo de pavorosa luta, apesar dos desesperados esforços do seu denodado companheiro, o qual a muito custo conseguiu salvar-se, quando, esgotadas as forças, já nada podia fazer contra a fatalidade do destino.

Os mortos são: Adelino Jorge (o mestre da embarcação), de 27 anos, casado e residente no sítio das Curvas, nos arredores da cidade, que deixa um filho de 7 anos; Aníbal Peixoto, de 30, também casado e pai de dois filhos de tenra idade, e Manuel Ferreira Areias, conhecido pelo apodo popular de «Sagorro», de 17, ambos moradores em Praias do Sado.

Ali reside, igualmente, o único sobrevivente da tragédia, o pescador Francisco Novais Felizardo, de 29 anos, natural de Alcácer do Sal.

O Felizardo — por ironia do destino, parece que o seu nome foi uma auspiciação feliz no meio do drama desgarrador — passou momentos de inenarrável angustia, procurando arrancar os companheiros á morte, debatendo-se com as águas revoltas, até que exausto não pôde fazer mais do que vê-los de-

(Continua na página central)



Aspecto do porto de Mormugão

A denúncia do contrato

da concessão do porto de Mormugão

traz consideráveis vantagens para o Estado português

A decisão ontem tomada, em Londres, pela assembleia geral da West India Portuguese Guaranteed Railway, Cº, Ltd., no sentido da renuncia á exploração do caminho de ferro e das instalações do porto de Mormugão, constitui um problema que merece um pouco de atenção, por interessar, essencialmente, á vida de uma parcela longínqua da Nação, dado que se trata de uma importante via de comunicação que atravessa o distrito de Goa, com ligação á rede ferroviária da União Indiana, e de uma das mais importantes saídas para o mar da costa do Malabar.

Perante esse interesse, de que se reveste o problema, procurámos obter esclarecimentos autorizados que nos habilitassem a traçar o panorama da situação, numa revisão objectiva que nos permita, na verdade, conhecer todos os dados da questão e avaliar da importancia da sua evolução.

A concessão para construir e explorar, por 99 anos, o porto de Mormugão a um caminho de ferro para o ligar á fronteira da então India Britanica foi outorgada por contrato de 18 de Abril de 1881 a uma companhia, nesse ano constituída em Inglaterra, sob a designação de «The West of India Portuguese Guaranteed Railway Company Limited», com o capital inicial de £ 800.000.

As obras, iniciadas no ano seguinte, entraram em exploração em Janeiro de 1888 e o seu custo foi contratualmente fixado em £ 1.350.000. O caminho de ferro tem 82 quilómetros de extensão, em via simples de 1.00 m. de bitola, e o porto, após sucessivas ampliações,

(Continua na 15.ª página)

A França

vai proceder a profunda reorganização da defesa nacional

PARIS, 24.—A organização geral da defesa nacional francesa vai ser transformada profundamente por uma portaria publicada há pouco tempo. As condições de aplicação desta portaria ainda não estão todas totalmente definidas. No entanto, há dois princípios fundamentais na base desta reorganização: a defesa nacional engloba toda a comunidade francesa e constitui uma das principais prerrogativas do primeiro-ministro. Esta reorganização pretende simplificar a hierarquia dos estados-maiores, suprimir duplicações de organismos e facilitar o trabalho de outros—(F.P.)

Rumores de tréguas na Argélia

ARGEL, 24 — Circulam com insistência rumores de que os rebeldes argelinos estão decididos a propor tréguas na guerra da Argélia, que dura já há quatro anos. Embora recebidos com «grande surpresa» nos círculos oficiais de Argel, os rumores coincidem com a chegada a Tunes, ontem, de dois categorizados membros do «governo» rebelde argelino.

Procedentes do Cairo, Krim Belkacem e Moamede Yazid, que desempenham, respectivamente, as funções de «ministros» da Guerra e da Informação, são portadores, segundo se afirma, de uma proposta de tréguas, destinada a preparar terreno para «negociações políticas» com a França, com o fim de restabelecer a paz na Argélia. — (A. N. I.).

A conspiração

em Ghana para assassinar o primeiro-ministro

ACCRA, 24.—Um inquérito público acerca da alegada conspiração para assassinar o primeiro-ministro de Ghana, dr. Kwame Nkrumah, e outros ministros, começa hoje nesta cidade. O juiz Granville Sharp presidirá á inquirição, com a qual se pretende confirmar os factos revelados durante o julgamento do oficial do Exército que foi condenado por não ter comunicado superiormente a existência da conspiração, da qual teve conhecimento.

O Ministério da Defesa, ao anunciar o inquérito, declarou que este de nenhuma maneira afectaria a prisão dos dois chefes do Partido Unido, da oposição, R. R. Amponsah e M. K. Apalod, acusados de conspirar para assassinar ou prender o dr. Nkrumah.—(R.).

A investigação atómica

aplicada à Medicina

UPTON, (Nova York), 24. — O mais recente centro de investigações médicas atómicas dos Estados Unidos, incluindo o primeiro reactor nuclear construido especificamente para a investigação médica, foi inaugurado no Laboratório Nacional de Brookhaven.

Além do reactor, o novo centro inclui um hospital com 48 camas para investigação em doentes e laboratórios para o estudo das aplicações médicas da energia atómica — (Reuter).

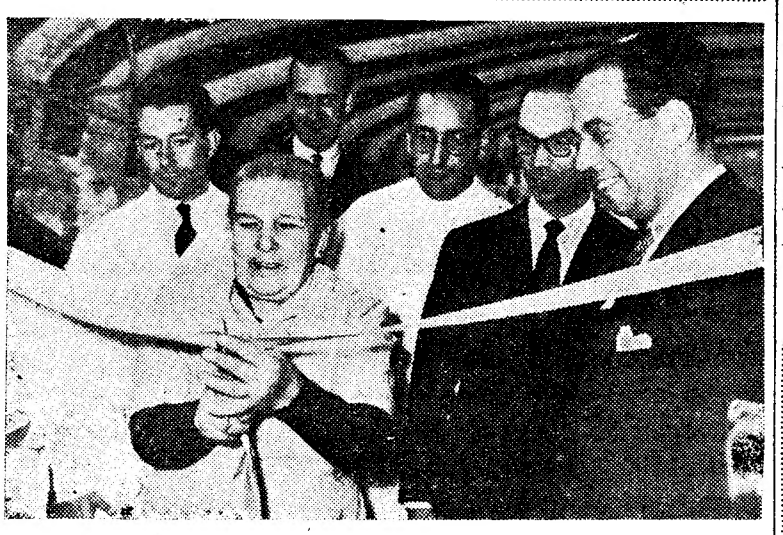
A América espera

que Mikoyan concorra para que Moscovo compreenda as suas intenções pacíficas

FILADÉLFIA, 24. — O secretário de Estado adjunto dos Negócios Políticos americano, Robert Murphy, discursando no conselho dos Negócios Estrangeiros desta cidade, disse que a U. R. S. S., quaisquer que tenham sido as razões que a levaram a escolher este momento, colocou as grandes potências, ao levantar o problema de Berlim e da Alemanha, em presença duma questão muito grave.

O Governo dos Estados Unidos deseja encontrar uma solução pacífica para o problema, mas, ao

(Continua na ultima página)



O ministro da Saude e o secretário do Comércio, na inauguração da nova sede do Parque Vacinogénico. (Ler notícia na página central)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A morte recuou um passo

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

PROBLEMA que tem atormentado, e continua a afligir a Humanidade, é o da leucemia, apesar da grande vitória sobre o mal registada há pouco tempo na Fundação Curie, Rua d'Ulm, em Paris. Que se passou de extraordinário? Seis Jugoslavos, mestres de energia nuclear, devido a um grave acidente de trabalho, adoeceram e foram hospitalizados. Muito pequenas as esperanças. Quase nulas. De começo a febre, alta e persistente; em seguida, as análises de sangue a atestarem dados alarmantes. Desordem no mundo das células do sangue: glóbulos brancos, glóbulos ver-

(Continua na 13.ª página)

O futebol desta tarde

Em 2.ª tiragem, o «Diário de Lisboa» publicará os relatos dos desafios de futebol disputados hoje em Lisboa e Torres Vedras.

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A jornada de Monsanto

(Continuação da página anterior)

veridade do seu veredito avulta perante a magnanimidade dos vencedores. Estes foram estoicos no sofrimento e generosos na vitória. Com o sangue que derramaram e o idealismo que os animou escreveram uma página que pode apontar-se como exemplo dignificante e lição que merece ser meditada. O levantamento da população da capital, num ambiente electrizante de entusiasmo, só tem paralelo nos episódios em que se decidiu o futuro da Pátria posto em jogo e foi por ela assegurado, redimindo-a de culpas estranhas.

Com a sua acção se evitou uma guerra civil prolongada, no rescaldo da primeira conflagração mundial em que interviemos para salvaguardar os mais altos interesses nacionais e da qual emergimos com honra, dignidade e proveito, alinhando entre os aliados e criando as condições indispensáveis á reivindicação triunfante dos nossos legítimos direitos. A consolidação do regime republicano foi a justificação da política dos seus dirigentes que, á custa de sacrifícios e incompreensões, organizaram a intervenção de Portugal na guerra, dominados unicamente pelo pensamento de servir o País.

Afastados do Poder, os acontecimentos não tardaram a dar-lhes razão. A rota perturbada da nossa vida interna retomou o seu curso normal. Pudemos recuperar o tempo perdido e fazer esquecer os erros praticados, apresentando-nos na conferência da paz e erguendo alto o pendão da unidade restabelecida. Sem isso diversa teria sido a nossa sorte e haveria que lamentar, em bens e prestígio, prejuizos incontáveis. Seria a Nação a pagar o desvario de alguns dos seus filhos que, num momento de perturbação, puseram acima dela o calor das paixões que já antes os tinham feito incorrer em culpas lamentáveis.

O entusiasmo dos que as resgataram nobremente foi valorizado por actos de bravura, devoção e galhardia insuperáveis. Na linha dos nossos mais puros herois ficou, para sempre, agigantando-se á medida que o tempo passa, a figura lendária do comandante Afonso de Cerqueira, hirto e severo, perfilando-se e fazendo continência ao seu antigo chefe, que era pelos seus feitos uma figura nacional, a quem acabava de vencer num rasgo de bravura, para em seguida dizer aos marinheiros que comandava e com ele tinham arriscado a vida que os vencidos eram tão sagrados como a causa pela qual se tinham batido e triunfado.

Outro marinheiro, cujo nome deve ser evocado nesta data, é o do almirante Canto e Castro que, assumindo num momento crítico o pesado encargo de assegurar a continuidade da Republica, não hesitou em o fazer, sacrificando as suas opiniões políticas ao cumprimento do dever e ao interesse nacional. A sua perfeita dignidade, a sua exemplar linha de conduta e a sua isenção irrepreensível avultam como modelo de patriotismo e elevação moral.

Mas foi o povo o admirável intérprete dessa jornada, oferecendo corajosamente o peito ás balas numa arrancada que o imortalizou e tornou sagrados os princípios em nome dos quais intemeratamente lutou. A República, com tudo o que nela se consubstancia de idealismo e generosidade, ficou desde então confiada á sua guarda e garantida pela sua dedicação, as quais continuam a ser o penhor da sobrevivência do regime que há quase meio século se identifica com a Pátria e legitimamente a representa.

Reunião de finalistas

das escolas técnicas

Na Casa da Comarca de Arganil, haverá amanhã, ás 10 e 30, uma importante reunião dos alunos finalistas das escolas técnicas de Lisboa, para eleição da comissão central e das subcomissões e estudo de diversos problemas respeitantes ao ensino técnico.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Escreveu-nos o dr. Mário de Oliveira, presidente da Junta Nacional do Vinho, agradecendo-nos o relevo que o «Diário de Lisboa» deu ao relato na sua conferência de Imprensa no S. N. I., «contribuindo, assim, da forma mais expressiva, para o esclarecimento publico de problemas que tocam de perto os interesses gerais da vinicultura e o prestígio dos órgãos que asseguram a intervenção do Estado na vida económica».

UNIÃO NACIONAL

A Comissão Executiva da União Nacional procedeu á remodelação da Comissão Concelhia de Lisboa, que ficou assim constituída: presidente, capitão Francisco Soares da Cunha; vice-presidente, Julio Rocha Borges (industrial); vogais, dr. Mário Arez (advogado), Aníbal David, (comerciante e vereador da Camara Municipal de Lisboa), dr. João Manuel Cadete (médico-veterinário), Francisco Casal Ribeiro (administrador de empresa), dr. Bernardino Pereira Bernardes (licenciado em Direito), Eduardo Rodrigues Caldeira proprietário), dr. João de Oliveira (médico) e dr. José Sebastião de Azevedo e Meneses (licenciado em Economia).

Ruiu em Setúbal

o anexo de um prédio

SETUBAL, 24 — (Pelo telefone) — Devido ao desmoronamento de parte da vetusta muralha da antiga cerca da Misericórdia local, ruiu um anexo do prédio que nela se apoiava e que confina com a Rua Jorge de Sousa, em frente do Campo dos Arcos. Não há a registar, felizmente, qualquer desastre pessoal, apesar do anexo do prédio ficar totalmente destruido.

Morreu o guarda do castelo de Marvão

MARVÃO, 24 *(Pelo telefone)*. — Faleceu hoje, no castelo desta vila, o simpático guarda e cicerone Ventura Castelo, de 73 anos, que, há 27, desempenhava aquelas funções, sem remuneração ou quaisquer gratificações, desde o romper do dia até o anoitecer. Vivia ali com sua mulher, há muitos anos entrevada.

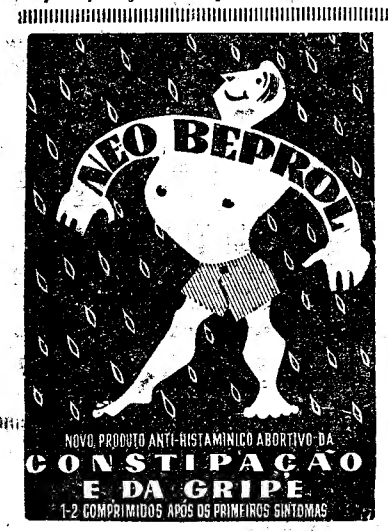
Era uma figura muito conhecida, não só neste concelho, mas das pessoas que, de vários pontos do País, visitaram o histórico castelo e ele atendia, solícito e atencioso, tratando todas por excelência e sabendo cativar pela maneira como narrava as lendas, desde remotos tempos ligadas ao velho e heróico castelo.

O «Diário de Lisboa» referiu-se, ainda no mês passado, á sua acção e á inexcedível dedicação que punha no desempenho dessas funções que ele exercia com tão raro apego e tão louvável zelo.

A morte do popular e estimado Ventura causou grande consternação em toda a vila.

Um monumento a Sena Freitas

Vai erguer-se, em Ponta Delgada, terra da sua naturalidade, um busto de Sena Freitas.



HOTEL EMBAIXADOR
APRESENTA
no TERRAÇO DAS ESTRELAS
a aplaudida parelha de bailarinos fantasistas
BRENDA y VALENTI
Amanhã: «matinée» dançante, com as atracções — Chá completo 25$00
(ADULTOS — MAIORES 17 ANOS)

TA-MAR
AMANHÃ
Paelha á Valenciana
RESTAURANTE * ALGÉS *

CARNAVAL no CHILE
SENSACIONAL!!!
120$ 90$
ÚLTIMAS NOVIDADES EM SAPATOS DOURADOS E PRATEADOS
SAPATOS PARA TODOS OS PREÇOS
S A L D O S
GRANDES ARMAZENS DO CHILE
Rua José Falcão, 68-A (Prédio Novo)

COGNAC
MARTELL

ALIVIE OS INCÓMODOS das
CONSTIPAÇÕES
GRIPE...

TOME
Alka-Seltzer*

Estamos na época em que as constipações e gripe mais atacam. Aos primeiros sintomas, tome ALKA-SELTZER. Alivia os incómodos com o seu cortejo de dores de cabeça, musculares, arrepios, etc. Se tiver a garganta inflamada, gargareje com ALKA-SELTZER. Se os sintomas forem fortes, não insista em se conservar de pé — experimente um tratamento que alivia: meta-se na cama, descanse, faça dieta e tome ALKA-SELTZER.
Fará com que se sinta melhor, porque na realidade melhora.
* Marca Registada

Sofre de
Figado?
Vesicula?
Cálculos Biliares?
Tome o Chá Nattermann No. 7 Cholagogum
e verificará a sua acção benéfica
Os Chás Nattermann são usados em todo o Mundo
Preparados e controlados cientificamente e embalados na Alemanha
A' venda em todas as farmácias
Peça amostras e catálogos aos representantes: JOÃO PATRÍCIO ALVARES FERREIRA, LDA.
R. da Madalena 78 — LISBOA

«Chez» Suzy Solidor
De hoje a 7 de Fevereiro
Tágide
Suzy Solidor
Acolhe e canta para os seus Amigos portugueses
acompanhada da sua pianista privativa
JANINE REMIGNARD
Ainda no programa: HELENA TAVARES
IVONE E CLARA — MARIA CANDAL
Conjunto Alex William's com Laura Villa
Adultos (Maiores de 17 anos)

Arrsicou a vida para furtar e foi preso pela Polícia Judiciária

As brigadas externas da Polícia Judiciária capturaram, após uma série de diligências, numa casa de jogo da Mouraria, o perigoso cadastrado Francisco Marques Pereira, o qual, no curto espaço de oito dias, assaltou, por duas vezes, uma fábrica de calçado situada no Largo do Caldas, 8, 3.º, de onde furtou diversos artigos. O seu objectivo principal porém era furtar uma avultada importancia que se encontrava guardada num cofre, que não conseguiu abrir.

O Pereira, para levar a cabo as suas proezas, praticou verdadeiros prodígios de equilíbrio, aproveitando a existência de uma janela com grades, que liga a escada ao saguão do prédio onde se encontra instalada aquela fábrica, á altura do terceiro andar. Depois, agarrando-se aos canos de esgoto, atravessou para o lado contrário, conseguindo entrar na fábrica por uma janela da casa de banho, que ficava aberta durante a noite. O regresso fazia-se pelo mesmo caminho, mas, como se calcula, com muito mais dificuldade, pois transportava já os objectos roubados e, entre eles, uma máquina de escrever.

Feira das Indústrias

Britânicas em Lisboa

E' esperado em Lisboa no dia 1 de Fevereiro sir Norman Kipping, presidente da Federação das Industrias Britanicas, acompanhado do sr. William Edwards, director daquela organização, que vêm tratar de assuntos relacionados com a Feira das Industrias Britanicas, que se realiza entre nós de 19 de Maio a 14 de Junho.

Sir Norman Kipping vem conferenciar com as autoridades portuguesas e entidades britanicas no nosso País sobre a organização daquele certame que será inaugurado em Maio, em Lisboa. Terá uma conferência com a Imprensa.

A reorganização da industria

da refinação de açucar

Para estudar a reorganização da industria da refinação do açucar, foi nomeada, pelo ministro da Economia, uma comissão constituida pelos srs. dr. Pedro Guimarães, como representante da Secretaria de Estado do Comércio, que presidirá; dr. Fernando de Sousa Valente Perfeito, como representante do Ministério das Finanças, e dr. João Pereira de Moura, como representante do Ministério do Ultramar; eng. agr. Ernesto Gusmão Burguete, como representante da Secretaria de Estado da Agricultura; eng. Luís Faião de Pádua Soares, como representante da Direcção-Geral dos Serviços Industriais, e eng.-agr. isidoro da Costa Neto, como representante da Inspecção-Geral dos Prorutos Agrícolas e Industriais.

A comissão tem o prazo de quatro meses para a conclusão do seu estudo.

Banquete de homenagem

Ficou adiado, para data a anunciar oportunamente, o banquete de homenagem ao sr. comandante Andre Leon Fleury Nazareth, adido naval á Embaixada do Brasil em Lisboa, que em princípio estava marcado para esta noite, no Hotel Tivoli.

5 dias no melhor clima de Portugal

Amendoeiras em Flor no Algarve e Carnaval de Loulé e Messines

(de 7 a 11 de Fevereiro)

num moderno autocarro, visitando todo o Algarve; noite de Carnaval no novo e magnífico **Casino da Praia de Armação de Pera.**

Preços: 910$00/950$00 por pessoa, incluindo refeições, gratificações e óptimas instalações.

Inscrição limitada até 2 de Fevereiro.

SOC. TURISMO «SANTA MARIA»

Rua Aurea, 292-1.º — LISBOA-2

Telefs.: 1905 e 28686

O PORTO PELO TELEFONE

Dois jovens nortenhos receberam da Fundação Vale Flor o prémio da coragem e sacrifício

PORTO, 24 — Na filial do Montepio Geral desta cidade está a principiar, á hora a que telefonamos, a cerimónia da entrega dos prémios «José Luís de Vale Flor, 2.º marquês de Vale Flor», e «Jenny de Vale Flor», instituidos pela falecida marquesa do mesmo título e destinados a premiar a nossa juventude, por seus actos de honestidade, humanidade, abnegação, generosidade, sacrifício e coragem.

Entre os convidados, recebidos á entrada do edifício pelos srs. dr. Ariosto da Gama Lança, presidente geral do Montepio, e João Guerra Terenas, gerante da filial, nesta cidade, viam-se o actual marquês de Vale Flor, o presidente do Município do Porto, o reitor da Universidade, comandantes da Região Militar e da P. S. P., presidente do Tribunal da Relação, procurador da Republica e delegado do I. N. T. P. e, ainda, representantes de instituições, sócios e pensionistas do Montepio.

Em lugar especial, sentam-se, com suas famílias, a pequena Rolinda Martins da Silva, uma menina de Viana do Castelo, que arrancou á linha férrea uma pobre mulher que ia morrer trucidada pelo comboio; e Joaquim António de Sousa, da Cruz do Douro,, Beirão, que, em vão, arriscou a sua vida, para salvar dois companheiros soterrados numa pedreira. O sacrifício deste moço custou-lhe uma operação ao baço, a amputação de dois dedos da mão direita e uma fractura.

A sessão abriu com as palavras do presidente da assembleia geral do Montepio, o conselheiro Vaz Pereira, que principiou por saudar e agradecer a presença do governador civil do distrito e das restantes individualidades, falando depois o sr. dr. Guerreiro Murta que se referiu aos designios da Fundação Vale Flor e agradeceu a colaboração da Imprensa e de outras entidades.

Ao terminar, o sr. dr. Guerreiro Murta, convida o chefe do distrito, que preside ao acto, a entregar os prémios aos premiados.

Além dos srs. conselheiro Vaz Pereira e dr. Guerreiro Murta, vieram de Lisboa em representação do Montepio, para assistir á tocante cerimónia, o prof. João Faria Lopes, presidente da direcção, o vice-presidente, José Augusto Alves, e o dr. Aureliano Anjos que fez parte da direcção de 1958.

Comissão de Higiene

A Comissão Municipal de Higiene, constituída pelos drs. Frazão Nazaré, Domingos Braga da Cruz, Correia da Costa, e eng.º Costa Pereira e Guilherme Bonfim Barreiros, visitou hoje vários locais desta cidade, que necessitam de total remodelação, nomeadamente o improvisado mercado da Rua Escura, no bairro de Sé, e Praça da Ribeira.

Acidente no trabalho

Recolheu ao Hospital de Santo António o galvanizador Eurico Queirós, de 54 anos, casado, morador na Travessa do Amorim, 378, que foi colhido por uma máquina que lhe esfacelou o braço esquerdo quando trabalhava.

O «Diário de Lisboa» vende-se em MONTEMOR-O-NOVO, na casa Joaquim R. Amaro.

A cantadeira Natalina Proença ficou ferida num desastre de viação

Esta madrugada, um automóvel conduzido pelo seu proprietário, Alfredo Jesus Coelho, de 25 anos, industrial, morador na Rua Chaby Pinheiro, 8, 1.º, ao entrar no Rossio, vindo da Rua Augusta, foi abalroado por uma furgoneta guiada por José Proença da Silva e em que seguiam sua filha, a cantadeira Natalina Proença, de 26 anos, residente na Travessa do Rosário, 4; o violista Julio Gomes, de 46 anos, morador na Rua Leite de Vasconcelos, 76, 4.º, e Américo Marques, de 43 anos, compositor, residente na Rua da Madalena, 139, 3.º. Sofreram todos ferimentos leves de que receberam curativo no Hospital de S. José, depois do que regressaram a suas casas. Ambos os veículos ficaram muito danificados.

Almoço de confraternização

dos antigos alunos da Escola Politécnica

Na Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências, no edifício daquele estabelecimento de ensino, reunem-se amanhã, ás 13 horas, num almoço de confraternização os antigos alunos da Escola Politécnica. A reunião fora adiada quando da morte do prof. Vítor Hugo de Lemos, reitor da Universidade de Lisboa.

Gripe então os comprovados COMPRIMIDOS DE ASPIRINA

CARNAVAL INTERNACIONAL DO ESTORIL

Venda de bilhetes das 13 às 21 horas para o Corso de Sábado 7, Domingo 8 e Terça-feira, 10

Postos instalados nos seguintes locais:

CAES DO SODRÉ
MARTIM MONIZ
RESTAURADORES
SALDANHA
ARIEIRO

LOTAÇÃO LIMITADA

*

4 ANIMADOS BAILES

nas noites de Sábado, Domingo, 2.ª e 3.ª feira, com a presença das celebridades mundiais

M/17 anos

OBTENHA *Grátis* 1 COPO MISTURADOR PARA O MILO NESTLÉ

Contra a entrega DOS SEGUINTES RÓTULOS DE MILO

3 das latas grandes ou 6 das latas pequenas

MILO TÓNICO

ALIMENTO FORTIFICANTE À BASE DE LEITE, CEREAIS MALTEADOS, VITAMINAS A, B1 E D E DE SAIS MINERAIS

SOCIEDADE DE PRODUTOS LÁCTEOS

LISBOA – Rua Sociedade Farmacêutica, 39
PORTO – Rua Gonçalo Cristóvão, 281
COIMBRA – Rua Dr. Manuel Rodrigues, 23
FARO – Largo do Mercado, 43

PARA BOM ENTENDEDOR...

TODAS AS NOITES: CASAS A' CUNHA!

A DINAMICA PARELHA EM BAILADOS E CANÇÕES

LES VILLALTA

NUMEROS BISADOS COM LOUCO ENTUSIASMO!

A ATRACÇÃO PORTUGUESA DE PRESTÍGIO INTERNACIONAL

BALLET ERASTO

UM FRIZO COREOGRÁFICO VIBRANTEMENTE APLAUDIDO!

HERMANOS RIBERO

EM DANÇAS TÍPICAS QUE ARREBATAM O PÚBLICO!

E AINDA, TODO O GRANDIOSO ELENCO DE OURO DO «RITZ»

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE

ADULTOS (maiores de 17 anos)

Musica de baile por VILAÇA e sua orquestra

No Salão Típico: CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS

MUITO EM BREVE:

A SUPER-ATRACÇÃO

TRIO GUALTERI

com a sensacional contorcionista

TIZIANA

E, AINDA, NUM CONJUNTO DE JUSTA SENSAÇÃO

5 ESTREIAS DE ENORME FAMA

Coliseu

CRIANÇAS AO CIRCO!

Esta noite, crianças de todas as idades podem vêr, no Coliseu, a gigantesca companhia de circo. Amanhã, «matinée»

Hoje, ás 21,30 crianças de todas as idades podem maravilhar-se com a nova companhia mundial de circo do Coliseu. Duas parelhas de palhaços, entre os quais os do circo alemão Kroner. A mulher que desembarca na Lua, primeira façanha aérea no género. O homem que brinca com os mundos. Chimpanzés, «clows», aramistas e cavaleiros. Trapezistas inglesas. Estátuas humanas, e muitas outras atracções pela primeira vez em Portúgal. Amanhã, «matinée» ás 16 horas, com entrada ás crianças.

ADEGA DA ANITA

PARQUE MAYER Telefone 23868

ADULTOS (Maiores de 17 anos)

HOJE — Festa de homenagem ao Popular Poeta

Domingos Gonçalves Costa

com a colaboração dos melhores artistas do FADO, TEATRO, RADIO e TELEVISÃO

"Ninho das Águias"

Esta confortável Pensão tem ao dispor de V. Ex.ª belos quartos com chauffagem, telefone e água quente.

Sossego absoluto, maravilhosas vistas sobre o Tejo e Lisboa apenas a 3 minutos do Rossio.

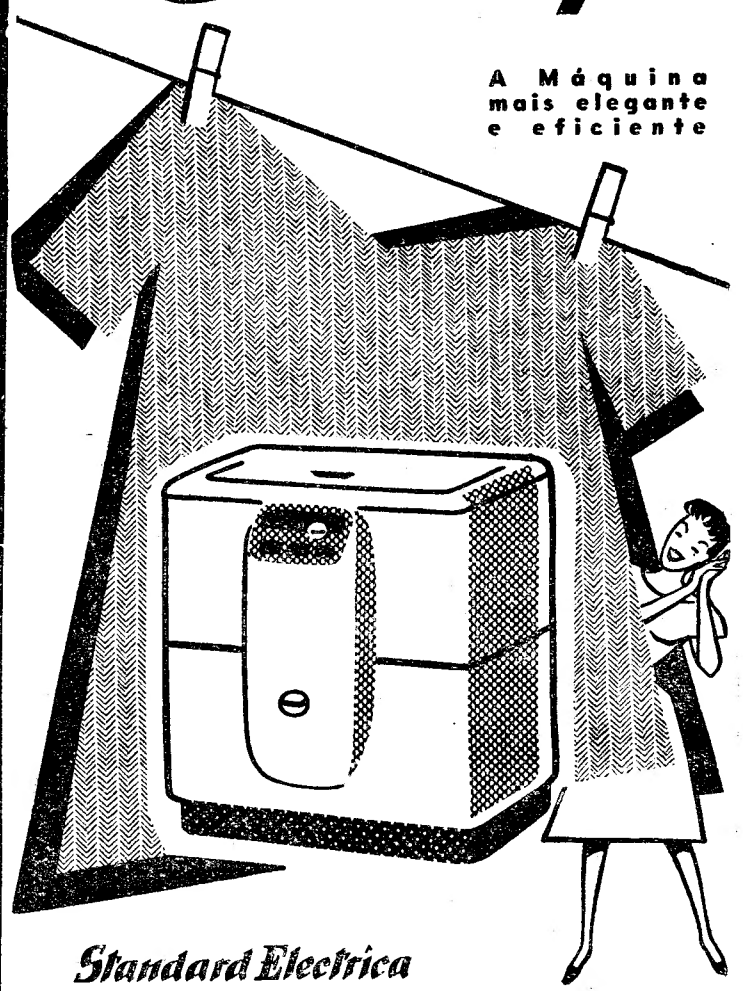
Preços módicos. T. 862151

Leiam o jornal humoristico

sempre fixe

Candy

A Máquina mais elegante e eficiente



Standard Electrica

AV. DA INDIA — LISBOA

EXPOSIÇÃO E VENDAS — RUA AUGUSTA, 19 — LISBOA

Distribuidor no Norte do País:

Empresa de Empreitadas de Electricidade, Ld.ª

RUA DO BOLHÃO, 61 — PORTO

AGENTES OFICIAIS EM TODO O PAÍS

LIMPIA Clube

ADULTOS — (Maiores 17 anos)

Empresa ANTÓNIO MARTINS

Telef. 367581

Permanente baile pela Orquestra Almeida Cruz

HOJE: ESTREIA DO ESCULTURAL

BALLET MAYTECHU

EM GRANDE ÊXITO: A FAMOSA PARELHA DE BAILE

PILAR MARTIN y JOSÉ LUÍS VEGA

EM BREVE: UMA ESTREIA DE SENSAÇÃO

Tágide

No Restaurante de bons «gourmets»

à saída do Teatro ou do Cinema

SERVIÇO ESPECIAL DE CEIAS

Das 23.30 ás 4 h. da manhã

Reservado o direito de admissão

LUSO

T. da Queimada, 8-A — Tel. 32889

Maiores 17 anos

Hoje (até de madrugada) cantam: **Alice Magina—Joaquim Silveirinha** — Maria Vicente — Manuel Hilário — Julieta Reis e o «ás» da boa disposição **Manuel Bogalho.** Acompanhamentos por António Couto e Amadeu Rami.

ATENÇÃO

ao Carnaval do Luso

MARCAM-SE MESAS

UM HOMEM SÓ

UM GRANDE EXITO DE UM AUTOR E DE UM ACTOR NO TRINDADE

HOJE ÀS 21.45 (12 ANOS)

AMANHÃ MATINÉE ÀS 16 H.

BUGIO

Telefone 043198

RESTAURANTE E SNACK-BAR

Pastelaria — Salão de Chá — Bilhares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.

Largo 5 de Outubro

STO. AMARO DE OEIRAS

LIDO

SANTO AMARO DE OEIRAS

Sábado 24, ás 21 h. Domingo «Matinée», e Soirée», baile pelo Conjunto Lido; Velez ao piano — grandes atracções para os 4 dias de Carnaval

Almoços; Jantares, e Ceias até ás 3.30 — Telefone 043094

MAIORES DE 15 ANOS

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P B X 29807

Uma pega 6$50

CAFÉ DE BALÃO

BAR-RIBATEJO Praça do Areeiro, 11-D

TEATRO MONUMENTAL T. 55133

ESPECTÁCULOS VASCO MORGADO, LDA.

HOJE ás 21.45 h. (Adultos M/17 anos)

ÚLTIMOS DIAS

O ÊXITO DE COLETTE

"GIGI"

IRENE COM

MILU * IRENE * PAULA

BENAMOR * MACIEIRA

HOJE E AMANHÃ À TARDE ÀS 18.30

UM ÊXITO!

PREÇOS: 3.º BALCÃO FRENTE, 5$00; 2.º BALCÃO, 10$00: PLATEIA, 15$00

(MAIORES 15 ANOS)

CARNAVAL

PROGRAMA

A atracção que deslumbra a Europa

LA CHUNGA

e o seu castiço conjunto de ciganos

A bailarina cigana que entusiasma Paris

A ORQUESTRA TROPICAL SHOW A PRINCESAH MENEN

TRIO THE MENPHIS O CONJUNTO SEM NOME

PEÇA O PROGRAMA NA BILHETEIRA

TARDES INFANTIS

PEÇAS PARA CRIANÇAS CONCURSOS DE MÁSCARAS

(Maiores de 4 anos)

NOS 4 DIAS

A NOITE ás 20.30 e 23.30 h.

INFANTIL ás 15 h. e 18 h.

Quando um filme, pelo seu nível de arte, pela sua expressão plástica, pela intensidade humana do seu conflito, pela gama da sua interpretação, transcende a rotina, como acontece com

POR AMOR DUMA RAINHA

— Em Agfacolor —
realizado por HAROLD BRAUN
e notàvelmente interpretado por

O. W. FISHER — ODILE VERSOIS — HORST BUCHHOLZ —

a sua publicidade deve limitar-se a recomendá-lo à atenção do público esclarecido

HOJE ESTREIA no IMPÉRIO

Distribuição SONORO FILME

(MAIORES DE 12 ANOS)

JARDIM CINEMA

SALÃO DE FESTAS MONUMENTAL — Telefone 681117

CARNAVAL

Colossal programa com um extraordinário elenco de variedades e duas orquestras que animarão com musica permanente os divertidos bailes no melhor e mais tradicional salão de Lisboa, que agora se apresenta 100% moderno e acolhedor

ARTUR RIBEIRO
o mais popular cantor e compositor de Rádio e Televisão

ANTÓNIO ALVARINHO a voz de oiro da Rádio e Televisão	**MARIA AMELIA CANOSSA** a princesa da Rádio e Televisão
ALMEIDINHA e DILMA Atracções brasileiras	**CONJUNTO SEM NOME** com os seus dinamicos ritmos

Animarão os grandiosos bailes as famosas orquestras

ESTEVÃO e sua Orquestra	Conjunto **BLUE STAR**

De madrugada o divertido cordão brasileiro animado pela dupla *ALMEIDINHA-DILMA*

TAVERNA SEVILHANA

HOJE — Baile de máscaras

Adultos—17 anos — Telef. 34982

A "BOITE" DA MODA E DOS MAIORES EXITOS

Sábados e Domingos

Matinées-dançantes das 18 ás 20 horas, com todo o elenco

Pasapoga

TELEF. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

HOJE: GRANDIOSA NOITE DE ESTURDIA

SENSACIONAL

BAILE DE MASCARAS

COM UM SELECTO E NOTÁVEL ELENCO DE ATRACÇÕES CUJA CLASSE NÃO ADMITE CONFRONTOS

CONSTANTE E SEU CONJUNTO
Uma novidade coreográfica que maravilhou o publico

O consagrado e dinamico **BALLET MILOS RISTIC**

e ainda **VITORIA PASTOR e ANTÓNIO ALVARINHO**

Musica permanente por **SÉRGIO E SUA ORQUESTRA**

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: — POR AMOR DUMA RAINHA — IMPÉRIO

SÃO LUIZ TEL. 27173
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
duma empolgante obra-prima
O HOMEM DE PALHA
com Pietro Germi, Franca Bettoja e L. Della Noce
Venda de bilhetes para o Carnaval

EDEN TEL. 20768
Emp. Lopo Lauer
15.30 - 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
2.ª semana da emocionante obra-prima em Eastmancolor
RAPARIGAS DE UNIFORME
com Romy Schneider e Lilli Palmer
Aluna e professora não souberam manter as distancias... Um tema forte e profundamente humano.

CONDES TEL. 22523
15.30 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
A vida de Modigliani, uma sublime história de amor
O VAGABUNDO DE MONTPARNASSE
com Gérard Philipe e Lilli Palmer

ODEON Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
Um romance adorável de sonho e poesia
AS RAPARIGAS DE IMMENHOF
com Angelika Voelkner e Heide Bruhe
Eastmancolor-Panoramico

LIZ TEL. 48560
As 21 (M/12 anos)
A RAPARIGA DAS VIOLETAS
Pai á força

RESTELO Telefone 610375
21.15 (M/12 anos)
Em panoramico
A PÉ, A CAVALO E DE SPUTNIK
com Noel-Noel

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
A FAMILIA TRAPP NA AMÉRICA
com Ruth Leuwerik

TIVOLI TEL. 50595
2.45 e 6.30 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/12 anos)
2.ª SEMANA
dum grandioso triunfo mundial
A POUSADA DA SEXTA FELICIDADE
Em Cinemascope — Cor de Luxe
com Ingrid Bergman e Curt Jurgens
Venda de bilhetes para o Carnaval
Amanhã ás 11 h. «Ela só dançou num Verão» — (M/12 anos).

POLITEAMA TEL. 26309
15.15 - 18.15 e 21.30
2.ª Semana triunfal do vibrante filme de amor, pecado e heroismo
3 encontros com o destino
com Robert Wagner, Dana Wynter, Jeffrey Hunter, Sheree North e outros
Cinemascope-Col. de Luxe
(Adultos — Maiores 17 anos)

ALVALADE Telefone 763081
15.45 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Uma história de amor... Um filme inolvidável!
O HOMEM DE PALHA
com Pietro Germi, Franca Bettoja e Luisa Della Noce
Venda de bilhetes para o Carnaval

MONUMENTAL TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
O mais alto grau de «suspense» e emoção jamais atingido em cinema
A MULHER QUE VIVEU DUAS VEZES
com James Stewart e Kim Novak
Venda de bilhetes para o Carnaval.

CINEMA IDEAL Telefone 24194
A's 21 (M/12 anos)
TENTAÇÃO VERDE
Mão negra

TERRASSE TEL. 20917
A's 21 (M/12 anos)
TOTÓ, FERNANDEL E A LEI
Kelly e eu

IMPÉRIO Tel. 55134-5
21.30 (M/17 anos)
ESTREIA
A extraordinária realização de Harold Braun, inspirada na sublime paixão de uma mulher
POR AMOR DUMA RAINHA
com O. W. Fisher e Odilo Verdis
Em Agfacolor
Bilhetes á venda para o Carnaval
A's 18.15, Despedida de «Amor de jornalista» — (M/12 anos)

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Cruel... Violento... Mas humano!
Peter Finch, Ronald Lewis, Maureen Swanson e David Mc Calum
A LEI DA VIOLÊNCIA
A história de um famigerado bandido que, apesar de tudo, possuía o seu código de honra!
EASTMANCOLOUR

ROMA Telefone 727778
15.30 - 18.30 (p. r.) 21.45 (M/17 anos)
Um trepidante romance de amor nos 4 cantos do Mundo
AMOR NAS NUVENS
Em Cinemascope e Eastmancolor
com Jeff Chandler e Lana Turner

AVIS Telefone 47163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Uma aventura macabro-cómica no país dos mistérios
ABBOTT, COSTELLO E A MÚMIA
Uma explosão de gargalhadas
E o doc. colorido «O tecto do Japão»

ROYAL TEL. 845037
Às 21 (M/12 anos)
QUO VADIS
com Robert Taylor

ULTIMOS DIAS!

NO TEATRO
MARIA VITORIA
Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Ld.ª»
Às 20.30 e 22.45 (Adultos—M/17 anos)
SALVADOR
APRESENTA EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES A REVISTA POPULAR
POR CAUSA DELAS...
AMANHÃ, ESPECTÁCULO À TARDE ÀS 16 HORAS

5 MESES DE TRIUNFAIS REPRESENTAÇÕES

ADULTOS M/17 ANOS

A SEGUIR
MAIS UM GRANDE ESPECTÁCULO DE
SALVADOR
A REVISTA POPULAR
ENCOSTA A CABECINHA E CHORA...

A «Companhia do Teatro de Sempre»
Subsidiada pelo Fundo de Teatro
Apresenta

Às 21.45 horas

AVENIDA

Empresa LAURA ALVES em colaboração com GIUSEPPE BASTOS
a admirável comédia romantica

O FIM DO CAMINHO

Espectáculo para maiores de 12 anos

AMANHÃ — ÀS 16 — ESPECTÁCULO À TARDE

VARIEDADES

EMP.ª TEATRAL AVENIDA, LDA. — Telef. 26037

ADULTOS M/ DE 17 ANOS

O maior êxito de revista dos últimos anos!!!

EM 2 SESSÕES: Às 20.30 e 22.45

COM JEITO, VAI!

A REVISTA EM QUE TRIUNFA
BEATRIZ COSTA!

AMANHÃ, ÀS 16 HORAS, ESPECTÁCULO À TARDE

Berta Loran em «Eu sou um fenómeno»

De ontem para hoje

TURISMO EXEMPLAR

FALA-SE muito agora de turismo e de apetrechamento turístico. Por toda a parte, o País dos Descobrimentos está a ser descoberto. Quais são as regiões mais preferidas? O tépido Oceano das praias algarvias? O violento mar dos areais do Norte? As terras sombrias e austeras das Beiras e Trás-os-Montes, os ridentes canteiros do Alto Minho, as alacres lezírias dos campinos? Por toda a parte, correspondendo ao interesse do turista, a terra vai-se açodando, vestindo de trajos novos para receber quem vem por bem. Diz-se isto tudo a propósito das notícias publicadas, a respeito da Urgeiriça. A terra é linda, de encanto suave. A gente é boa, cortês, hospitaleira. Mas nada disto, parecido com muito de algo que há no País, teria realçado o seu valor, se homens de pulso e visão esclarecida não tivessem chamado para ali a atenção e o gosto do turista. Há muitos anos que a Urgeiriça vem lutando pela sua posição no turismo internacional. E a posição conquistou-a justamente: o ano passado, a Urgeiriça. acusou nunca vista afluência de estrangeiros. Os Ingleses, sobretudo, preferiram-na. Por isso alguns lá foram construir suas casas. E por isso também as instalações hoteleiras se alargam e modernizam. O exemplo de Urgeiriça não será de rever e meditar?

FEIXE DE IMAGENS

A Associação dos Inquilinos Lisbonenses solidariezou-se com a exposição dirigida por um grupo de inquilinos ao ministro da Justiça, para que não sejam permitidas falsas interpretações da lei. A exposição refere-se, em especial, á maneira de evitar violências e esbulhos, cometidos á sombra de um artigo erradamente interpretado e largamente praticado.

*** Um inglês surgiu no aeroporto. Apresentou o passaporte e suportou com um sorriso o inquérito da Polícia Internacional que, de repente, lhe deu voz de prisão. Dizia ser Ernest William Townsand e ter 43 anos. Mas, pela ficha do aeroporto a polícia completou-lhe a identidade: há quatro anos, estivera hospedado num bom hotel da Baixa, onde como falso representante de uma firma de Caracas, burlou em 16 contos vários operários portugueses.**

*** O sr. Francisco Ferreira foi á Associação dos Inquilinos Lisbonenses falar do cooperativismo habitacional na Dinamarca. Apoia-o o Estado desde 1887, sendo possível fazer casas de rendas relacionadas com os vencimentos dos locatários. Para tanto, o próprio Estado concede empréstimos á taxa média de 2 por cento ao ano, amortizável em 45 on 60 anos, o que euqivale a uma subvenção de 4 por cento, visto que o mesmo Estado terá de pagar 6 por cento aos bilhetes de tesouro. Outras formas de empréstimo foram recordadas.**

*** A menina tinha 4 anos e os pais foram á sua vida. A menina era de Vale do Coelho (Alcongosta) e o pai chamava-se José Marcelino de Melo. Enquanto a mãe foi á fonte, a filha quis acender a lareira. A chama, porém, não se pegou á lenha mas aos vestidos da pequenina. E quando a mãe voltou toda a cozinha era uma grande chama a iluminar a sua dor, porque a menina morria daí a pouco.**

*** Os gatunos assaltaram a sede da Junta de freguesia do Monte da Caparica, donde roubaram objectos de escritório e mais 900$00; outros assaltaram a igreja de S. João Baptista (Runa) levando o cofre das esmolas e o azeite do culto; outros ainda, foram á escola da freguesia do Sobral de Casegas (Covilhã) levando todo o dinheiro das caixas escolares. Que mãos justiceiras hão-de castigar as mãos sacrílegas que roubam dinheiro aos pobres?**

*** As escolas não são atraentes? Falta-lhes luz, calor, imaginação e carinho do professor? A's vezes será assim. Pelo menos, a do Joaquim, filho de Marcelo Rosa (Sortilha) devia ser assim, porque ao menino nada ali o atraía. E antes queria ouvir cantar os pássaros, do que ouvir «um e um, dois»... O menino fugia para o campo, onde foram encontrá-lo, descalço, enregelado, cheio de fome e sem fala.**

*** António Francisco Pombo (46 anos, viuvo, Casal, próximo de Viseu) casou-se com Cecília de Jesus Amaral (45 anos, Travassô). Mas a mãe da noiva opunha-se ao casamento e quando após o acto nupcial o noivo ia pedir-lhe a bênção, achou a porta trancada e guardada por dois irmãos da Cecília. Houve balburdia, socos, pontapés, uma desordem em forma que acabou com meia duzia no hospital e o noivo na cadeia. E tudo isto por causa de uma bênção...**

JORNAL PEQUENO

INSCREVERAM-SE no livro de cumprimentos ao Presidente da Republica, o ministro da Marinha; o brigadeiro Eduardo Ferreira do Nascimento e dr. Campos de Figueiredo, e a direcção do Lisboa Ginásio Clube. * Com o Presidente do Conselho trabalharam os ministros da Presidência e Obras Publicas. * O «Jornal Oficial» publicou o decreto que autoriza a ratificação da Convenção geral franco-portuguesa, sobre assistência social e do acordo relativo aos abonos de família dos Portugueses que vivem em França e dos Franceses que vivem em Portugal. * Um menino de 6 anos (José Gouveia, filho de Guilherme Gouveia, Pisão, Gouveia) ao atravessar as alpondras, caíu ao Coja, acorrendo a ajudá-lo sua irmã Laurinda, que não sabendo nadar foi salva por outro irmão (outros o tinham visto, limitando-se a gritar). * Na Faculdade de Direito de Coimbra, inaugurou-se a I Semana de Estudos Doutrinários.

A INFLUÊNCIA do tempo nas culturas

Segundo o «Boletim Meteorológico para a Agricultura», a influência do tempo nas culturas, durante a ultima década do corrente mês, pode resumir-se como segue:

O tempo durante esta década, com períodos alternados de bom tempo e chuva, foi geralmente favorável ao desenvolvimento das culturas e á germinação das sementes ultimamente lançadas á terra. As forragens estão a dar bons cortes, sobretudo nas regiões do Norte, e o afilhamento dos cereais está a fazer-se normalmente.

A apanha da azeitona, as podas e empas, a limpeza das árvores e ainda algumas sementeiras serôdias prosseguiram em bom ritmo e foram pouco afectadas pela chuva. As lavouras, cavas e sachas prosseguiram em geral sem dificuldades, devido á boa sazão das terras na maioria das regiões do Continente.

Antevisão das condições meteorológicas médias, no Continente, até 5 de Fevereiro: temperatura do ar próxima da normal. Chuva e aguaceiros alternando com boas abertas. Vento predominante de Noroeste.

Contingentes anuais

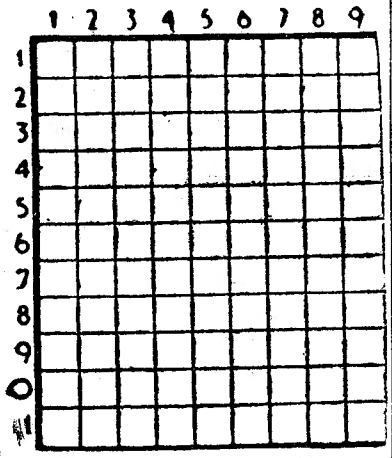
de importação de vários artigos ingleses

A Direcção-Geral do Comércio vai proceder á distribuição dos contingentes anuais para importação, do Reino Unido, de tubos de aço (canos ou tubos de qualquer secção com uma espessura de parede até 2,2 mm.), lã de aço e correias de transmissão e para transportadores de couro, borracha e balata. Os importadores interessados deverão apresentar os seus pedidos, na Repartição do Comércio Externo até 11 de Fevereiro próximo, em sobrescritos fechados, em que seja aposta, externamente, a indicação do contingente a que respeitam indicação esta que igualmente deverá constar nos respectivos boletins de registo. Os importadores com pedidos pendentes ou indeferidos deverão declarar, dentro do mesmo prazo, que mantêm as suas pretensões.

Palavras cruzadas

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3559



HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Itália. 2 — Artigo definido. Filtre. Nociva. 3 — Santo. Parceiro. 4 — Célebre pintor italiano da escola veneziana. 5 — Calcula. Lago salgado do Turquestão. 6 — Aplaude. 7 — Altar. 8 — Pedras de moinho. Arvore terebintácea. 9 — Tirano de Feras, na Tessália, de 370 a 357 A. C. 10 — De alto preço. Camareiras. 11 — Parecença. Santo. Batráquio.

VERTICAIS: 1 — Anais. Nome de um fruto. 2 — Partir. Fogaça. 3 — Animal feroz. Ente. 4 — Antes de Cristo. Cobre. Soberanos da Pérsia. 5 — Rilhou. Cetáceo da família dos delfins. 6 — A mim. Fronteira. Negativa. 7 — Nome de um fruto. Acrescentei. 8 — Bosque. Estacar. 9 — Santanário. Ofende.

Solução do problema n.º 3558

HORIZONTAIS: 1 — Emitiriam. 2 — Rima. Aria. 3 — Ema. Aru. 4 — Oó. Por. Ar. 5 — Quedo. 6 — Recuava. 7 — Cerre. 8 — An. Olé. Em. 9 — Ida. Cru. Lá. 10 — Real. Rema. 11 — Orlárâmos.

VERTICAIS: 1 — Ereos. Cairo. 2 — Mimo. Render. 3 — Imã. Ser. Aal. 4 — Tá. Cró. Lá. 5 — Loquela. 6 — Rã. Rua. Rá. 7 — Ira. Eva. Cem. 8 — Airada. Ermo. 9 — Mauro. Amuas.

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

O actor Eugénio Salvador vai desempenhar, na revista «Encosta a cabecinha e chora...!», em ensaios no Teatro Maria Vitória, as seguintes figuras: «O pai Adão», «Manuel», «Guarda-freio» e «Zé Nabo».

—Passou a intitular-se «Três em rodagem» a comédia em 3 actos, original de Henrique Santos, em ensaios no Teatro Avenida.

—«Cama, mesa e roupa lavada», de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, está a ser ensaiada pelo elenco do T. N. P., para subir á cena no Teatro da Trindade.

—Há negociações, para que a companhia de revistas do Teatro Variedades, se desloque ao Sá da Bandeira, do Porto, a fim de apresentar a revista «Com jeito vai».

—Será o actor Henrique Santana quem substituirá o seu colega Alves da Costa, no desempenho da comédia «A rainha do ferro-velho», quando da digressão pela Província da companhia Laura Alves.

—O actor Octávio de Matos, desistiu por agora, de regressar á Metrópole, prosseguindo na digressão que anda a efectuar, há cinco anos, pela província de Angola.

—Foi adiada para 27 do corrente a estreia, no Porto, do novo filme português «A costureirinha da Sé».

—Regressou a Lisboa o conjunto artístico da direcção do actor Camilo de Oliveira, que suspendeu a digressão que andava a realizar pela Província.

—A comédia «A madrinha de Charley», entrou em ensaios na TV, para ser apresentada em 10 do próximo mês.

Primeiras exibições

«O Vagabundo de Montparnasse», no Condes

Nos ultimos anos da sua vida, o grande Max Ophuls alimentou o sonho de filmar a vida do notável pintor Amadeo Modigliani. Seduzia-o não só a justa homenagem que se ia prestar ao grande pintor italiano mas, muito especialmente, o ambiente de Montparnasse dos anos 20 e 30, em que o pintor viveu. Ophuls pensava organizar uma nova «feérie» á maneira de «Lola Montez», e lançar nela a vida atormentada de Modigliani, o prodigioso da sua criação, e essa luta viva do artista para se impor a um meio hostil; hostil apesar de ser Paris... Mas Ophuls morreu sem poder realizar o seu projecto; e Jacques Becker, o conhecido realizador de «Aquela loura» e «Ultimo golpe», que fora um dos grandes combatentes na luta que se travou para que os produtores apresentassem de «Lola Montez» a versão planeada pelo seu autor (tal não aconteceu em Portugal, por exemplo), encarregou-se de o concretizar.

Os jornais falaram no escandalo que resultou da atitude de Becker, ao querer alterar os planos originais de Ophuls — o uso do preto e branco em vez da cor, por exemplo — mas esta «traição» não nos pode surpreender, pois, temos de dar a Becker o legítimo direito de adaptar o tema á sua sensibilidade e de o tratar como esta exige.

O facto é que, «Montparnasse 19» resultou num dos bons filmes de Jacques Becker bem dentro da linha que se definira, desde os tempos em que ainda era um discipulo de Jean Renoir.

Gérard Philip dá-nos um Modigliani convincente, ganhando mais uma vez o aplauso de todo o publico. A essa qualidade dispensável e por vezes prejudicial de galã Gérard Philip impõe o seu alto coturno de comediante. Anouk Aimé e Lili Palmer são dirigidas com esse tacto especial que Becker tem para lançar as suas vedetas. — *Visor 31.*

As estreias de hoje

No Império

Título — «Por amor de uma rainha».

Produção — Alemã.

Realização — Harold Braun.

Intérpretes — O. W. Fischer, Odile Versois e Horst Buchhols.

Argumento — Um emocionante romance de amor decalcado da própria História.

Processo — Agfacolor.

Classificação — Maiores 17 anos.

No Tivoli

Amanhã, sessão clássica com o filme sueco «Ela só dançou num Verão»

«Ela só dançou num Verão», que o Tivoli exibe amanhã, ás 11 horas, na sessão clássica, é uma obra profundamente sugestiva, pela frescura e pelo encanto do amor juvenil que canta, pela melancólica nostalgia da reevocação, pela tristeza poética que se encontra em cada tonalidade. Baseado no romance de Olof Ekstrom, grande prémio da literatura nórdica, em 1950, foi distinguido nos festivais de Cannes e Berlim, sendo considerado unanimemente uma obra-prima.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21.30 — «O processo de Jesus».
MONUMENTAL — As 21.45 — «Gigi».
AVENIDA — A's 21.45 — «O fim do caminho».
MARIA VITORIA — A's 20.30 e 22.45 — «Por causa delas...».
VARIEDADES — A's 20.30 e 22.45 — «Com jeito, vai !».
TRINDADE — A's 21.45 — «Um homem só».
A B C — A's 20.30 e 22.45 — «Vinho novo».
COLISEU — A's 21.30 — Nova Companhia de Circo.

CINEMAS

TIVOLI — «A pousada da sexta felicidade».
SÃO LUÍS — «O homem de palha».
SÃO JORGE — «A lei da violência».
IMPERIO — «Por amor de uma rainha».
EDEN — «Raparigas de uniforme».
POLITEAMA — «Três encontros com o destino».
CONDES — «O vagabundo de Montparnasse».
ODEON — «As raparigas de Immenhof».
ROMA — «Amor nas nuvens».
AVIS — «Abbot, Costello, e a múmia».
MONUMENTAL — «A mulher que viveu duas vezes».
ALVALADE — «O homem de palha».
OLIMPIA — Kronos».
RESTELO — «A pé, a cavalo e de Sputnik».
IDEAL — «Tentação verde».
PROMOTORA — «Lágrimas da ribalta».
CAMPOLIDE — «Justiça sem lei».

ABC

Carlos Coelho

EMPRESA TEATRAL ABC, LDA.
TEL. 366745

Às 20.30 e 22.45

O CARTAZ DA ALEGRIA

VINHO NOVO

PARA MAIORES DE 17 ANOS

AMANHÃ

ESPECTACULO ÀS 16 HORAS

HOMENAGENS

Coronel José Gonçalves Macieira Santos

A direcção da Casa dos Açores vai promover um banquete de homenagem ao sr. coronel José Gonçalves Macieira Santos, seu antigo presidente, que passou á situação de reserva, foi louvado pelo Governo e condecorado com a medalha de prata de serviços distintos.

A esta homenagem, para a qual já se inscreveram muitos Açorianos, podem associar-se também os amigos pessoais do sr. coronel Macieira Santos. As adesões recebem-se pelos telefones 50937 (Casa dos Açores) e 20158 («Gazeta dos Caminhos de Ferro»).

Sociedade de Geografia

O publicista sr. F. Alves de Azevedo faz na próxima segunda-feira, pelas 21 e 30, na sessão mensal da Sociedade de Geografia, uma comunicação, ilustrada com projecções, sobre: «A Turquia, nas suas características e grandeza, do passado, do presente e do futuro».

VIDA MUSICAL

Audição integral das Sonatas de Brahms

Paulo Manso e Nina Marques Pereira vão dar-nos a audição integral das Sonatas de Brahms, para violino e piano, transmitindo a Emissora Nacional, hoje, ás 20 horas a 1.ª Sonata.

Concerto gravado

No dia 26, ás 22 horas, haverá um concerto gravado na sede do Grupo Desportivo do Pessoal da Companhia das Telefones (no edifício da Rua Andrade Corvo), precedido de uma palestra pelo musicólogo dr. João de Freitas Branco, subordinada ao tema «Iniciação musical».

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
Rua do Carmo, 11

RESTAURANTE ALVALADE Telef. 779151
APRESENTA
VICTOR DEBELLO SHOW
Chás dançantes às Quintas, Sábados e Domingos
HOJE BAILE DE MÁSCARAS
ABERTO ATÉ AS 3.30 (Adultos M. 17 anos)

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

O Benfica «joga» em três campos

pensando na Covilhã e em Guimarães

O Belenenses e o F. C. Porto

têm duas delicadas tarefas

Amanhã, principia a grande fase do campeonato nacional da 1.ª Divisão è que apresenta, em certa medida, um aspecto «quase» decisivo para reforço das pretensões dos «encarnados» que, naturalmente, aguardam um deslize do Belenenses e do F. C. Porto. De uma maneira prática, pode dizer-se que o Benfica «joga» em três campos: no seu, na Covilhã e em Guimarães. Se ganhar, é caso para se afirmar que lhe saiu a «taluda»...

A jornada, a 18.ª, 5.ª da 2.ª volta, comporta os seguintes jogos:

Sp. Covilhã-Belenenses
V. Guimarães-F. C. Porto
Benfica-Torriense
Sporting-Lusitano
Académica-Barreirense
Cuf-Vitória de Setubal
Caldas-Sp. de Braga

As equipas «azuis» já sabem o que as espera...

O Guimarães e o Covilhã que só perderam, nos seus campos, uma e duas vezes, respectivamente, recebem dois aspirantes ao título — duas equipas «azuis».

O F. C. Porto, que em oito deslocações só ganhou três, terá pela frente um adversário dificil e que além de tudo pretende firmar-se no 4.º posto. Os Nortenhos terão de actuar ao ataque, á base de velocidade e destemor; caso contrário, dificilmente obterão os dois pontos.

O Belenenses, que registou 5 vitórias em 9 deslocações, parece mais apetrechado do que os «portistas» a despeito da subida de forma do grupo orientado por Adriano Peixoto. Com efeito, os serranos instalaram-se no 11.º lugar e, se vencerem, podem ascender ao 9.º ficando muito próximo do meio da tabela. Por conseguinte, o jogo para os Covilhanenses assume uma expressão de «mais vale agora do que mais tarde». Pensa-se, porém, na homogeneidade dos belenenses, na sua melhor capacidade ofensiva, e até na descontracção que os seus homens estão a revelar quando actuam fora de «casa».

Em conclusão, em duas tarefas muito dificeis, a do Belenenses afigura-se a mais fácil, relativamente. Seja como for, qualquer dos viajantes sabe o que o espera... Recorde-se que os visitados foram derrotados copiosamente na 1.ª volta.

Tranquilidade em Lisboa

O Benfica, que ainda não perdeu na Luz, recebe o Torriense, um dos membros da trindade dos ultimos. Os «encarnados» devem repetir o êxito de Torres (1-5), apesar de se prever uma réplica tenaz por parte dos visitantes. A forma do «guia» do campeonato afigura-se um tanto oscilante, mas não oferece de maneira nenhuma a perspectiva de uma surpresa. Portanto, amplo favoritismo a conceder ao Benfica.

O Sporting, afastado do título, procurará situar-se num lugar compatível com as suas tradições embora pense em descobrir uma nova estruturação com vista ao futuro. O Lusitano não parece destinado a repetir o empate da 1.ª volta. Prognóstico favorável aos «leões».

Académica e Caldas pensam em recoperar

Os ultimos classificados actuam nos seus ambientes por sinal contra dois adversários que ocupam posições, digamos, intranquilas. Pelas provas demonstradas no domingo julga-se que os estudantes e Caldenses são favoritos. Se tal se verificar, o campeonato redobrará de interesse.

No Barreiro, a C. U. F. recebe o Vitória. Trata-se de um jogo entre duas equipas despreocupadas e que é susceptível de proporcionar um embate de boa craveira técnica. A previsão de um empate é de admitir.

Prováveis formações

SP. COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Lorenzi, Cabrita e Lourenço; Pires ou Manteigueiro, Martinho, Ilo Caldas, Gabriel e Óscar Silva. BELENENSES—José Pereira; Pires e Carlos Silva; Carlos Manuel Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas, Yauca, Tonho, «Matateu» e Tito.

V. GUIMARÃES—Sebastião; Virgílio e Abel; Barros, Silveira e João da Costa; Bártolo, Edmur, Ernesto, Carlos Alberto e Romeu. F. C. PORTO — Pinho; Virgílio e Barbosa; Roberto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Carlos Duarte, Hernani, Noé, Teixeira e Perdigão.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Angelo; Neto, Artur e Alfredo; Cavem, Coluna, Águas, Hilário e Mendes. TORRIENSE — Montero; Amilcar e Mergulho; Helder, António Manuel e Forneri; Mário, José da Costa, Azevedo, Saldanha e Bezerra.

SPORTING—Octávio de Sá; Lino e Hilário; Julius ou França, Mourato ou Galaz e Mendes; Hugo, Ferreira Pinto, Tomé ou Vasques, Travaços e Quim. LUSITANO — Vital; Narciso e Paixão; Vicente, Falé e Garcia; Flora, Quinito, Caraça, José Pedro e Batalha.

ACADÉMICA — Gomes da Silva; Araujo e Bento; Gil, Marta e Torres; Samuel, Humberto, Rocha, André e Bentes. BARREIRENSE—Isidoro; Faneca e Abrantes; Correia, Pinto e Arturo; Oñoro, Godoy, José Augusto, Faia e Carlos Alberto.

C. U. F. — José Maria; Pimentel e Abalroado; Oliveira, Durand e Vale; Cravinho, Lucio, Bispo ou Quaresma, Orlando e Uria. VITÓRIA — Justino; Polido e Manuel Joaquim; Alfredo, Vaz e Serra; Mateus, Soares, Mendonça, Miguel e Inácio ou Virgílio.

CALDAS — Rita; Amaro e Anacleto; Orlando, Saraiva e António Pedro; João, Romeu, Janita, Mateus e Lenine. SP. BRAGA — Cesário; Armando e José Maria; Passos, Calheiros e Pinto Vieira; Rafael, Ferreirinha, Teixeira, Amador e Mendonça.

Didi

professor de futebol na Rússia?

MÉXICO, 24.—Segundo um jornal mexicano, o famoso jogador de futebol brasileiro Didi teria recebido uma proposta para ser «professor de futebol» na U. R. S. S. Os russos proporiam um ordenado de 400.000 cruzeiros por mês, alojamento e alimentação para o «professor», a mulher e a filha.—(F.P.)

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Os «guias» jogam em «casa»

mas terão de aplicar-se a fundo

O campeonato nacional da 2.ª Divisão caminha apressadamente para o termo da sua fase inicial. Já amanhã se efectuam os encontros correspondentes á 20.ª jornada, mantendo-se vivo o interesse do despique, com os concorrentes a quererem colocar-se nas melhores posições que possam estar ao seu alcance.

Na Zona Norte o programa apresenta-se assim:

Leixões (31)-Oliveirense	**(21)**	**(2-1)**
Boavista (28)-Chaves	**(21)**	**(0-0)**
G. Vicente (16)-Tirsense	**(21)**	**(2-2)**
Vianense (14)-Peniche	**(22)**	**(1-1)**
Espinho (20)-Marinhense	**(22)**	**(2-1)**
Vila Real (19)-Portaleg.	**(5)**	**(0-3)**
Sanjoan. (18)-Salgueiros	**(22)**	**(0-3)**

As equipas que mais justificadamente podem aspirar ao 3.º lugar, são todas visitantes, juntamente o «lanterna-vermelha».

Fácil é calcular, o proveito que amanhã poderá dar-lhes uma vitória no campo do adversário.

Para a Oliveirense e o Chaves não é de esperar que possam levar de vencida o Leixões e o Boavista, parecendo que o Tirsense, o Peniche, o Marinhense e o Salgueiros serão mais capazes de vencer (o que não quer dizer que vençam), embora tenha de admitir-se réplica esforçada dos adversários.

O Vila Real forma com o Leixões e Boavista o trio dos mais favoritos.

●

Na Zona Sul, os encontros previstos são os seguintes:

Atlético (34)-Farense	**(25)**	**(2-2)**
Oriental (19)-Arroios	**(17)**	**(3-0)**
Coruchense (10)-Sacav.	**(12)**	**(0-2)**
Serpa (14)-Almada	**(23)**	**(0-2)**
Juventude (17)-D. Beja	**(12)**	**(0-3)**
Portimon. (23)-Montijo	**(24)**	**(2-0)**
Olhanense (25)-Estoril	**(21)**	**(1-2)**

Os Lisboetas poderão assistir a dois encontros de muito interesse. O jogo da Tapadinha entre o «leader» e o terceiro classificado, tem inegáveis motivos de interesse, dada a magnifica carreira dos Farenses, desejosos de consolidarem a sua actual posição; mas os alcantarenses precisam de conservar o avanço para acautelar alguns jogos mais difíceis e sabem que o mais directo competidor — o Olhanense não deverá perder. Daí a perspectiva de uma boa luta, com favoritismo para o guia... apesar de tudo.

Outro jogo do maior interesse realiza-se em Coruche, pois os dois grupos estão á beira do abismo. Merecem favoritismo os locais.

Vem a seguir o jogo de Portimão prometedor de luta equilibrada e de resultado indeciso.

O Oriental, o Juventude e o Olhanense são, pois, os grupos mais capazes de ganhar.

Em Serpa tudo é possível.

Os Portugueses treinaram-se hoje

no percurso do «Cross de San Sebastian» e revelaram ligeireza de movimentos

(ESPECIAL PARA O «DIÁRIO DE LISBOA»)

SAN SEBASTIAN, 24. (Pelo telefone) — Nove países, entre os quais Portugal, estarão, amanhã, representados no «Cross de Lasarte», que se disputa nesta cidade e que é a mais importante competição internacional que se efectua em Espanha. Cerca de 50 corredores, incluindo os três Portugueses seleccionados — Manuel Faria, Joaquim Ferreira e José Araujo, os dois primeiros, do Sporting e o ultimo do Benfica — que chegaram aqui ontem, depois de uma viagem sem atritos em carruagem-cama — terão de percorrer 12 kms. num terreno já conhecido para os Lusitanos e que os técnicos espanhois reputam de ideal para este género de competição.

O favoritismo dos entendidos, que se deslocaram a esta cidade, recai, principalmente na equipa e no representante da Inglaterra, o extraordinário fundista Stan Eldon, campeão nacional do seu país e vencedor, no ano passado do «Cross das Nações». Espera-se, todavia, que o checo Miroslav Jarch (discípulo de Zatopek); Alain Mimoun (vencedor da maratona olímpica); Manuel Faria (duas vezes campeão da S. Silvestre); Van den Borre (subcampeão nacional da Bélgica) e o espanhol Amorós (o melhor fundista de Espanha) contrabalancem o favoritismo dado ao corredor inglês, que terá, portanto, de empregar-se a fundo para não ser batido.

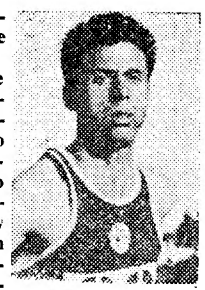
Os principais adversários dos Portugueses são, na verdade, as grandes 16 figuras, que representam os seguintes países: ESPANHA — António Amorós, José Molias e Garcia Perez; INGLATERRA — Stan Eldon, Alain Perkins e Basil Heatley; CHECOSLOVÁQUIA — Miroslav Jurek, Milos Tomas e Jerolsav Parelka; BÉLGICA — Van den Borre; Alonsins e Roelands; MARROCOS—Ben Alissa; HOLANDA—Van der Holven, Vandevelle e Hvylebroeck.

A equipa portuguesa, que veio acompanhada do vice-presidente da Federação, sr. Afonso Salcedo, treinou-se esta manhã no local da competição, a fim de contactar com o piso do terreno e, principalmente, com os obstáculos naturais. Tanto Manuel Faria, como Joaquim Ferreira e José Araujo, recompuseram-se rápidamente do ligeiro desgaste da viagem de comboio, tendo cada um deles feito um treino normal e produtivo a afirmar uma boa forma física.

O hipódromo de Lasarte apresentava, esta manhã, um aspecto algo diferente e interessante, pois a grande maioria dos participantes, envergando equipamentos dos mais variados tons, corre, aqui e acolá a estudar e a tirar partido de um troço do percurso mais difícil, sondando até com certa aplicação os obstáculos do terreno.

O campeão português, que tem já adeptos em todos os cantos do Mundo, foi logo de manhãzinha assediado pelos entusiastas que pediram autógrafos e fotos. Os seleccionados lusitanos que fizeram um treino muito util e que impressionou pela facilidade de passada— recolheram ao hotel depois de hora e meia de estudo e aplicação no local da corrida.

Manuel Faria, que em 1955 se classificou em 14.º lugar, lutando, então, com adversários de grande valia técnica, espera melhorar a sua classificação pois



Os três Portugueses que estão em San Sebastian para participarem no «Cross» de Lasarte» e que fizeram esta manhã um excelente treino a revelar as suas possibilidades naquela famosa competição, em luta com extraordinários corredores estrangeiros.

segundo nos disse está confiante, apesar de a sua forma não ser a ideal. Stan Eldon, Perkins, Amorós, Van den, Borre e Miroslav são adversários que não perdoam e que impõem respeito.

José Araujo, que já participou uma vez no «Cross» e se classificou em 24.º lugar, mostra-se animoso, se bem, que pense que a competição não é fácil, principalmente, devido ao ritmo de passada imposto pelos especialistas ingleses que são os grandes mestres no corta-mato. Todavia, no fundo do seu «coração de maraton» existe uma esperança de boa classificação.

Joaquim Ferreira, que se estreou o ano passado na competição com um 28.º lugar, espera demonstrar aos seus compatriotas, principalmente, os que nele confiaram que é capaz de arrancar um lugar mais apropriado com a sua actual boa forma. Fé não nos falta, oxalá a sorte esteja também connosco.

O «NACIONAL» da 3.ª Divisão

tem amanhã a 2.ª jornada

Prossegue amanhã, com os encontros correspondentes á 2.ª jornada, o campeonato nacional da 3 Divisão.

Estão previstos os seguintes desafios:

1.ª SÉRIE — Limianos- Paredes Murça-Régua, Mirandela-Bragança, Monção-Fafe.

2.ª SÉRIE — Agueda-Leça, Avintes-Beira Mar, Académico-Ovarense, Penafiel-Feirense.

3.ª SÉRIE — Cebolense-Académico, Cernache-Guarda, Mangualde-Mortágua, Lusitano-Castelo Branco.

4.ª SÉRIE — Marrazes-Mirense, Lousanense-Naval 1.º de Maio, Valado de Frades-Alcobaça, Marialvas-União Coimbra.

5.ª SÉRIE — «Os Leões»-Tramagal, Ferroviários-Torres Novas, Alhandra-Vilafranquense, Vitória-U. Operária.

6.ª SÉRIE — Cova da Piedade-Luso, Seixal-Amora, F. Benfica-Olivais, Sesimbra-Casa Pia.

7.ª SÉRIE — Estrela de Portalegre-Campomaiorense; U. Montemor-Estrela de Vendas Novas, S. L. Évora-Elves.

8.ª SÉRIE — Despertar-Silves, Moura-Louletano, Lusitano- de Vila Real-Aljustrelense, Sambrasense-S. Domingos.

Todos os desafios se realizam nos campos do clubes indicados em primeiro lugar, ás 15 horas, á excepção do de Évora, marcado para as 11 horas.

PROVAS DA A. F. L.

Os encontros de amanhã

A actividade dos filiados da A. F L., nas competições regionais que estão em curso, prevista para amanhã é a seguinte:

Campeonato distrital da 2.ª Divisão — União Povoense-Castelo, no «Telhal», ás 15 h.; Palmense-Fanhões, no campo «José Ramos», ás 15 e 30; Charneca-Ericeirense, no campo Chão do Loureiro, ás 15 h.; Amadora-Odivelas, na Amadora, ás 15 e 30; Santa Iria-Amoreiras, no campo «Reynolds», ás 15 h.

Campeonato distrital da 3.ª Divisão — Série A — Queluz-Belas, no campo «Marquês de Pombal» (Cacém); Lourel-Cacém, no campo «Arménio Fernando Luís»; Cascalheira-Algés, em «Pina Manique» (treinos); 1.º de Dezembro-Linda-a-Velha, no campo «Conde de Sucena»; Alto da Eira-Carcavelos, no campo «Alfredo Marques Augusto». Série B — Caneças-Povoense, no

(Continua na 13.ª página)

Jorge Barradas junto da sua ultima obra, uma das duas figuras de ceramica que a Camara Municipal encomendou para a Estufa Fria. Com três metros, unica no País pelas proporções, modelada directamente, a figura é o próprio símbolo da beleza, da serenidade e do equilíbrio. De uma extraordinária simplicidade, construída num jogo de linhas e volumes depurados e calmos, a figura contrastará com uma outra, mais barroca, dinamica e apaixonada. Jorge Barradas atingiu o ponto mais alto da sua carreira, tão pessoal é a sua linguagem plástica, tão completo é o seu domínio da matéria que trabalha, tão autentico e contemporaneo é o seu mundo policromado

O Cinema português instalou-se no Hotel Tivoli

O cinema português começa a vestir pelo figurino estrangeiro, tomando o gosto pelos interiores naturais e fugindo aos painéis pintados dos estudios. Assim, Augusto Fraga e a sua brigada técnica instalaram-se no Hotel Tivoli e ali estão a rodar algumas cenas do novo filme colorido produzido por Manuel Queirós, «O Passarinho da Ribeira», nas quais intervêm Deolinda Rodrigues, Leónia Mendes, António Silva, Paiva Raposo e o cómico brasileiro Spina. As luxuosas e modernas intalações daquele hotel, de bom sentido decorativo, prestam-se á maravilha para a cor e seria lamentável não as fixar no celuloide. E' verdade que há um contraste gritante entre a presença de duas mulheres do povo e aquele ambiente cosmopolita, que as atemoriza. Mas a cena, apesar de sentimental, tem o seu quê de cómico... como mais tarde se verá.

Alguns hóspedes espreitam interessados a complicada tarefa das filmagens e os técnicos procuram não prejudicar o ritmo impressionante da vida daquele grande hotel que, com a maior gentileza albergou o cinema em sua casa, sem intuitos especulativos, mas apenas para poder servir o cinema nacional — que tão precisadinho anda de boas vontades.

As novas instalações *do parque onde se prepara a vacina contra a varíola* foram inauguradas por dois membros do Governo

O Parque Vacinogénico, produtor de vacina contra a varíola, fundado em 1888, e que durante largos anos existiu em Almirante Reis e noutros locais, tem desde hoje a sua nova sede e os seus laboratórios, num excelente e moderno edifício, projectado pelos arquitectos Raul Tojal e Manuel Carvalho, na Estrada da Paiã, em Odivelas.

Presidiram ao acto inaugural os drs. Henrique Martins de Carvalho, ministro da Saude e Assistência, e José Gonçalo Correia de Oliveira, secretário de Estado do Comércio, e assistiram numerosas entidades oficiais e particulares. Foram recebidos todos, á porta do edifício pelos proprietários, sr.ª D. Primitiva Moniz Tavares e Mário Moniz Tavares de Matos Taquenho, e pelo director, dr. Fernando Teixeira.

Depois de cortada a fita simbólica, houve, no átrio, uma cerimónia.

O director agradeceu a presença dos dois membros do Governo, demonstrativa do alto interesse que lhes mereceu a renovação que o Parque acaba de levar a efeito nas suas instalações, criando uma sede dos seus laboratórios — a quarta — construida expressamente para isso.

Fez a história da varíola, um dos grandes flagelos da Humanidade que, até á descoberta da vacina, em 1776, pelo grande médico inglês Edward Tenner — que verificou que o «cwo-pox», uma vez inoculado no homem, o preservava da varíola — ceifou milhões de vidas. Generalizado no Mundo o combate á doença, este foi iniciado em Portugal, segundo uns, em 1779, segundo outros em 1800. Foram enviados para o Brasil negros vacinados; em 1804, a Faculdade de Medicina de Coimbra começou a propaganda da vacinação e promoveu a ida de médicos ao estrangeiro para estudo dos métodos empregados; em 1805, fizeram-se no Estado da India as primeiras vacinações, combatendo as grandes epidemias que dizimavam a população; nesse ano, o principe regente — mais tarde D. João VI — fez vacinar os seus filhos; em 1812, a Academia Real das Ciências de Lisboa inaugurou a «Instituição Vacínica», mais tarde transformada no «Serviço Vacínico», que durou até 1860; em 1869, a Sociedade de Ciências Médicas nomeou uma comissão para estudar e estabelecer uma instalação produtora de vacina animal «cow-pox», já em uso em quase todos os países da Europa; o professor Sabino de Sousa inoculou vitelas com «cow-pox»; o dr. Oliveira Castro criou o Instituto de Leça da Palmeira, para a cultura de vacina animal; e ainda foi fundado outro Instituto em Lisboa, pelos drs. Joaquim Evaristo e Carlos Barral Filipe, que, como os outros suspendeu a sua laboração pouco depois de inaugurado.

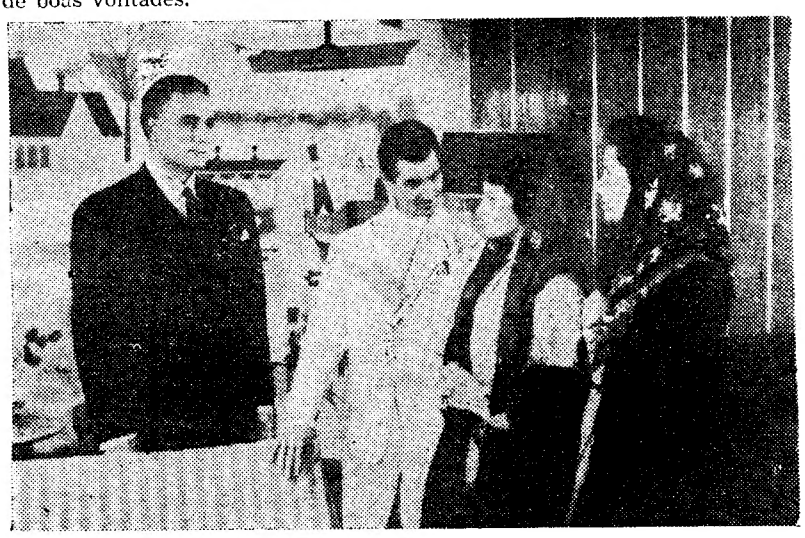
— Finalmente — disse — em Janeiro de 1889 o Parque Vacinogénico de Lisboa, fundado pelo dr. Carlos Moniz Tavares, abria as suas portas na Rua de S. Bernardo, á Estrela, pondo á disposição do publico vacina animal «cow-pox», cuja preparação se viria a fazer ininterruptamente até hoje; pode afirmar-se, com modesto, mas desvanecido orgulho, não se ter registado até hoje, um unico desaire que pudesse levantar duvidas sobre a técnica ou os cuidados indispensáveis á preparação da sua vacina. Logo a seguir, em 1890 o Instituto Vacínico Portuense passou a fornecer o publico, também de vacina animal «cow-pox», podendo da mesma forma desvanecer-se com a eficiência da sua vacina, o que muito grato me é constatar. Reverte, portanto, a favor do dr. Carlos Moniz Tavares, a glória de ter sido o primeiro médico português, que em Portugal, logrou cultivar a vacina «cow-pox» em condições de lhe assegurar uma perfeita eficiência, e que ao longo de 70 anos tem ajudado a combater um dos maiores flagelos que têm afligido a Humanidade.

Depois de o orador acentuar que «foi possível ao Parque Vacinogénico, desde sempre, dar plena e imediata satisfação ás necessidades no território nacional, mesmo durante os mais intensos surtos epidémicos», o sócio-gerente, sr. Mário Moniz Tavares de Matos Taquenho traçou as biografias do general dr. Carlos Moniz Tavares e do dr. Carlos Barral Moniz Tavares, seu avô e seu tio, tendo sido, depois descerrada uma lápida, com as seguintes palavras:

«Este Parque Vacinogénico foi fundado em 1888, pelo general-médico dr. Carlos Moniz Tavares (1844-1922) e foi seu segundo director o dr. Carlos Barral Moniz Tavares (1878-1958), a cuja inexcedível dedicação se ficou devendo um progresso constante e este edifício, onde a sua obra será continuada».

Em seguida, foram visitadas as instalações do Parque: os laboratórios; os estábulos para as vitelas; a vidraria, para fabrico dos tubos para as vacinas delas extraídas; as casas de venda; os gabinetes médicos; as dependências da administração, e a sala de vacinação.

Terminada a visita, os proprietários e os dirigentes do Parque foram felicitados pelos mombros do Governo e pelas outras entidades, pela excelente organização que tiveram ocasião de apreciar e pelos valiosíssimos serviços que aquele tem prestado e vai continuar a prestar á saude publica e, portanto, a toda a população e ao País.



Deolinda Rodrigues, Leónia Mendes, Spina e Paiva Raposo numa das cenas filmadas esta tarde, no Hotel Tivoli

Os draga-minas da marinha alemã chegam dia 27 ao Tejo

Os navios que constituem a 2.ª Esquadra de Draga-minas da República Federal Alemã, sob o comando do capitão de fragata Ervin Rau, os quais foram obrigados a arribar ao porto de Cherburgo, por causa do temporal no golfo da Biscaia, fizeram-se hoje ao mar, segundo comunicação oficial recebida na Embaixada alemã pelo respectivo adido naval.

A divisão de draga-minas deverá dar entrada no Tejo, na terça-feira, ás 9 horas, efectuando-se nesse mesmo dia os cumprimentos oficiais.

No dia seguinte, o sr. adido naval da Alemanha oferece um almoço aos comandantes dos draga-minas e a alguns oficiais portugueses.

Pontecorvo que fugiu em 1952 para a União Soviética pensa voltar à Itália

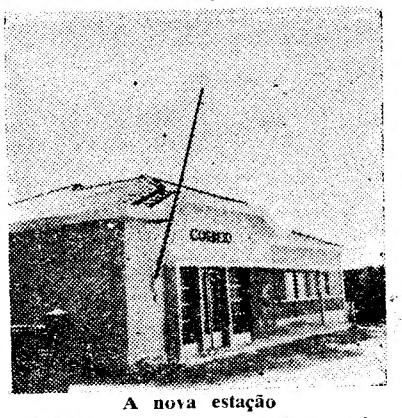
MOSCOVO, 24. — O cientista nuclear Bruno Pontecorvo, que fugiu da Inglaterra para a Russia em 1952, fez declarações aos jornalistas ocidenatis que visitaram o centro de investigação nuclear de Dubno, situado 130 quilómetros a noroeste de Moscovo. Pontecorvo disse que está a realizar investigações muito interessantes no domínio da física de alta tensão.

Quando um jornalista britanico perguntou ao cientista de origem italiana se sentia saudades da Inglaterra, Pontecorvo respondeu:

«Gosto muito do povo britanico. Podemos ter confiança nos Ingleses. Gosto do seu espírito e do seu sentido de humor». E acrescentou: «Tenho muitos amigos na Inglaterra».

Depois, tendo-lhe sido perguntado se sente saudades da Itália, respondeu constrangido: «Saudades, nostalgia? Que querem dizer? Aqui é o meu lar». E apontou uma casa de dois pisos, pintada de amarelo, onde se via roupa lavada a secar, na varanda. A seguir, acrescentou: «Mais tarde ou mais cedo, voltarei para a Itália. Mas, de momento, não tenho quaisquer planos». — (A. N. I.).

FOI INAUGURADA em Constança a nova estação dos C.T.T.



A nova estação

CONSTANÇA, 24. — (Pelo telefone) — Esta florescente vila ribatejana vê agora realizado um importante melhoramento, que constituia uma das suas grandes aspirações — a nova estação dos C. T. T., hoje inaugurada com a presença dos representantes do chefe do distrito, da Administração dos C. T. T., autoridades locais e outras entidades.

O novo edifício, construido, para arrendamento aos C. T. T., pelo sr. dr. José Eugénio de Campos Godinho, inclui moradia para o chefe da estação. As instalações, modernas, com todos os requisitos de técnica e conforto, correspondem ás exigências do serviço e do movimento sempre crescente.

A nova estação fará todo o serviço de correios, e as condições de horários foram sensivelmente melhoradas, especialmente as das comunicações telefónicas, que passam a ter aceitação das 8 ás 24 horas.

O distrito de Viana passará a consumir energia eléctrica produzida em Portugal

VIANA DO CASTELO, 24.—(Pelo telefone) — Graças aos esforços das entidades oficiais do Alto Minho, e do governador civil sr. eng.º Reis Faria, o importante problema do fornecimento de energia eléctrica a todo o distrito de Viana, foi agora solucionado. As duas grandes empresas União Eléctrica e Cnenop chegaram a acordo e, até ao fim do mês corrente, aguardava-se a vinda a esta cidade dos respectivos técnicos, para concretizar o plano dos trabalhos já traçados. Na concessão dada á Empresa Hidro-Eléctrica do Cora, a qual agirá em colaboração com aquelas empresas, todo o distrito receberá, até ao fim de Dezembro do corrente ano, energia eléctrica nacional, incluindo os concelhos de Valença do Minho, Monção e Melgaço, os quais, como se sabe, são presentemente abastecidos por corrente cedida de Espanha.

Brevemente, serão iniciadas obras de grande vulto, nomeadamente, os aproveitamentos hidroeléctricos do rio Cora, com a concessão da barragem de Vilar de Mouros no concelho de Caminha, cuja produção, segundo nos informam, excederá as necessidades do consumo.

A REFORMA das Faculdades de Letras

Temos em nosso poder, há dias, um artigo do nosso prezado colaborador sr. dr. Rui Grácio, relacionado com a sua série que publicamos, subordinado ao tema «A reforma das Faculdades de Letras» e a nota que, a esse propósito, nos enviou o Ministério da Educação. Por absoluta falta de espaço, todavia, ainda não nos é possível publicar hoje o referido artigo.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: máxima, 17°,2; mínima, 12°,7. No mesmo dia do ano passado: máxima, 12°,7; mínima, 7°,1.

As temperaturas observadas hoje, ás 9 horas, na Costa do Sol, foram as seguintes: no ar, 15°,1; na água do mar, 13°,7.

Os alunos da Faculdade de Ciências vão pedir ao conselho escolar que não elimine as 2.as chamadas

A Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa está a procurar solucionar, a contento dos alunos daquele estabelecimento de ensino superior, o problema das segundas chamadas, que foi equacionado recentemente, quando, pouco antes de sair o calendário dos exames da 1.ª frequência, se anunciou que deixara de existir o regime de 2.as chamadas, salvo para casos xcepcionalíssimos.

Como se sabe, naquela Faculdade, funciona o sistema de «cadeiras» e é vulgar acontecer que um aluno frequente uma «cadeira» de cada ano do seu curso e, nesta conformidade, é natural que venham a coincidir, ou ficar demasiado próximas, as datas dos exames de frequência.

Este facto e outros, como seja o coso do aluno que, não se sentindo bem preparado para a 1.ª chamada, deixa o seu exame para uma 2.ª chamada, na qual já poderá prestar uma prova mais brilhante, levaram a Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências a apresentar um parecer ao conselho escolar, solicitando a permanência do regime de 2.as chamadas. O parecer foi bem acolhido e o conselho escolar, para esta 1.ª frequência, adiou a entrada em vigor da nova medida, permitindo que, mais uma vez, funcionasse o velho sistema.

Hoje, a Associação voltou a reunir-se para preparar uma nova moção, na qual pedirá ao Conselho Escolar para que o antigo sistema se prolongue pelo menos, por todo este ano e, entretanto, se elabore um novo regime de exames que se adapte melhor ás exigências do citado conselho e ás conveniências dos alunos.

O dr. Azeredo Perdigão regressou hoje a Lisboa

No avião dos T. A. I. P., regressou esta tarde a Lisboa o sr. dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Gulbenkian, acompanhado pelo nosso estimado camarada de Imprensa Luís Teixeira e pelos jornalistas brasileiros José Soares e Orlando de Abreu, todos eles membros da delegação das Misericórdias da Metrópole que visitaram a India Portuguesa.

O sr. dr. Azeredo Perdigão teve no aeroporto uma afectuosa recepção, que lhe foi dispensada por membros da Fundação Gulbenkian ali presentes e da comissão das Misericórdias. O ministro dos Negócios Estrangeiros fez-se representar pelo seu secretário, sr. dr. Leonardo Mathias.

O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

BAIXELAS DE PRATA

TODOS OS ESTILOS
FABRICO PRÓPRIO
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Tel. 24564

Vai à Terra Nova

a comandar um arrastão

um marinheiro humilde

que começou como moço-pescador

Humberto Martins

Começou hoje a largada dos primeiros arrastões para a campanha da pesca do bacalhau nos mares da Terra Nova e da Gronelandia.

Sairam do Tejo o «João Corte Real» e «João Alvares Fagundes», que vão empreender a primeira campanha deste ano. Pertencem ambos á Sociedade Nacional dos Arrastões de Bacalhau e têm como comandantes, respectivamente, os capitães srs. José Angelo Simões Ramalheira e Gilberto Manuel dos Santos Morgado, ambos naturais de Ilhavo. Amanhã partem mais dois arrastões, também da mesma empresa, «Fernando Lavrador», sob o comando do sr. João Simões Ré, igualmente de Ilhavo, e «Alvaro Martins Homem», cujo comando foi entregue ao sr. Humberto Martins, natural de Moncarapacho (Algarve), que, pela primeira vez, se faz ao mar com a inteira responsabilidade de um navio.

O prémio de uma vida dedicada às empresas do mar

Filho de um humilde pescador, com a atracção do mar, o capitão Humberto Martins preparou-se para a sua árdua tarefa na Escola Profissional de Pesca, em Pedrouços, onde frequentou o curso de moço-pescador, revelando-se aluno inteligente e dedicado.

O seu primeiro embarque foi em 1941, no lugre «Milena», e, ainda como moço-pescador, fez a campanha desse ano.

De regresso ao Tejo, o respectivo comandante apresentou ao respectivo estabelecimento de ensino um expressivo relatório sobre as aptidões, a aplicação e o exemplar comportamento do excelente aluno durante a viagem, cujas qualidades, salientando-se, não só a sua notável adaptação á dura vida do mar, como os dotes de inteligência, capacidade de trabalho e espirito de disciplina.

Assim, o Grémio dos Armadores da Pesca do Bacalhau, que, num propósito louvável de estimulo e aproveitamento de decididas e produtivas vocações, concede bolsas de estudo ao melhor aluno em cada ano lectivo, distinguiu Humberto Martins. Com esse auxilio, foi-lhe possível completar o curso dos liceus, e depois o da Escola Náutica, que concluiu com altas classificações.

Em 1950, matriculou-se como piloto do arrastão «Alvaro Martins Homem», ascendeu ao lugar de imediato e amanhã parte para a árdua campanha bacalhoeira como capitão do mesmo navio — o que representa o justo prémio de uma vida de trabalho persistente e da decidida vocação para as empresas no mar de um marinheiro, filho de humilde pescador, que pode ostentar com legítimo orgulho os seus galões de capitão, ganhos pelo seu esforço e honrado labor.

*

Os restantes arrastões da frota bacalhoeira empreenderão a viagem em Fevereiro.

Homenagem

na estrada ao campeão

LONDRES, 24. — A árvore contra a qual se despedaçou o «Jaguar» do corredor Mike Hawthorn, na estrada de Guildford, foi ontem local de peregrinação para os automobilistas e uma multidão de curiosos.

Ao fim da tarde de ontem, as coroas de flores amontoavam-se no local onde o campeão do Mundo encontrou a morte ao regressar a Londres a toda a velocidade.

A afluência foi tal, que a Polícia teve de intervir para fazer circular os peões e automobilistas, ao mesmo tempo que cantoneiros de Guildford arrancavam a árvore, a fim de tornar menos visível o local do acidente. — (F. P.).

Prof. Marcelo Caetano

Teve a amabilidade de vir ao «Diário de Lisboa», a fim de nos apresentar cumprimentos, o sr. prof. dr. Marcelo Caetano, novo reitor da Universidade Clássica de Lisboa, a cuja nomeação nos referimos com as palavras de justiça que lhe eram devidas.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era moderado ou forte de Sueste. O céu estava muito nublado por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de um anticiclone centrado sobre a Península Ibérica.

Temperaturas ás 9 horas: Funchal 15°; Lisboa e Faro, 13°; Porto, 16°; Coimbra, 17°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu geralmente muito nublado, vento moderado, por vezes forte, de Sueste. Possibilidade de chuva fraca.

Centenas de trabalhadores

mantêm-se inactivos

pelas cheias no Ribatejo

que parecem com tendência a diminuir

(Continuação da 1.ª página)

saparecer. Conseguiu ainda manter-se por algum tempo a flutuar e, atraida pelos seus aflitivos gritos de socorro, uma outra bateira, manobrando dificilmente sob a tormenta, alcançou-o já quando as derradeiras forças lhe faleciam.

Conduzido para terra, levaram-no ao hospital, onde, depois do tratamento, ficou internado.

A' hora a que telefonamos, os corpos dos três infelizes pescadores ainda não apareceram.

O drama causou profunda consternação, principalmente nos meios marítimos e entre os pobres pescadores, mais uma vez atingidos pelos duros golpes do mar traiçoeiro.

A cheia do Tejo

SANTARÉM, 24 *(Pelo telefone)*. — A subida das águas do Tejo, que, ás 9 horas de hoje, atingiam 6,78 metros, tem provocado o aumento, em volume e extensão, das inundações na campina ribatejana.

A cheia mantém interrompidas as estradas de Pombalinho, Azinhaga, Golegã, Dique dos Vinte e Alcanhões; e, desde esta madrugada, não há comunicações com Valada do Ribatejo. Até agora, contudo, mantém-se, felizmente, praticável ao transito a estrada de Almeirim.

Assinalam-se grandes prejuizos na lavoura, pois estava já feita grande parte das sementeiras, e, a prolongarem-se as inundações, perder-se-ão totalmente. Há centenas de trabalhadores na inactividade. Contudo, a cheia não surpreendeu as populações ribeirinhas, já acostumadas ao flagelo, e puderam retirar a tempo os haveres e os gados das zonas ameaçadas.

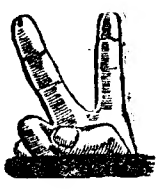
Segundo nos informa a secção de Hidráulica do Tejo, embora se verifique o aumento no caudal do Tejo, em Santarém, as escalas hidrométricas em Vila Velha de Ródão e na Barquinha acusam grande diminuição de volume das águas, as quais atingiam, na Vila de Ródão, ás 3 horas, 9,2 metros; ás 6, 8.6 metros; ás 9, 8 metros. Na Barquinha, a escala assinalava: ás 3 horas, 6,8 metros; ás 6, 6,78; ás 9, 6,68; e em Santarém, ás 3 horas, 6,68 metros; ás 6, 6,79 metros e ás 9, 6,78 metros.

O tempo tem melhorado ligeiramente, sem chover, desde ontem, o que, certamente, contribuirá para uma diminuição do caudal do rio.

Grande enchente na albufeira da barragem de Montargil

MONTARGIL, 24. — O temporal tem assolado violentamente esta região. O rio Sor e os seus afluentes têm causado grandes prejuizos em hortas e pomares. O transito está interrompido entre esta vila e Ponto do Sor, pois a água subiu mais de um metro acima da ponte de ligação.

A albufeira da barragem regista a sua maior cheia de sempre, proporcionando imponente espectáculo.



Pasta Medicinal Couto

TRATA — **Gengivas descarnadas ou sangrentas**

EVITA — **Estomatites mercuriais ou bismuticas**

MATA — **Os micróbios da boca**

A PESETA

será convertível?

MADRID, 24. — Soube-se de fonte oficiosa, depois do Conselho de ministros que terminou a noite passada, que a Espanha não se orienta para uma desvalorização da peseta, mas prepara a sua convertibilidade no ambito das medidas tomadas recentemente por outros paises europeus.

O ministro do Comércio, Alberto Ullastres, pronunciará provàvelmente um discurso para definir os principais pontos da nova política monetária, a qual, segundo se crê, responderá á necessidade de preparar a Espanha para entrar no Mercado Comum dentro de alguns anos. — (F. P.).

Raptos de bebés

em Nova York

NOVA YORK, 24. — Agentes federais e estaduais efectuaram hoje rusgas no bairro espanhol desta cidade, procurando encontrar o segundo bebé raptado em 15 dias. Procuravam uma mulher, descrita como porto-riquenha ou cubana.

A Repartição Federal de Investigações (F. B. I.) participa oficialmente nas buscas. A Polícia instalou um telefone especial e fez um apelo para que lhe fossem prestadas informações, como aconteceu ultimamente, facto que lhe permitiu solucionar o caso do rapto de um bebé registado recentemente num hospital de Brooklyn. — (R.).

AUTOMOBILISTAS !

Pratex resolverá alguns problemas dos cromados!

Em 3 linhas

Foram publicadas disposições atinentes á execução do decreto-lei que criou os comandos navais de Angola e Moçambique.

///

Foi reforçada, com 250 contos, a comparticipação de 1.440 para a construção da igreja paroquial da Amadora.

///

Foi publicado o anunciado decreto que cria, na dependência do ministro da Defesa Nacional, as Comissões Directiva e Executiva de Educação Física e Desportos das Forças Armadas.

///

De Janeiro a Novembro de 1958 os rendimentos cobrados na circunscrição aduaneira de Lisboa foram de 1.576.879 contos, mais 84.715 que em igual período de 1957.

Diàriamente

massagem-fricção

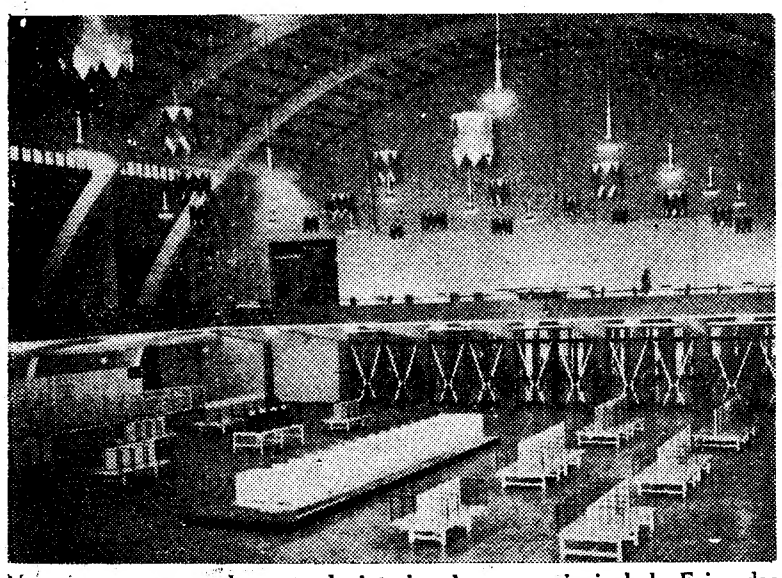
PANTÈNE

LOÇÃO CAPILAR VITAMINADA : O TRATAMENTO DO CABELO

A 31.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa

principia esta tarde, na Feira das Industrias e deverá constituir acontecimento de excepcional relevo

O «Diário de Lisboa» patrocina o grande certame



Um vistoso aspecto de parte do interior da nave principal da Feira das Industrias Portuguesas, vendo-se o local reservado para os cães

Principia esta tarde, no pavilhão da Feira das Industrias, coberto, aquecido e perfeitamente adaptado, a 31.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa, organizada pela secção de canicultura do Clube dos Caçadores Portugueses.

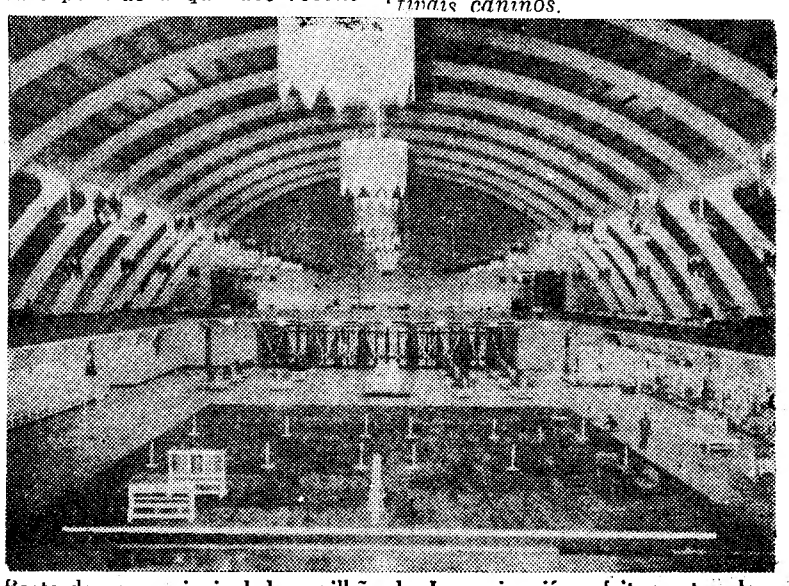
Ao dar o seu patrocinio á iniciativa, o «Diário de Lisboa» fê-lo com a certeza de que o certame vai ao encontro das preferências de grande parte do seu publico e, também, com a convicção de que o acontecimento redundará num êxito absoluto.

Pela primeira vez realizada no Inverno e em recinto coberto e aquecido, a Exposição Canina Internacional despertou excepcional interesse entre os canicultores portugueses e estrangeiros que acorreram em grande numero. Na verdade, o amplo pavilhão da Junqueira, perfeitamente adaptado, oferece as melhores condições até agora conseguidas em Portugal para manifestações do género.

A exposição, como temos noticiado, é valorizada com um conjunto de numeros complementares, dos quais se destacam: uma demonstração de artigos relacionados com a vida canina (alimentação, veterinária, caça, pesca, etc.); a exibição, em provas de trabalho, pela primeira vez em Portugal e em publico, de dez cães-policias adquiridos recentemente na Alemanha, pela Guarda Nacional Republicana, e de um cão-policia do Exército; e a eleição dos melhores cães e casais nacionais e estrangeiros e do melhor exemplar de caça.

Ao longo da espaçosa galeria foram colocadas mesas para serviço permanente de restaurante, chá e «bar». O publico não tem, pois, necessidade de deslocar-se para tomar as suas refeições, acompanhando directamente todas as peripécias do espectáculo.

Quer no aspecto desportivo, como no mundano, a exposição promete ser, efectivamente, um acontecimento de raro nivel, que terá a tradicional presença de um publico muito elegante, em que predomina o sector feminino, sempre tão entusiasta pelos festinais caninos.



Parte da nave principal do pavilhão da Junqueira, já perfeitamente adoptada para a Exposição Canina Internacional que hoje principia. Ao centro, o grande estrado onde decorrerão os concursos

Lista geral dos concorrentes

Publicamos, a seguir, a lista geral de concorrentes, com indicação dos expositores e dos exemplares que apresentam.

O numero de animais apresentado por cada expositor, em referência a cada variedade, incluindo os exemplares inscritos na classe de ninhadas, está assinalado entre parentesis.

1.º GRUPO

Cães portugueses de guarda e utilidade

Cães de água:
Canil Algarbiorum (6).
Cão de Castro Laboreiro:
Eng. José de Melo e Castro Ribeiro Lebre (1), D. Maria Antónia Cabral (1).
Cão da serra de Aires:
D. Luís Manuel da Costa (Mesquitela) (1), Fernando de Almeida Azevedo (2), José Manuel Varela Santana Miranda (1), D. Maria Isabel Sales Ludovice de Gusmão (1).
Cão da serra da Estrela — pêlo comprido:
Jaime de Freitas Caldas (4), António Ferreira de Almeida (2), Manuel António Ribeiro da Silva Fontes (1), dr. Lopo Cancela de Abreu (5), Mário Formosinho Sanches (1).
Cão da serra da Estrela — pêlo curto:
D. Isabel Maria Cardoso Fiadeiro (1).
Rafeiro do Alentejo:
Manuel Carvão Guimarães (2), Sérgio Bensaude (1), António Couto Pinto (2), D. Luís Ervideira (2).

2.º GRUPO

Cães estrangeiros de guarda e utilidade

Cão de pastor alemão:
Fernando Arinto David (4), dr. Anibal da Gama Caeiro (1), Mme. Genevieve Koppens (1), Carlos Manuel Dias de Almeida (1), Guarda Nacional Republicana (10), Exército Português (1), D. Guilhermina Jardim Ferreira (1), eng.º Luís Nunes da Silva, Bento Rosado (1), Orlando Martins Grave (1), Francisco José Trindade Caeiro (1).
Cão de pastor belga:
Nuno Cardoso (1), José Manuel Lisboa Valério da Silva (1).
«Collie»:
Menina Maria Adelaide da Cunha Neves Leonardo (2), menino Vitor Manuel Sanches Principe Rosado (1).
Cão esquimó:
D. Maria Julia Ribeiro Andrea (1).
«Boxer»:
D. Julia Gomes (1), menina Maria Adélia Alves Dinis Ferreira (1), dr. Rui Manuel de Jesus Ribeiro (1), A. Mineiro (5), eng.º João Carlos Posser Madeira Pinto (1), D. Helena Quartin Graça (1), João Maria de Mascarenhas Vasques (1), conde de Almada (2), Carlos David Kolb da Silva (1), João José Charters de Azevedo Taborda (1), dr. Jorge Rosa de Oliveira (1), D. Maria Amélia de Melo (1), Sérgio Martins Ribeiro Gomes (1), dr. Arlindo Spinola Simões (1), António Loureiro Alves Junior (1), António Dart da Costa (1), D. Maria de Sotto-Maior e Abreu (5).
«Bulldog»:
Dr. Artur Condorcet Bruto da Costa (1), comandante Rui Cesário (1).
Cão de São Bernardo:
Sérgio Geraldes Barba (1).
«Dobermann»:
José Manuel de Sousa Pereira (1), dr. José Chaves Ferreira (1), D. Luís Maroñes Pintos (1).
«Dogue» alemão:
João Coelho da Silva Gil (1), João Manuel Ribeiro da Fonseca Calisto (1), Augusto Rodrigues (1).
«Rhodesian Ridgeback»:
Joaquim Mesquita Canas da Silva (1), dr. Francisco Sampaio Correia de Campos (1), José de Barahona Cruz e Silva (1), D. Clotilde de Araujo (1).

3.º GRUPO

«Terriers»

«Airedale»:
Eng.º José Maria Mercier Marques (2), António Manuel Ribeiro (2).
«Fox» — pêlo cerdoso:
Eng.º Manuel António Brandão da Cunha Lima (1), D. Maria Teresa Hipólito Pereira de Araujo Leitão (2).
«Fox» — pêlo curto:
D. Maria Clotilde Vilar Soares (1), dr. Samuel Raposo Pessoa (1), D. Maria Antónia Cabral (2), eng.º Martim Lopes de Azevedo Meneses

(Continua na página seguinte)

Preços dos bilhetes de ingresso e do serviço de chá e jantar

Para os espectadores da Exposição Canina Internacional, que se realiza hoje e amanhã, no Pavilhão da Feira das Industrias Portugueses (á Junqueira) foi fixado o preço único *de ingresso na importancia de* 10$00.

Haverá um serviço de chá completo, em mesas dispostas ao longo das galerias do 1.º andar da nave onde se realiza a exposição e cujo preço é de 20$00, incluindo todas as taxas. Do mesmo modo, haverá jantares, ao preço de 45$00, por pessoa, incluindo igualmente todas as taxas.

Os bilhetes encontram-se á venda na F. I. P. (á Junqueira) podendo ser adquiridos bilhetes simples de entrada ou já com talões para chá e jantar.

INSTITUTO MÉDICO-VETERINÁRIO
ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 64-A
Telef. 720200

VALORIZE A CLASSIFICAÇÃO DO SEU CÃO
USANDO
KURMANGE
PULVEX
SOPEX
PRODUTOS COOPER...
A' venda nas espingardarias e casas da especialidade
CASA CASSELS
AVENIDA 24 DE JULHO, 56 — LISBOA

SPRATT'S
O alimento mais completo e preferido pelo seu cão
Artigos de higiene
e
Pentes, escovas e coleiras de várias qualidades
Representantes exclusivos
MASCARENHAS & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 10-1.º, Dto. — LISBOA
Telefones: 27311/31765/31766

INSTITUTO ZOOTECNICO

CLÍNICA VETERINÁRIA
359, Rua de S. Bento, 361
ASSISTENTE: Dr. Almeida Mendes
Telefone 68 06 08
LISBOA

259 concorrentes vão candidatar-se

a 120 taças e 400 medalhas

Os cães-policiae da Guarda Nacional Republicana, que se exibem hoje e amanhã em provas de trabalho

(Continuação da página anterior)

(1), eng.º António Assunção Ribeiro (1).

«Kerry Blue»:
D. Maria Josepha Neppach (Baronesa von Massenbach) (1).

«Scottish»:
D. Maria Carolina de Sousa Lara (5).

«Sealyham»:
Me. Katherine Spitz (1).

4.º GRUPO

Cães de Levante e Corso

Podengo português médio — pêlo cerdoso:
Guilherme Silva (4).

Podengo português médio — pêlo liso:
Guilherme Silva (2), Jorge Manuel Freire Medeiros (4), D. Bernardo de Serpa Pimentel (1).

Podengo português pequeno:
Manuel Carvão Guimarães (1), D. Maria Antónia Cabral (1).

Dalmácia:
Mme. Rosemarie Witter Vozone (1), Pedro Inácio Cardoso Neto Rebelo (1).

5.º GRUPO

Cães de parar

Perdigueiro português:
D. Maria Violante de Melo Leitão Tavares (7), marquês da Graciosa (2), eng.º José de Melo e Castro Ribeiro Lebre (2), eng.º Manuel Lopo Caroça de Carvalho (4).

«Epagneul» bretão:
Eng.º Frederico Oom (3), eng.º Horácio Fernandes e Fernandes (1), João Cardoso Baptista de Gouveia (1).

Braco alemão:
Dr. João Maria Bravo (1).

6.º GRUPO

Cães britânicos de caça a tiro

«Pointer»:
Dr. Rui de Andrade (2), capitão Cancio José Pacheco Jorge (1).

«Setter gordon»:
Ricardo Marques dos Santos (1).

«Seter» inglês:
João António Faria (1), Francisco Pereira Gonçalves (1).

«Setter» irlandês:
D. Maria Helena Penaguião da Silva (1), Jaime de Freitas Caldas (1), D. Maria Lucia Macieira Magalhães Diogo (1), Raul Rodrigues Morgado (2), prof. eng.º Daniel Barbosa (1), Carlos José Sanches Vaz Pardal (1), D. Maria José Branco de Melo (1), dr. Jaime da Rocha Parreira (1), Amandio Baptista da Meta Veiga (2), D. Maria Inês Alves Mineiro de Sousa Coelho (1), António Saraiva de Sousa Cabral (1), Mme. Ilse Linkemeyer (1), D. Bernardo de Serpa Pimentel (1), Alfredo Alhinho (1), Torcato Alves de Carvalho Rosinha (1), Guilherme Silva (1).

«Golden-retriecver»:
Albert H. de Mascarenhas (2), mrs. Marie White (1).

«Retriever» do labrador:
D. Julia Noémia de Sousa Pinto (1), Clemente Cardoso Pinto (2), Manuel Aguia de Pina (1), Jorge de Andrade Roque de Pinho (1).

«Cocker spaniel»:
Eng.º António Assunção Ribeiro (1), Nuno Lomelino Guimarães (1), José da Piedade Milheiro (2), dr. Pedro Posser Madeira Pinto (1), Luís Manuel Roque de Pinho Patrício (1), D. Myriam Gomes de Araujo (1).

«English springer spaniel»:
Luís Cortes Maldonado (2).

7.º GRUPO

Galgos

«Afegane»:
Mme. Yves Rouband (1).

Inglês:
Rui da Costa Lopes (4), Manuel Carvão Guimarães (2).

8.º GRUPO

Baixotes

Alemão — pêlo raso:
Aurélio António Martins (1), D. Maria Alice da Costa (Mesquitela) (1), condessa de Schonwaloff (1), Arnaldo Valério (1).

Alemão — pêlo comprido:
Henrique Feist (1), D. Alice de Montis (8), D. Irma Anjos (1), Henrique Teixeira (1).

A taça de prata oferecida pelo «Diário de Lisboa»

9.º GRUPO

Cães de luxo

«Caniche» francês grande:
Menina Maria Manuela Bruto da Costa (1), D. Mary Simões Ferreira (1), António Bernardo de Vasconcelos e Sousa de Figueiredo (1).

«Caniche» francês médio:
Dr. João Osório Pinto (1), Fernando Carlos Rosa de Castro (1), D. Elvira Cantuárias Costa (1), António Bernardo de Vasconcelos e Sousa de Figueiredo (1), eng.º António Vilaça Nogueira (2), D. Maria Alice Gomes de Matos Oliveira (1), D. Berta Vilaça Nogueira Dias Costa (1).

«Caniche» francês anão:
Mme. Doris Vida Vivienne de Utra Machado (2), Laura Maria Felgueiras Seabra Ramos (1), mrs. Evelina Hawes (1), Mme. Rosi Bergstein Pollak (1).

«Epagneul pequinês:
Conde de Lumbrales (2), Edgar Brunner (1), Manuel Carvão Guimarães (1).

«Lhassa terrier»:
Joel Moreira Lopes Gomes (1).

«Bulldog»:
1.º tenente José J. Conceição e Silva (1), Maurício de Sá Sotto-Maior Palanque (2).

«Chihuahua»:
D. Helena de Sousa (1).

«Chow-chow»:
D. Maria do Carmo Contreiras Machado (1).

«Pinscher» anão — unicolor:
D. Maria Manuela Pinto Navarro Brasão (1), D. Maria Helena Rebelo (1), dr. Alberto Madureira (1), eng.º João Manuel Terenas Latino (2), D. Maria Amélia Sampaio Melo e Castro Braga (1), D. Fernanda Nunes Louro (2), João Francisco da Costa Pinto Soares (1), D. Gabriela Freire Rodrigues Ferreira (1), Pedro da Silva Charola (1), Maria do Carmo A. Leitão Bernardino (2), D. Adélia Nascimento (1), D. Francisca Piçarra Pires Rodrigues (1).

«Pinscher» anão — bicolor:
D. Francisca Eugénia de S. de Bandeira e Almada (Rio Maior) (1), dr. Décio de Freitas (2), D. Maria Manuela Pinto Navarro Brasão (4), D. Maria Carolina Burlamachi Marecos de Almeida Azevedo (1).

«Schnauzer» anão:
D. Maria Elvira Ferreira (1).

O programa completo da exposição

HOJE: Às 15 horas, entrada dos exemplares; ás 16, classificação por categorias; ás 20, intervalo; ás 21 e 30, provas de trabalho por cães-polícia; ás 24, saída dos exemplares.

AMANHÃ: Às 15 horas, entrada dos exemplares; ás 16, classificação para atribuição dos prémios especiais e de honra; ás 19, escolha do melhor cão português, do melhor casal português e do melhor cão de caça; ás 20, intervalo; ás 21 e 30, escolha do melhor cão estrangeiro e do melhor casal estrangeiro — provas de trabalho por cães-polícia — distribuição de prémios — desfile dos premiados; ás 24, encerramento da exposição.

INSTITUTO VETERINÁRIO

Av. Marquês de Tomar, 106

(em frente á Igreja de Fátima) — Telef. 77 54 57

Prof. Dr. M. Fernandes Marques — das 11.30 ás 13 horas

Dr. A. Marques de Almeida — das 9.30 ás 13.30 e das 17.30 ás 20 horas

CLÍNICA VETERINÁRIA

DA

AVENIDA JOÃO XXI, 18-18 B

Tel. 72 92 30

CONSULTAS: Das 11,30 às 13 horas e das 16,30 às 20 horas

CLÍNICAS MÉDICO-VETERINÁRIAS

DO

Dr. BRUTO DA COSTA

RUA PINHEIRO CHAGAS, 16, R/C.

(ao Saldanha)

Consultas das 14 ás 15 horas — Telefone 43139

BANHOS, TOSQUIAS E TRATAMENTOS POR AGENTES FÍSICOS NA

CLÍNICA DO CARMO

Consultas das 18 ás 19 horas — Telefone 28842

LARGO DO CARMO, 6 E 7

PENSIONATO E INTERNAMENTO

CLÍNICA DE S. JOÃO DO ESTORIL

Telefones 060137-060633

SUPLEBAL

UM NOVO SUPLEMENTO ALIMENTAR QUE GARANTE UMA MELHOR CONSERVAÇÃO DOS EFECTIVOS PECUÁRIOS E CONSEQUENTE VALORIZAÇÃO DAS SUAS CONDIÇÕES DE EXPLORAÇÃO

Na sua fórmula, perfeitamente equilibrada, entram os seguintes produtos:

Bacitracina
Vitamina B 12
Vitamina B 1
Vitamina B 2
Hidrazida do ácido isonicotínico
Fosfato de cálcio
Cloreto de sobalto
Lactose

Apresentação:

Embalagens de	100 grs.	6$50
»	» 500 »	32$00
»	» 1000 »	60$00

Enviam-se literaturas explicativas a quem as solicitar à:

SECÇÃO DE VETERINÁRIA DOS LABORATÓRIOS NOVIL, LDA.

Rua do Centro Cultural, 13

Telf. 762042/1—ALVALADE — **LISBOA**

AUTO UNION

Mande o seu pé esquerdo para FÉRIAS

DKW

Também já pode obter o seu automóvel sem pedal de embraiagem. Peça uma demonstração aos representantes

COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS **DECAUTO** S. A. R. L.

R. Duque de Palmela, 27-A • 27-B • Lisboa

NÃO PERCA TEMPO

SOBRETUDOS de FAZENDAS NACIONAIS e ESTRANGEIRAS

PRONTOS A VESTIR

CORTE E MODELOS

DE PROVENIÊNCIA ITALIANA, FRANCESA E INGLESA

PREÇOS AO ALCANCE DE TODOS OS CLIENTES

ADÃO, CAMISEIROS

234, RUA AUGUSTA, 240

C.C.N.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE AFRICA	
«UIGE» 10 de Fevereiro	Com escala prévia por **Leixões**, para: **Luanda, Lobito e Moçamedes.** Carrega em Lisboa de 2 a 4 de Fevereiro.
«LUANDA» 13 de Fevereiro	Com escala por **Leixões**, para **Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçamedes.** Carrega em Lisboa até 11 de Fevereiro.
«PATRIA» 20 de Fevereiro	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.** Carrega em Lisboa de 15 a 17 de Fevereiro.
«VERA CRUZ» 6 de Março	Directo a **Luanda e Lobito.** Carrega em Lisboa de 1 a 3 de Março.
«BENGUELA» 13 de Março	Com escala por **Leixões**, para: **S. Tomé** (se necessário), **Luanda, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.** Carrega em Lisboa até 11 de Março.
«IMPÉRIO» 25 de Março	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.** Carrega em Lisboa de 20 a 22 de Março.
«UIGE» 27 de Março	Com escala prévia por **Leixões**, para: **Luanda, Lobito e Moçamedes.** Carrega em Lisboa de 19 a 21 de Março.
LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«VERA CRUZ» 4 de Fevereiro (ás 12 horas)	Com escala por **Funchal**, para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.**
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 13 de Fevereiro 14 de Março (ás 16 horas)	Com escala por **Vigo e Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Everglades (Miami).**

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63—Telefs. 30131/8—PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9—Telf. 23342

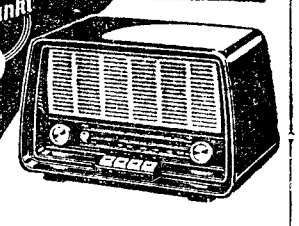
MALHA A METRO

Os Estabelecimentos Joaninha na Rua de Portas de Santo Antão n.os 62 a 64, Tel. 24506 e Rua 1.º de Dezembro n.º 62, Tel. 31036, acabam de montar uma secção de malhas a metro, a preços de Fábrica, nas melhores qualidades e cores de novidade, bem como malha cristal. Enviam-se amostras para todo o País.

DESENHADOR

Precisa casa importante para colaboração artística na «maquete» dum catálogo dos seus produtos. Paga-se bem. Resposta a este jornal c/ referências. Ao n.º 515.

Blaupunkt Bari



UM PEQUENO GRANDE PRODÍGIO DA SÉRIE SINFÓNICA

ATRAENTE APRESENTAÇÃO

ALTA SENSIBILIDADE DE CAPTAÇÃO E FIDELIDADE DE REPRODUÇÃO

3 BANDAS DE ONDAS: MÉDIAS E 2 DESDOBRAMENTOS DE CURTAS

COMUTAÇÃO DE BANDAS POR TECLAS

LIGAÇÕES PARA GIRA-DISCOS E ALTOFALANTE SUPLEMENTAR

ANTENA GIRATÓRIA FERRIT

CIRCUITOS IMPRESSOS

Preço Esc. 1.495$00

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

PONTO AZUL

Espadanal – Tábua

João Abrantes Castanheira

FALECEU

Filhos, noras, genros e netos cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido Chamar á Sua Divina Presença, o seu querido pai, sogro e avô, cujo funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Igreja da Pena para o cemitério do Alto S. João.

AGENCIA SALGADO

DESPORTOS

(Continuação da 7.ª página)

campo da Lapa; Castanheira-Malveira, no campo São João; Camarate-Tojal, no campo Quinta dos Barros; Bucelense-Loures, no campo «Julio Camilo Alves»; Vialonga-Ponte Frielas, no campo de Vialonga; Zambujalense-P. de Loures, no campo «Conde de Mendia». Todos os desafios se realizam ás 15 e 30 horas.

Campeonato distrital de juniores da 1.ª Divisão—(2.ª fase)—Série A — Algés-Benfica, no campo «António Estêvão Simões Alves»; Oriental-Olivais, no campo «Eng.º Carlos Salema» — ambos ás 11 horas. Série B — Atlético-Sporting, na Tapadinha; Belenenses-Torriense, no Restelo — ambos ás 10 e 30 horas.

Campeonato distrital de juniores da 2.ª Divisão — Série A — Linda-a-Velha-Carcavelos, no Estádio Nacional (campo de treinos *relvado*), ás 10 e 30; Algés-Operário, no campo «António Estêvão Simões Alves», ás 9 e 30; Santa Catarina-Mirantense, no campo «José Ramos», ás 11 e 15. Série B — Queluz-Rio de Janeiro, no campo «Marquês de Pombal» (Cacém); Amoreiras-Casa Pia, no Estádio «Pina Manique» (treinos); Sporting-Futebol Benfica, no Estádio «José Alvalade» (treinos); Sintrense-Amadora, no campo «Manuel Soares Barreto» — os três primeiros ás 10 e 30 e o ultimo ás 11 horas. Série C — Alverca-Santa Iria, em Alverca, ás 10 e 30; Sacavenense-D. Olivais, em Sacavém, ás 10 e 30; Oriental-Vilafranquense, no campo «Eng.º Carlos Salema», ás 9 e 30.

HOJE, À NOITE

ASSEMBLEIA — A's 21 horas, continuação da assembleia geral extraordinária do Oriental.

BADMINTON—Prossegue o campeonato da 1.ª Divisão com os seguintes encontros: Técnico-Sporting e Direito-Benfica, no ginásio da Escola Nuno Gonçalves, e Triangulo-Lisboa Ginásio, em S. Bento. Todos ás 21 horas.

TÉNIS DE MESA — Nas mesas do Benfica (secretaria) e Sporting (Alvalade) continua o torneio feminino, ás 21,30 horas, defrontando-se: Benfica-Sporting (A) e Sporting (B)-Belenenses.

AUTOMOBILISMO

As classificações do «Rallye» de Monte Carlo provocam piadas e risos...

MÓNACO, 24 — «Miss» Pat Moss e «miss» Ann Wisdom, que tripularam um «Austin» durante o «Rallye» de Monet Carlo, desceram do 21.º para o 10.º lugar da classificação, após novo exame dos resultados efectuados ás primeiras horas de hoje pelos funcionários do «rallye».

Foi a terceira vez que os resultados foram alterados desde que a lista original foi publicada cerca do meio-dia de ontem. Vários concorrentes, ainda a pé depois da meia-noite, riram e trocaram piadas por causa desta nova modificação, gracejando especialmente acerca da descoberta pelos funcionários de que as duas jovens inglesas concorreram numa categoria diferente daquela mencionada no programa oficial. — (R.).

NOTÍCIAS VÁRIAS

A Académica defende o sorteio de árbitros

A direcção da Associação Académica recebeu os representantes da Imprensa a fim de lhes dar conhecimento da posição da colectividade perante as arbitragens do «Nacional» da 1.ª Divisão. Foi comunicado que ontem mesmo foi entregue ao sr. ministro da Educação Nacional uma exposição, na qual se pedem providências em relação ao futuro.

A Académica, enfim, defende o regresso ao sistema antigo, o sorteio dos árbitros.

O Benfica recorre para o conselho jurisdicional

O Benfica não se conforma com o rigoroso castigo aplicado ao seu jogador Chino. A direcção da F. P. F. respondeu aos dirigentes «encarnados», dando uma explicação sobre os motivos que fundamentaram a aplicação da sanção. Todavia, o Benfica entregou hoje ao conselho jurisdicional da F. P. F. um recurso baseado em factos concretos e que contraiu o critério adoptado.

Adiamento do «Nacional» de hóquei em patins

Em consequência da falta de luz no Pavilhão dos Desportos não se realizaram ontem os jogos correspondentes á penultima jornada do Campeonato Nacional de hóquei em patins. Os mesmos encontros, Oeiras-Paço de Arcos e Benfica-Sintra, foram adiados para a próxima segunda-feira e a derradeira jornada transferida para o dia 29.

Devido ao mau tempo, não se efectuaram também os jogos do Porto que foram marcados para hoje á noite.

PELOS CLUBES

A assembleia geral ordinária da F. P. de Remo, reunirá ás 10 horas na sede daquele organismo, para apreciação do relatório e contas e eleição dos corpos gerentes para o biénio 1959-1960.

BASQUETEBOL

Nova vitória do Brasil no Campeonato do Mundo

SANTIAGO DO CHILE, 24 — Os Estados Unidos derrotaram o Porto Rico por 64-63 e o Brasil venceu a Bulgária por 62-53 nos jogos disputados na noite passada nesta capital na jornada final do Campeonato Mundial de basquetebol.

Nos dois jogos da prova de consolação, realizados em Valparaiso, as Filipinas venceram o Canadá por 69-65 e a Argentina derrotou o México por 75-66. — (R.).

PUGILISMO

Johansson e Patterson defrontam-se em Junho

NOVA YORK, 24 — O empresário americano de pugilismo Bill Rosensohn anunciou ontem á noite que se tinha chegado a um «acordo base» para a realização em Junho, de um combate para o título mundial dos pesados entre o Sueco Ingemar Johansson, campeão da Europa, e o actual campeão do Mundo, Floyd Patterson. — (R.).

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.

Prossegue o campeonato de futebol da Ala 2, com os desafios: Escola António Arroio-Liceu Francês, Secção de Pina Manique-Escola Afonso Domingues e Secção de Maria Pia-Escola de Paiã, no Estádio Nacional, ás 9, 10 e 15 e 11 e 30 horas, respectivamente.

O campeonato de voleibol da Ala 2, continua com vários encontros marcados para as instalações da Escola Nuno Gonçalves, entre «infantes», «vanguardistas A» e «vanguardistas B».

ATLETISMO

O Benfica organiza mais um torneio de atletismo, para sócios e simpatizantes, no Campo Grande, ás 9 e 30, com provas de 60 e 500 metros, altura, comprimento, peso e disco.

BASQUETEBOL

Campeonato da 3.ª Divisão — Segunda «mão» da final, entre o Arroios e o Lisgás, no campo dos Barbadinhos, ás 10 horas.

Campeonatos de juniores e infantis — Juniores: Combatentes-Casa Pia, nos Combatentes; e Nacional-Moscavide, em São Bento. Infantis: Benfica-Sporting, no Campo Grande; Campo de Ourique-Boa Hora, em Campo de Ourique; Belenenses-Oriental, no Restelo; e Atlético-Carnide, na Tapadinha, todos ás 10 horas.

CORTA-MATO

No Estádio Nacional, ás 11 horas, no percurso escolhido para o próximo «Cross» das Nações», disputa-se uma prova de preparação e apuramento dos representantes do nosso País naquele certame.

«CROSS» CICLO-PEDESTRE

Nos arruamentos do Bairro da Encarnação, ás 9 horas, disputa-se a segunda prova do campeonato lisboeta de «cross» ciclo-pedestre, na distancia de 20 quilómetros, para todas as categorias.

DESPORTO UNIVERSITÁRIO

Campeonato de futebol: Técnico-Belas-Artes e Veterinária-Escola do Exército, no Estádio Universitário, ás 9 e ás 11 horas.

DESPORTO CORPORATIVO

Campeonato de futebol da F. N. A. T. — 1.ª Divisão: F. C. Regina-S. C. Cervejas, em Belém, ás 11 h.; S. C. Guerin-F. C. Tejo, na Picheleira (Telefones), ás 11 h.; C. P. Pesca-Comp. Telefones e Of. São José-Ref. do Ultramar, no Estádio Nacional, ás 9 e ás 11 h.; F. L. Sacavém-Comp. Carris, em Sacavém, ás 10 e 15 horas.

2.ª Divisão: F. C. Regina-S. N. Panificação, S. C. Cervejas-Standard e Org. Teodoro Santos-Comp. Carris, em Belém, ás 9, 13 e 15 horas; Cinema Condes-Simca e Ar Liquido-A. C. Sueca, na Picheleira (Telefones), ás 9 e ás 15 h.; Bairro de Carenque-Fábrica Simões, em «F. Lázaro», ás 9 e 30 horas.

GOLFE

No campo do Estoril, torneio da taça «Maria Amélia de Sousa Lara», em singulares, senhoras e homens, contra-«bogey», com abono.

HANDEBOL

Campeonato de Lisboa, da Divisão de Honra — Benfica-Almada, no Campo Grande, ás 10 e 15 e 11 e 30 horas, em 2.ªs e 1.ªs; Alverca-Sporting, em Alverca, ás 14, e 15 e 15 horas, em 2.ªs e 1.ªs; Liberdade-Oriental, na Cova da Piedade, ás 12 e 30 horas; Belenenses-Glória, no Restelo, ás 12 horas.

Campeonato de juniores — Almada-Benfica, no Pragal; Sporting-Oriental, em Alvalade — ambos ás 9 horas; Belenenses-Cova da Piedade, no Restelo, ás 10 e 30 horas.

RAGUEBI

Trofeu «António Valente»—Sporting-C. D. U. L. (apuramento do 3.º classificado) e G. D. Direito-Belenenses (final), no Estádio Universitário, respectivamente, ás 9 e 30 e 11 horas.

Taça «Imprensa» — (3.ª jornada) — Belenenses-Direito, no Restelo; Arroios-Internacional, nas Telheiras — ambos ás 9 horas.

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

melhos, plaquetas ceifados pela morte. Não há só uma, existem muitas mortes, a de cada uma das células que se somam e totalizam no grande drama, o desenlace fatal. Um a um ensaiam-se todos os tratamentos clássicos, numa fantástica revisão de conjunto. E todos eles falham. São raras as esperanças. Exceptuando um, os outros cinco são considerados casos perdidos. Trava-se então, uma luta desesperada. Estão ali cinco vidas preciosas para a ciência e para o prestígio da Medicina de França. Que se passa na Fundação Curie?

Foi, então, que o Dr. Jammet, responsável pelos serviços de protecção do Centro de Energia Atómica de Saclay, dispara um S. O. S., dirigindo um apelo desesperado a todos os grandes especialistas do cancro, das leucemias, das doenças ocasionadas pelas irradiações. Quem são esses especialistas? O prof. Jean Bernard e os drs. George Mathé e Duplan, chefe dos laboratórios do Instituto Pasteur.

O encontro dos especialistas recorda uma cena hamletizada por sombras. Jammet, meticuloso e consciente do drama que vai enlutar a ciência europeia, descreve o estado dos seis Jugoslavos. Investigadores do centro nuclear de Vinca, em meados de Outubro, haviam sido atingidos pelas radiações provenientes do descontrolo de uma pilha atómica, isto é, pela violenta e acelerada desintegração dos núcleos atómicos do urânio. Resultado imprevisto: a inesperada emissão de uma dose maciça de radiações. A energia dessas radiações é medida em roentgens. Sabe-se que cem mil matam em poucas horas, dez mil em três dias, cento e setenta a seiscentos em poucos meses.

Os investigadores de Vinca, na Jugoslávia, tinham absorvido doses entre setecentos a mil roentgens!

Foi devido á intervenção do Dr. Pendic, antigo bolseiro da Fundação Curie e director clínico do Centro Atómico de Vinca, que o Governo daquele país consentiu na consulta ao Governo de França.

No dia 20 de Outubro chegaram seis misteriosos viajantes ao aeroporto de Orly.

Sabe-se que o efeito não é imediato, que existe um espaço de tempo entre o acidente e o aparecimento dos primeiros sintomas. Diversos tecidos podem ser atingidos. Depois segue-se o longo cortejo das complicações, terminando pela morte rápida ou pela morte lenta, devidó á degenerescência progressiva das células.

Em primeiro lugar são afectadas as sanguíneas, morte dos glóbulos brancos e vermelhos, ou excessiva proliferação das células (leucemia). Motiva a degenerescência o ataque ás células-mães que fabricam os elementos do sangue (medula óssea e gânglios linfáticos). Só mais tarde se verificam lesões das células reprodutoras e das epiteliais, pele, mucosa, em particular, a do aparelho digestivo.

Que se passou com os doentes jugoslavos? Convém acentuar que não existe perigo de contágio. A contaminação radioactiva é diferente: faz-se pelos radioisótopos em contacto com o organismo ou pelas radiações externas (raios X, gama, beta e neutrões), isto é, gerados fora do organismo.

Hospitalizados nos quartos particulares da Fundação Curie, os investigadores jugoslavos gozavam de saúde aparente, ganhando peso até ao início da terceira semana. Os especialistas consultados pelo Dr. Jammet, examinados os doentes, foram de opinião de que outra coisa não se poderia fazer (métodos clássicos), a não ser o «enxerto» de medula óssea (método novo e revolucionário).

Fazia precisamente dois anos que os especialistas de sangue, soerguendo e revendo o problema das leucemias, tinham chegado a uma conclusão lógica: estando a origem do mal nos glóbulos brancos, seria necessário atacar o local de fabrico dos mesmo glóbulos, fornecendo novas condições de trabalho á medula óssea.

Ningaém, porém, nos Estados Unidos ou na França (na Russia não se fazia ideia do problema) tinha obtido resultados positivos no homem, esse estranho animal que suporta mal os enxertos alheios, reagindo sempre com violência e procurando eliminar tudo o que não lhe pertence ou seja gerado fora dele.

Mathé, investigador muito conhecido e várias vezes atacado, sem piedade, pela velha «lentácia» da cautelosa Academia de Medicina de Paris — a mesma que ainda há poucas semanas condenou Niehans («Les injections á l'homme de broyats cellulaires frais exposent á des dangers manifestes») —, apresentara no Congresso de Londres os resultados obtidos nos ratos, portadores de leucemias. Os pequenos roedores tinham sido curados com enxertos de medula óssea, préviamente tratados pelos raios X, numa tal dose que facilitaria o uso das células de medula. Seria essa dose suficiente para eliminar a reacção de defesa do organismo? Para aceitar a presença de um remédio revolucionário? Qual? A imediata substituição das células traumatizadas da medula óssea por outras generosamente oferecidas por indivíduos sãos?

Colocados na presença de um dilema novo, Jammet e Mathé não hesitaram. É que os cinco doentes caminhavam apressadamente para a morte.

Em poucas horas, o dr. Schwartzenberg, chefe do laboratório do velho Hospital de S. Luís, reuniu os dadores voluntários. Cada um daria 200 cc., isto é, dez a catorze biliões de células.

Foi necessário escolher entre os voluntários. Cada um deles deveria pertencer ao mesmo grupo sanguíneo do doente. Faltava, porém, um de certo grupo. O interno de serviço não vacilou um instante. Prestou-se á operação. Durante uma hora cada dador forneceu, em média, vinte amostras. Foram imediatamente transmitidas aos doentes por via endovenosa. Pela primeira vez, na história da Medicina, se assistiu ao grande milagre do «enxerto» no homem!

O sangue dos doentes jugoslavos modificou-se rápidamente. Só um sucumbiu, devido a extensas lesões da mucosa digestiva, estrago incompatível com a vida.

Três homens e uma mulher, a senhora de Dongaiec, devido á enérgica intervenção de Jammet e Mathé, que revelaram excepcionais qualidades de chefia, estavam salvos.

Certo é que o caso dos doentes jugoslavos, tratados em Paris, não permite ainda tirar conclusões definitivas.

Os neutrões que bombardearam estes enfermos destruíram, no sangue, os anticorpos encarregados de combater as infecções, os germes infecciosos. Apesar de curados (regressaram já á Jugoslávia) encontram-se vitalmente diminuídos, necessitando de precauções especiais.

Não existem, porém, dúvidas de que foi vislumbrado um novo meio de tratamento do cancro, um moderno e inesperado meio de ataque ás leucemias e, ainda, ás doenças provenientes das radiações atómicas.

Os doentes com leucemias terão de, voluntáriamente, sujeitar-se a uma forte dose de radiações (destruição das células leucémicas) e, em seguida, ser injectados com medula óssea fresca, fornecida por indivíduo robusto, sadio.

Mais uma esperança, nasceu para a Humanidade sofredora. A nova terapêutica, apesar de discutida e combatida, promete tornar-se numa realidade.

Não sucedeu o mesmo com Pasteur? Não sucedeu coisa idêntica com Laënnec? Com Koch? Com Niehans?

Ainda ontem, relendo uma notável conferência, realizada em 1924 pelo Dr. Hernâni Barrosa, prematuramente falecido, intitulada «O conceito da tuberculose na medicina portuguesa» (Porto, 1925), pasmei ante as virulentas palavras do prof. Augusto Rocha, que, na «Coimbra Médica», em 1833, defendia os miasmas e desancava, com desusada violência, o pobre Koch e a descoberta do bacilo, comunicada, em 24 de Março de 1882, á Sociedade de Fisiologia de Berlim...

Não admira: a auscultação de Laënnec só começou a praticar-se, em Portugal, em 1825, «tendo sido o primeiro a fazê-lo António de Sousa Salgado» (Dr. F. A. Barral, «Exposição rápida do estado actual da Medicina em Portugal», J. S. S. M., 1835).

Com a hipnose sucedeu o mesmo (Dr. A. Philip Magonet, «The Healing Voice. Treatment by Hypnosis», Londres, 1959) e hoje opera-se aproveitando o sono hipnótico!

Não é a descrença que cura os doentes. A descrença fez dormir o BCG durante vinte e cinco anos, não evitando a morte de milhares e milhares de crianças. Valha-nos Deus!

A. d'E.

SE V. EXA. ESTÁ
constipado
TOME
ASPIROQUINAL
ANTI-GRIPAL DE COMPROVADOS EFEITOS
VENDE-SE EM TODAS AS FARMÁCIAS

CAMISAS
POR MODELO OU POR MEDIDA
TECIDOS A ESCOLHA OU DO CLIENTE
13 modelos em exposição
Consertos e transformações por pessoal especializado
ROVIL
Rua Arco Marquês do Alegrete, 50, 1.º — Telef. 862402
Envio á cobrança pelo correio
BAIAS HOSPITALARES
PIJAMAS E CUECAS

Inauguração de melhoramentos no hospital de Vouzela

VOUZELA, 24 — Com a presença do sr. eng. Saraiva e Sousa, subsecretário de Estado das Obras Publicas, e de outras altas individualidades, serão inaugurados, no dia 1, vários melhoramentos do hospital da Santa Casa da Misericórdia desta vila.

Uma comissão de estudo para o desporto universitário

A direcção do Centro Desportivo Universitário de Lisboa encarregou uma comissão de técnicos dos problemas desportivos universitários e nacionais de elaborar um estudo sobre as condições actuais, meios e fins, que cabem ao desporto universitário no campo regional de Lisboa, e ainda de apresentar um plano de fomento da educação física e desportos nas Escolas Superiores.

Esta comissão é constituída pelo conselho técnico do C. D. U. L. e pelos srs. prof. José Esteves, eng. Pinto de Magalhães, dr. Fernando Amado, prof. Teotónio Lima, eng. José Godinho, prof. Mário Saraiva, eng. Abreu Rocha, dr. Marques Pequito e alferes Rodolfo Begonha.

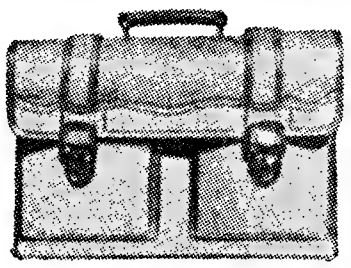
VISITA DE ESTUDO

O Grupo Amigos de Lisboa promove, amanhã, ás 15 horas, uma visita de estudo ás instalações da Sociedade de Geografia, que será orientada pelo secretário-geral daquela Sociedade, sr. dr. Julio Gonçalves.

Turismo de Leiria

Os orçamentos da Camara e da Comissão Municipal de Turismo de Leiria, para este ano, são de 11.422 e 307 contos.

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio *A. Comprido*—R. Madalena, 97

A-D-U-L-T-O-S

EXAMES 3.ª E 4.ª CLASSES rápidos com diplomas garantidos L. Chão Loureiro, 1-2.º, Tel. 862244

FONADEK

CHEGOU NOVA REMESSA DOS AMPLIFICADORES TELEFÓNICOS MAIS CONHECIDOS MUNDIALMENTE

Usado na Casa Real Inglesa, Presidente Eisenhower, Presidência do Conselho de Portugal, e outros lugares de grande movimento. E' de fácil manejo e permite ouvir e falar mantendo as mãos livres.

Distribuidores
RETEL
R. Eça de Queirós 20-1.º
Tel. 52130

Fábrica no Brasil

Precisa de técnicos e operários especializados fabricos fio máquina (fil machine-wire-rods) trefilagem de arames, arame farpado e galvanizado para usina instalada no Brasil. Preferência solteiros. Resposta com todos os detalhes ao n.º 999.

JÁ SE AGUARDAVA!...

BRILHANTE ACTUAÇÃO DOS AUTOMÓVEIS

AUTO-UNION 1000 e D.K.W. 900

NO XXXVIII RALLYE DE MONTE CARLO

Auto Union 1000 Coupé de Luxe

1.º e 2.º na sua classe

3 AUTOMÓVEIS CLASSIFICADOS ENTRE OS 11 PRIMEIROS DA CLASSIFICAÇÃO GERAL

AFIRMAÇÃO INDISCUTÍVEL DE QUALIDADES INESTIMÁVEIS

SEGURANÇA • RAÇA • TEMPERAMENTO

REPRESENTANTES
COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS **DECAUTO** S.A.R.L.
RUA DUQUE DE PALMELA, 27-A-27-B — LISBOA
AGENTES EM TODO O PAÍS

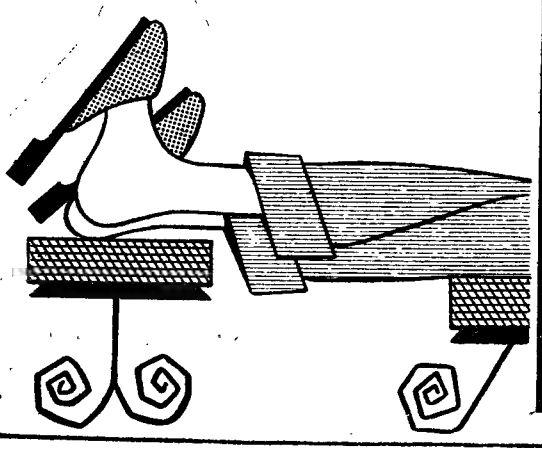
DINHEIRO
COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

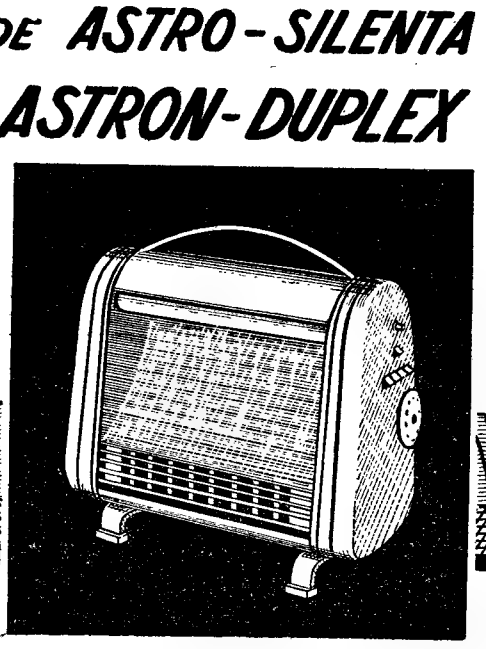
Empregado para Ficheiro e Expediente de Escritório

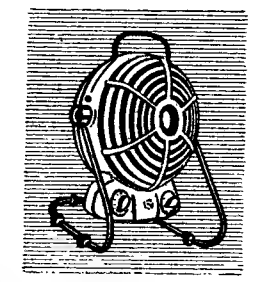
Precisa firma importante. Resposta a este jornal indicando, habilitações, idade e referências. Ao n.º 516.

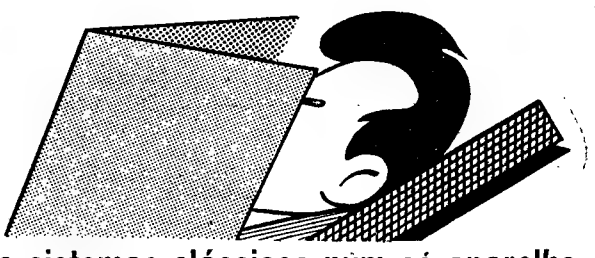
DEPOIS DE **ASTRO-SILENTA**

VEJA AGORA TAMBEM O **ASTRON-DUPLEX**









Dois sistemas clássicos num só aparelho

PATENTEADO EM TODOS OS PAÍSES

- **DOIS SISTEMAS DE AQUECIMENTO (DUPLEX):** POR BLOCO AQUECEDOR DE AR CIRCULANTE E POR INFRA-VERMELHOS DE CRISTAL DE QUARTZO
- **FILTRAGEM DE AR**
- **COMANDO POR TECLAS**
- **CONTROL AUTOMATICO POR TERMOSTATO**
- **COMPLETAMENTE SILENCIOSO**

O APARELHO PARA TODO O ANO E PARA MUITOS ANOS

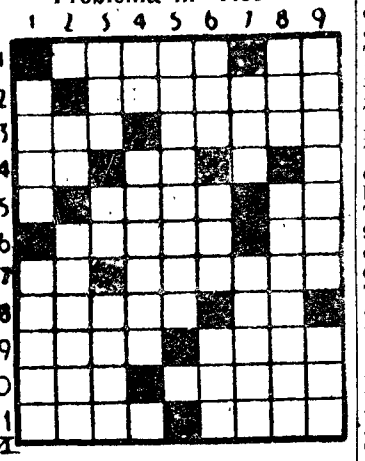
REPRESENTANTES
Soc. Comercial Mattos Tavares, Lda.
Rua dos Sapateiros, 39-2.º
Telefone P. P. C. A. — 31101 — 2-3-4 LISBOA

DIARIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1488



HORIZONTAIS: 1 — Em tempo algum. Antes de Cristo. 2 — Rio que separa o Canadá dos Estados Unidos. 3 — Em as. Encobrem. 4 — Luto. Aqui. 5 — Pouco espesso. Nome de letra grega. 6 — Resgatar. Nota de musica. 7 — Borra. Esgotar. 8 — Suprime. Símbolo químico da prata. 9 — Falará. Uma das grandes divisões do Mundo. 10 — Seguiam. Referidas. 11 — Empregam. Quantia.

VERTICAIS: 1 — Caminho. Rogou. 2 — Preposição e artigo. Voltavas a ler. 3—Certos. Ilha do Atlantico, junto á costa francesa. Igual. 4 — Símbolo químico do niquel. Grande quantidade. 5 — Asneira. 6 — Actua. Reza. Suspiros. 7 — Acolá. Compacto. 8 — Pedra de altar. Apresentam como seu trabalho de outrem. 9 — Trocar. Argola.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1487

HORIZONTAIS: 1 — Rodearam. 2 — A. MENTIRA. 3 — Sai. Ai. És. 4 — Ota. Ruas. 5 — Erram. 6 — Em. TEM. 7 — Rodes. Mus. 8 — Neo. Toiro. 9 — Adi. Evite. 10 — Sado. Atar. 11 — Só. Ares.

VERTICAIS: 1 — AS. PERNAS. 2 — Ao. Moedas. 3 — Omite. Doido. 4 — De. Arte. 5 — Ena. Reste. 6 — Atiram. Ovar. 7 — Ri. Um. Miite. 8 — Área. CURTAS. 9 — Massa. Soer.

Provérbio: A MENTIRA TEM AS PERNAS CURTAS.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

Operações do Comércio Bancário

— Acções abandonadas
— Dividendos prescritos

Apresentar até o fim do mês de Fevereiro p. futuro, relações que compreendam os valores, depósitos e créditos caducados até 31 de Dezembro de 1958 ou certificados negativos, conforme a hipótese.

Obs.

A apresentar por companhias, sociedades, bancos e quaisquer estabelecimentos de crédito nas secções de finanças.

DOS CERTIFICADOS NEGATIVOS

Acções abandonadas

Certifica-se:

Para efeitos do disposto no artigo 71.º do Decreto n.º 10 634, de 20 de Março de 1925, que, *em 31 de Dezembro de 1958*, não se encontravam em poder de certos ou incertos, acções, obrigações, cédulas hipotecárias, suas amortizações ou títulos equivalentes, considerados abandonados nos termos do artigo 68.º do citado decreto.

Dividendos prescritos

Para os efeitos do disposto no artigo 71.º do Decreto n.º 10 634, de 20 de Março de 1925, que, *em 31 de Dezembro de 1958*, não se encontravam em seu poder, dividendos, juros, rendimentos ou quaisquer outros valores, considerados abandonados nos termos do artigo 69.º do citado decreto.

Anotação:

V. despacho ministerial publicado no *Diário do Governo* n.º 224, I Série, de 15 de Outubro de 1955, *sobre dividendos que não sejam postos a pagamento por uma só vez.*

EMPREGADOS ESTRANGEIROS

Enviar durante o mês corrente á Polícia Internacional e de Defesa do Estado, uma relação, em duplicado, conforme o modelo respectivo, dos empregados estrangeiros.

—Decreto n.º 22 827, de 14 de Julho de 1933, artigos 6.º e 7.º

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO D — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, T. 780511; Canto—Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota—Rua da Beneficência (ao Rego) 91, Telefone 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 710331; S. Miguel—Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego, Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar, 69-71, Tel. 47213; Correia de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo, 21-B/C, Tel. 47385; Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira, 36, Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Lda. — Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39, Tel. 862909; Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque, RSV. Tel. 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis, 199-A, Tel. 41269; Romano Baptista — Rua Passos Manuel, 6-10, Telef. 50593; Guerra — R. Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higiénica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, T. 683438; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683691; Amoreiras (Das)—Praça das Aguas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia —Rua D. Maria Pia, 514, T. 687909; Linaida — Rua Ferreira Borges, 29, Tel. 660955; Confiança — Praça das Flores, 59, Telef. 27901; Alb — Rua Santana, á Lapa, 156, Tel. 663562; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Telef. 638256; Botanico-Química, Lda.—R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Neves — Rua do Poço dos Negros, 36-38, Telefone 25636; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, T. 46490; Ferrão — Rua da Mouraria, 12, Telef. 860161; Simões Pires — Rua da Prata, 115, Tel. 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova do Almada, 71, Tel. 30521 — A —.

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» dava no dia 24 de Janeiro de 1929 a notícia de ter sido recebida pelo chefe do Governo uma comissão, presidida pelo respectivo chefe do distrito, dr. Augusto da Fonseca, que solicitara também do ministro do Comércio o conserto da estrada de Amareleja a Moura, numa extensão de 28 quilómetros, e a construção do pequeno troço da de Sobral da Adiça á base de La Frontera, unica comunicação que faltava para ligar Moura a Sevilha. O trajecto Lisboa-Moura, em caminho de ferro melhorado, e de Moura a Sevilha, em modernos autobus, ficaria sendo um dos melhores para a capital andaluza. O ministro do Comércio e o presidente da Junta Autónoma de Estradas receberam a ideia com muito interesse.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 30: Rádio rural; 18 e 50: Trechos de opereta; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho. *Programa «A»*—A's 19: Emissão infantil; 19 e 30: Trechos em piano; 19 e 45: Aguarela brasileira; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: A Orquestra Mantovani; 20 e 30: Que quer ouvir?; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Trechos em viola espanhola; 21 e 30: Conjuntos vocais; 21 e 45: Serão para trabalhadores. No intervalo, «Vozes do Mundo»; 23 e 15: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores. *Programa «B»* — A's 19: Aspectos da musica moderna; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Concerto de camara, pelo violinista Paulo Manso e a pianista Nina Marques Pereira; 20 e 27: «A Academia Francesa», palestra por Maria de Carvalho; 20 e 37: Canções escolhidas, de Mozart, pelo soprano Felbermayer; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: 3.º acto da ópera «Simão Bocanegra», de Verdi; 21 e 45: Quinzena literária; 22 e 15: «Sinfonia em ré maior, n.º 2», de Clementi, pela Orquestra Virtuosi di Roma, sob a direcção de Fasano; 22 e 35: Que quer ouvir?: «Joana d'Arc na Fogueira», oratória dramática de Honegger, interpretada por Martha Dugard, Raymond Gerome, René Piloy, Georges Genicot, Frederico Anspech, Madeleine Joris, Marguerita Thiernesse, Anne Marie Ferrière e Ria Lenssens. Grupo coral da Sociedade Filarmónica de Bruxelas. Coro de Sta. Cecília de Anvers; Coro infantil de Cureghen, a Orquestra Nacional da Bélgica, sob a direcção de Vocht; 23 e 45: Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE — 17 e 30: Variedades; 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Ritmos de baile; 18 e 30: Fados e guitarradas; 19: Quer um conselho?; 19 e 15: Orquestras; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Solistas; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Trechos recreativos; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Cançonetas; 23 Concerto; 23 e 30: Rita Reis; 23 e 45: Agenda; 23 e 50; Conjuntos; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: baile. *Estação de Miramar* — A's 18: Paisagem infantil; 18 e 30: Cançonetas; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Almir Ribeiro; 21 e 30: Vozes e musicas da América; 22: Brasil; 22 e 30: Conjuntos instrumentais; 22 e 45: Melodias; 23: Trechos de operetas; 23 e 30: Retiro do Patrício: 23 e 45: Artistas portugueses; 0: Baile.

RÁDIO RENASCENÇA — A's 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, Horizonte do Mundo; 19 e 45: Solistas modernos; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 7: As ultimas novidades; 21 e 30: Cançonetas portuguesas; 21 e 50: Melodias; 22: No reino das musas; 22 e 25: Revista da Imprensa francesa; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Peninsular; 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Ás 21, Abertura; 21 e 2, Noticiário; 21 e 10, Jornal de actualidades internacionais; 21 e 20, Juventude no Mundo; 21 e 35, «A pensão da D. Esperança», realização de Herlander Peyroteo; 22 e 15, Teledesporto; 22 e 40, Miradoiro; 22 e 55, Na rua e na estrada; 23 e 15, Actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 30, Fecho.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Haverá festas associativas, entre outras nas seguintes agremiações, esta noite: Associação de Beneficência Luís Braille, Casas do Algarve, de confraternização escutista; dos Açores e da Comarca de Arganil, organizada pela Comissão de Melhoramentos de Ceiroquinho, com variedades e a orquestra «Porto Rico»; amanhã, á tarde: Clube Estefania, Academia 1.º de Setembro de 1867, com o conjunto «Rituistas»; Grupo Tauromáquico «Sector 1», com variedades e o conjunto «Back-Rose»; Casas do Algarve, do Alentejo, com a orquestra «Boémia»; e da Madeira, com o conjunto «Vera Cruz»; Liga Regional Cojense, com o conjunto «Indiferentes»; á noite, Academia 1.º de Setembro de 1867, com o conjunto «Trovadore»; Associação de Beneficência Luís Braille; Casa do Concelho de Tondela.

—A Casa dos Tabuenses organiza, esta noite, uma festa de homenagem ao presidente da comissão de festas, sr. Alvaro de Artiga de Sousa, com um programa no qual colaboram o cantador Manuel Fernandes, um acto de variedades, e o conjunto «Pinóquios».

VIDA SOCIAL

ARNALDO SÁ MOTA

Encontra-se em Lisboa, devendo regressar dentro de dias ao Rio de Janeiro, o capitalista brasileiro sr. Arnaldo Sá Mota, grande amigo de Portugal.

DE LUTO

Dr. Alberto de Monsaraz

Esta tarde, precisamente no quadragésimo aniversário do dia em que um estilhaço de granada, na serra de Monsanto, lhe atingiu um rim, que teve de lhe ser amputado, após algumas horas entre a vida e a morte, ficou sepultado, no cemitério dos Prazeres, o dr. Alberto de Monsaraz, segundo conde de Monsaraz.

Dr. Alberto de Monsaraz

Filho do grande poeta a quem foi concedido aquele título—Macedo Papança, autor da «Musa Alentejana» — Alberto de Monsaraz, nascido rico e podendo, como a grande maioria das pessoas nas suas condições, gozar uma vida cómoda, confortável e aprazível, foi desde muito novo um lutador, disposto a todos os esforços e a todos os sacrifícios.

Poeta de valor — os seus livros «Romper de alva», «Sol criador», «Da saudade e do amor», «Cerro» e «Coimbra cheia de graça» o atestam — Alberto de Monsaraz foi um verdadeiro Mecenas para os seus pares e para vários artistas seus contemporaneos, gastando com isso e em consequência da paixão que tinha pelos seus ideais, uma parte considerável da sua fortuna.

Pertenceu ao grupo iniciador do Integralismo Lusitano, que se espalhou rápidamente em certos sectores da juventude, por meio do manifesto «O que nós queremos», da «Cartilha Monárquica», da revista «Nação Portuguesa» e do diário da tarde «A Monarquia», que ele dirigiu.

Fez em Coimbra os seus estudos liceais e universitários, licenciando-se em Direito, com 18 valores.

Devido á sua actividade política, conheceu três vezes o exílio. Alferes miliciano, tomou parte importante na preparação e no decurso da revolta monárquica de Monsanto, que começou na manhã de 23 de Janeiro de 1919 e terminou na tarde de 24. Operado no Hospital de S. José, ali se conservou alguns meses, sendo depois, com outros oficiais e civis, levado para o Lazareto do Funchal, donde, com vários companheiros, se evadiu para Marrocos num barco, não chegando, por isso, a cumprir a pena de três anos de prisão maior celular, a que fora condenado pelo Tribunal Militar de Lisboa.

Após alguns anos de estadia em Paris, onde conviveu com os melhores espíritos literários e artísticos, beneficiou de uma lei de amnistia e veio para Lisboa, donde, depois, foi desterrado por um ano, devido ás suas actividades nacionais-sindicalistas. E ainda há meses publicara um novo livro: «A verdade monárquica», em que define a sua posição política.

De uma educação primorosa, Alberto de Monsaraz gozava do respeito e da amizade de correligionários e adversários políticos — uns e outros admiradores do seu inconformismo e da sua fidelidade inalterável aos princípios que nortearam sempre a sua vida.

Várias vezes, concedendo-nos entrevistas, ou, com versos e artigos, colaborou no «Diário de Lisboa», cujo director, dr. Joaquim Manso, contava nele um dos seus melhores amigos.

Alberto de Monsaraz nasceu em Lisboa em 28 de Fevereiro de 1889.

Deixa viuva a sr.ª D. Maria Luisa Monsaraz e era pai da sr.ª D. Maria Flávia e do sr. António Duarte Monsaraz, aos quais apresentamos sentidas condolências.

João Abrantes Castanheira

Faleceu o sr. João Abrantes Castanheira, de 86 anos, natural de Espadanal, Tábua. O funeral, a cargo da agência Salgado, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da igreja da Pena para o cemitério do Alto de S. João.

Joaquim José Corado

Com 53 anos de idade, faleceu o sr. Joaquim José Corado, industrial, natural de Estremoz, casado com a sr.ª D. Madalena Fernandes Corado e pai da sr.ª D. Maria Helena Fernandes Corado. O funeral, a cargo da Agência «SRAF» realiza-se amanhã, ás 10 horas, da Avenida Rio de Janeiro, 25, 3.º, dt.º, para o cemitério do Lumiar.

O porto de Mormugão

(Continuação da 1.ª página)

conta cerca de 950 m. de cais acostáveis, dos quais 485 m. para navios de longo curso, abrigados por um molhe e quebra-mar.

Nos termos do contrato da concessão, o Estado obrigou-se a garantir o juro anual de 5% sobre o capital inicial da Companhia e o de 6% sobre todo o capital adicional de que ela viesse a carecer para a execução de quaisquer obras de estabelecimento ou ampliação.

Ainda segundo o mesmo instrumento, e sem embargo de se prever a reversão gratuita á posse do Estado do porto e caminho de ferro no termo do prazo de 99 anos, a concessionária teria o direito, decorridos os primeiros 30 anos da exploração, de denunciar o contrato com aviso prévio de 2 anos, ficando o Governo obrigado a reembolsá-la da quantia despendida com o estabelecimento, o que tirava todo o interesse prático á citada cláusula da reversão gratuita. Foi deste direito que a assembleia geral da companhia decidiu agora usar, como certamente não deixaria de o fazer antes do termo do período em que o contrato lho reconhece.

O teor das cláusulas contratuais e o malogro económico da concessão trouxeram ao Estado pesados encargos, pouco atenuados com a decisão tomada em 1902, de sancionar a integração e exploração do empreendimento na rede geral ferroviária da península hindustanica. Sómente a exportação em larga escala do minério de ferro de Goa, iniciada em 1951, trouxe alívio á situação financeira da concessão, que até aí custara ao Estado, só em encargos com a garantia do juro mais de £ 2.700.000

Aos inconvenientes de carácter financeiro, muitos outros se somaram no contrato de concessão. Alguns foram sendo progressivamente reduzidos nos sucessivos contratos adicionais que as circunstancias aconselharam a celebrar com a concessionária. Deve, no entanto, dizer-se que, dentro das premissas contratuais vigentes, as relações do Estado com a Companhia em tão longo período se caracterizaram sempre por uma perfeita correcção e escrupuloso cumprimento das obrigações recíprocamente assumidas.

Consoante em devido tempo foi tornado publico, a evolução da situação política na India impôs, o termo, no começo de 1956, do acordo da exploração firmado em 1902 com os caminhos de ferro do território vizinho. Nessa oportunidade conseguiu-se evitar a denuncia pela concessionária do contrato de concessão, mediante troca de vantagens consignadas em contrato adicional adrede negociado e cuja vitalidade terminou em 31 de Dezembro ultimo. Assim se asseguraram, na crise de 1956, as indispensáveis relações com os caminhos de ferro indianos para a transferência da exploração e do material e instalações, que a empresa concessionária, apoiada pelo Estado, passou a explorar directamente, evitando-se quaisquer perturbações na vida da India Portuguesa e consentindo enfrentar com eficiência antes desconhecida as crescentes exigências de tráfego.

A denuncia do contrato de 1881, á parte o inconveniente da oportunidade do dispêndio a que forçará o Estado, tem para este a vantagem de o desonerar do pesado encargo anual inerente á concessão, cujas condições de real prosperidade económica finalmente conseguidas, mercê do extraordinário incremento do tráfego nacional por Mormugão, em breves anos permitirão recuperar o valor despendido, que coloca exclusivamente em mãos portuguesas o mais poderoso instrumento da actividade económica de Goa.

Segundo a fonte oficial, onde amávelmente nos foram prestados todos estes esclarecimentos, o valor exacto do dispêndio só poderá porém, determinar-se depois do encerramento de contas no termo da concessão (provávelmente no final do primeiro trimestre de 1961), mas o seu valor aproximado é da ordem do milhão e cem mil libras.

Fidel Castro
foi aclamado
na capital da Venezuela

CARACAS, 24. — O cortejo triunfal de trinta automóveis que transportava Fidel Castro e as entidades venezuelanas, chegou a esta capital com 2 horas e meia de atraso. Ao longo do percurso de 17 kms., que separam esta cidade do aeródromo, a multidão fez parar continuamente o carro que conduzia o chefe revolucionário cubano. Este, que veio á Venezuela para tomar parte nas cerimónias do primeiro aniversário da queda do ditador Jimenez, teve de tomar por um caminho de desvio para escapar aos entusiastas que o esperaram mais de três horas sob um sol abrasador.

Depois de um grande banquete, o chefe cubano foi visitar o bairro popular «15-23 de Janeiro», assim denominado em memória da revolução de 1958.

Jovens fanáticos precipitaram-se para o carro onde se encontravam Fidel Castro e o almirante Larrazabal, e os dois, submersos no meio de tantos milhares de pessoas, desapareceram para reaparecer alguns instantes mais tarde na tribuna de honra, onde o «leader» cubano dirigiu uma saudação cordial a toda a assistência, que gritava continuamente «Viva Castro», «Viva Larrazabal», «Viva o povo cubano».

Formou-se depois um cortejo que se dirigiu para a praça «El Silêncio», onde se realizou a manifestação do primeiro aniversário da revolução. Mais de 150.000 pessoas se lançaram ao encontro dos recém-chegados que, rodeados de um mar de gente, estiveram meio asfixiados. Só depois, Fidel Castro conseguiu falar e descrever a epopeia da luta revolucionária em Cuba.

O chefe cubano, que foi convidado para uma recepção íntima, deve assistir hoje a uma cerimónia junto do mausoleu de Simón Bolivar, antes de tomar parte numa manifestação na cidade universitária. — (F. P.).

Os valores acumulados pela mulher de Baptista

HAVANA, 24. — Cofres fortes requisitados em nome da esposa de ex-presidente Baptista foram ontem abertos pelas autoridades, na sede do Banco «Trust Company of Cuba». Estes cofres continham mais de quatro milhões de dólares (116 mil contos) em dinheiro e grande quantidade de valores. — (F. P.).

Fidel Castro justifica as execuções

CARACAS, 24. — O dr. Fidel Castro declarou na noite passada nesta capital, durante um comício em massa, que a execução de «criminosos de guerra» em Cuba era plenamente justificada e absolutamente necessária para se manter os objectivos da revolução.

Castro disse ainda que os actuais julgamentos em Cuba se efectuavam de acordo com a lei, aprovada pelo Exército rebelde no seu Q. G. em Sierra Maestra, muito antes da sua vitória. O caudilho acrescentou que, ao realizar este julgamento, o Governo revolucionário agira levado pela evidente urgência de justiça e desfrutava do apoio unanime do povo cubano.

O chefe revolucionário concluiu: «Essa é a razão por que condenámos categóricamente a campanha difamatória da Imprensa de círculos bem conhecidos nos Estados Unidos, contra as execuções de criminosos de guerra cubanos, campanha essa que é destinada a desacreditar a nossa revolução».

O dr. Fidel Castro deve regressar na segunda-feira a Havana. — (R.).

A Polícia italiana
prende «por engano»
os detectives particulares...

ROMA, 24. — As agências italianas de detectives particulares, irritadas porque os agentes da autoridade continuam a prender «por engano» os detectives particulares, tencionam propor uma lei ao Parlamento, que defenda os seus direitos. Esta iniciativa foi tomada num congresso de representantes de cerca de 150 agências de toda a Itália, que se reuniram á porta fechada, em Milão, esta semana.

A lei que vai ser proposta acabaria com a proibição de os detectives particulares italianos seguirem pessoas na rua e de prepararem armadilhas. — (R.).

RIBATEJANO
Salvaterra de Magos — Telf. 14
TODOS OS DIAS
Aos Almoços — Chás e Jantares
Exibições: Ranchos Folclóricos
Cozinha Portuguesa
(6 anos)
Subsidiado pelo Fundo de Turismo

Publicação japonesa
com capa perfumada

TÓQUIO, 24. — A revista semanal japonesa «Shukan Yomiuri» apareceu agora á venda com a capa perfumada, o que constitui uma novidade. A edição perfumada da revista apresentava na capa uma grande rosa vermelha.

O editor disse que o perfume era fornecido pela mistura de tintas especiais de impressão e teria uma duração superior a seis meses. — (R.).

«Record» aéreo

LAS VEGAS (Nevada), 24. — Dois aviadores americanos, Robert Tim e John Cook, estabeleceram ontem um novo «record» de resistência para aviões ligeiros, conservando-se no ar, a seguir, 120 horas e 19 minutos, no seu «Cessna 172».

Os dois aviadores continuam no ar, onde contam conservar-se ainda dez dias. — (F. P.).

Os temporais na América
causaram já 117 mortos
e 125 milhões de dólares de prejuízos

CHICAGO, 24. — Chuvas torrenciais e tempestades de neve, acompanhadas de ventos ciclónicos, provocaram, tal como já sucedera em outros oito Estados, as piores inundações desde há 46 anos em Chillcothe, Ohio, alagando vastas zonas de cultura e cobrindo um terço da cidade. Mais de 10 mil pessoas foram forçadas a abandonar os seus lares. Desapareceram 5 homens, 11 crianças e 3 mulheres. Morreram afogadas mais sete pessoas, quatro das quais pertencentes a uma missão de socorro, quando um barco em que seguiam se avariou.

As tempestades causaram no conjunto, 117 mortos incluindo aqueles que morreram afogados e os que perderam a vida em desastres de viação, ou por motivo de enregelamento ou fadiga.

Os estragos materiais causados pelos temporais, que varreram toda a vasta zona desde as Montanhas Rochosas até aos Apalaches, estão avaliados em 125 milhões de dólares.

Centenas de pessoas ficaram feridas e milhares de cabeças de gado foram levadas pelas águas. Em alguns pontos, as cheias arrastaram rebanhos inteiros.

Em Meadville, Pennsylvania, registou-se a pior cheia de que há memória, e cerca de 30 por cento da população teve de ser precipitadamente retirada, tendo perdido todos os seus haveres. Os hospitais locais estão cheios de feridos e de vítimas de resfriamentos.

Foi proclamado o «estado de desastre»

Atendendo ao angustioso apelo lançado pelos governadores Michele Disalle, do Ohio; e David Lawrence, do Pennsylvania, o presidente Eisenhower proclamou as duas zonas em «estado de desastre» e autorizou o uso de fundos federais sem qualquer limite, para socorrer e prestar imediata assistência ás populações sinistradas, independentemente do auxílio estadual e local.

No Mississipi, chove torrencialmente, registando-se grandes inundações. Mais de 3.000 pessoas abandonaram as suas casas, fugindo ás cheias. Centenas de cabeças de gado foram levadas pela torrente.

Entretanto, a juzante do Dayton, centenas de voluntários trabalham, afincadamente na improvisão de diques com sacos de areia, ao longo das margens do Mississipi.

A maior inundação registou-se ao longo dos rios Minnesota e Crow, na mesma zona assolada pelas cheias de 1951 e 1952. O Minnesota, que, normalmente, tem ali a largura de sessenta metros, galgou as margens, alargando-se por cerca de dois quilómetros, em alguns pontos.

No Oklahoma, os rios Cimarron e Arkansas estão a aumentar assustadoramente de volume e prestes a transbordar.

Mais de quinhentos motoristas estão retidos na estrada nacional do Novo México, por causa da neve, sendo crítica a sua situação.

Uma vaga de frio intenso varreu as cidades de Dallas, Tulsa, Oklahoma, Kentucky e o Estado de Nova York, onde o termómetro regista as mais baixas temperaturas dos ultimos anos.

No Estado de Nova York e no Kentucky, aumentam as ameaças de novas cheias em consequência do degelo dos rios, das maiores tempestades do ano, em que a temperatura negativa aumentou a miséria de milhões de pessoas, afectadas pelas cheias. Em muitos pontos da parte oriental dos Estados Unidos as águas das cheias degelaram. As ultimas informações recebidas das áreas afectadas pelos temporais dizem que centenas de casas ruíram, total ou parcialmente, e que vastas áreas cultivadas ficaram completamente destruídas. — (A. N. I.).

Situação caótica em Java

DJAKARTA, 24 — As inundações de certas regiões da ilha de Java, durante a primeira quinzena da Janeiro, causaram prejuizos no valor de 22 milhões de rupias. Houve 315 casas que foram arrastadas pelas águas, 1.896 ficaram danificadas e mais de 17.000 hectares de arrozais encontram-se completamente devastados. Há alguns milhares de pessoas que pedem socorros.

A catástrofe fora já qualificada de «nacional» quando um tufão de rara violência acabou de devastar a região. — (F. P.).

Núncio apostólico
em Lisboa

CIDADE DO VATICANO, 23.— Foi nomeado nuncio apostólico em Portugal monsenhor Giovanni Panico, delegado apostólico no Canadá, que substituirá o cardeal Fernando Cento.—(A. N. I. e F. P.).

Tágide
No Restaurante
das 23.30 às 4 da manhã
«SOUPE À L'OIGNON»
Serviço especial de Ceias
(Reservado o direito de admissão)

Ultimas notícias

Portugal
e mais nove países assinaram um acordo de pesca

LONDRES, 24 — Portugal e mais nove países da Europa assinaram hoje uma Convenção Internacional de Protecção ás Pescas, cobrindo todas as espécies de pescado, cuja jurisdição se estende por todo o Atlantico Norte, mar da Gronelandia e mar de Berent, prolongando-se até á latitude do Estreito de Gibraltar.

Falando aos jornalistas, o comodoro Duarte Silva declarou-se muito satisfeito com a maneiro como decorreram os trabalhos e salientou a grande importancia do acordo para Portugal, cujas águas ficam inteiramente abrangidas. — (A. N. I.).

UMA EXPLOSÃO
de gás butano
provocou muitas vítimas

MONROE (Luisiania), 24—Morraram quatro pessoas, desapareceram treze e mais de cem ficaram feridas, em consequência da explosão de um vagão-tanque, carregado com gás butano. O vagão-tanque fazia parte de uma composição de 33 vagões com gás butano, atrelado ao comboio de mercadorias do Missouri, constituido por 139 vagões, que descarrilou. A tremenda força da explosão sacudiu violentamente o solo numa extensão de oito quilómetros.

Dois dos principais hospitais de Monroe estão cheios de feridos, muitos dos quais se encontram em estado grave.

O clarão produzido pelas explosões foi avistado a 56 quilómetros de distancia. Lavram grandes incéndios ateados pelas explosões.— (A. N. I.).

Vaga de calor
na Itália

ROMA, 24 — Na Itália, uma subita vaga de calor obrigou a interromper o habitual programa de desportos de Inverno. Soprando através dos Alpes, um vento quente, o «siroco», derreteu a neve das famosas pistas de «ski» e patinagem de Merano e Medonna di Campiglio.

Foram canceladas todas as competições internacionais marcadas para hoje e amanhã. — (A. N. I.).

Quatro gémeos
nasceram no México

MÉXICO, 24.—Uma camponesa da aldeia de Santiago Miltepec, no Estado do México, deu á luz quatro rapazes. O parto decorreu de maneira normal e sem dificuldades especiais. As crianças nasceram com uma hora de intervalo cada uma. Mãe e filhos passam bem.—(F. P.).

As consequências da viagem
de Mikoyan aos Estados Unidos

(Continuação da 1.ª página)

mesmo tempo, informou claramente os dirigentes soviéticos de que esse desejo não implica, de modo algum, abandono da posição e direitos dos países ocidentais. Talvez a presente situação tranquilize os receios soviéticos quanto á participação da Alemanha Ocidental na N. A. T. O. e ao seu rearmamento com fins defensivos e talvez os dirigentes russos se convençam de que a participação da Alemanha na N. A. T. O. e o seu rearmamento facilitam a estabilidade da Europa e a sua segurança. Mas, prosseguiu o secretário de Estado adjunto, é evidente que as nações ocidentais estão decididas a manter as suas posições e direitos em Berlim. Os dirigentes americanos esperam que Anastácio Mikoyan, com a visita que fez aos Estados Unidos, tenha ficado bem convencido da firmeza ocidental a este respeito. Por outro lado, não tiveram êxito as tentativas veladas de Mikoyan para separar os Estados Unidos dos seus aliados. Pelo contrário, o vice-presidente do Conselho da U. R. S. S. deve ter voltado para Moscovo suficientemente convencido de que os Estados Unidos são leais para com os aliados.

Robert Murphy manifestou a esperança de que Anastácio Mikoyan, no próximo congresso do Partido Comunista Russo, intervenha a favor de melhor compreensão das intenções pacificas dos Estados Unidos, seu poderio e firmeza de atitudes. Seria também conveniente, ajuntou Robert Murphy, que Mikoyan recomendasse aos dirigentes soviéticos que, de futuro, evitassem, nos discursos e resoluções, as expressões de hostilidade para com os movimentos politicos e países do mundo livre.

O secretário de Estado adjunto americano disse que desejaria ainda pedir ao vice-presidente do Conselho da U. R. S. S. que recomendasse ao congresso do seu partido averiguasse se as dificuldades da U. R. S. S. não se devem á sua própria doutrina de hostilidade para com os Estados e movimentos não comunistas. E esse o maior obstáculo á cooperação económica e comercial normal, que Mikoyan preconiza — acentuou.

«O ano de 1959, disse ainda Robert Murphy, pode não proporcionar a perspectiva de melhoria sensacional da situação internacional. Mas não há qualquer motivo para pensar que não podem fazer-se progressos notáveis na solução de alguns grandes problemas. Propomo-nos manter o nosso potencial militar, económico e espitual, embora continuemos a negociar a respeito dos problemas fundamentais».

Robert Murphy manifestou a sua satisfação pela solidez da aliança atlantica. E, referindo-se á aterragem forçada do avião em que Mikoyan seguia, de regresso á U. R. S. S., na Terra Nova, o secretário de Estado adjunto comentou: «Este incidente, que felizmente não causou nenhum ferido, talvez ajude Mikoyan a compreender que as nossas bases têm uma finalidade util e pacifica». — (F. P.).

SCIAL
TRAV. DO CORPO SANTO, 15
TELEF. 20464
Compre azulejos de figura aleluia
Para decorar o seu Lar

Lotaria especial
do
Carnaval
(em duas séries)
extracção a 6 de Fevereiro
1.º prémio 1.500 contos
(em cada série)
Bilhetes a ..... 70$00
Quintos a ..... 14$00
á venda no
QUIOSQUE TIVOLI
e suas sucursais de Lisboa — Porto

magazine

Diario de Lisbôa

SUMÁRIO

Impressões de Itália
DULCE REBELO

A Imprensa e o seu desenvolvimento
ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

Bilhetes Paulistanos
MIGUEL URBANO RODRIGUES

Fim de semana feliz
CICERONE

Ouvir bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON

A mulher, o poeta e o amor
HELENA COSTA DIAS

Postal ilustrado
MANUEL AGRA

Um certo Mr. Stanley
ALFREDO BRÁS

O mar azul
ANTUNES DA SILVA

Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES

Saiba comer
MARIA CAROLINA FREITAS

A conquista do céu
MANUEL SALGUEIRO

Histórias de mineiros
MANUEL DO NASCIMENTO

Ganhe cem escudos com um sorriso nos lábios

BILHETES PAULISTANOS

LUIS DE LIMA E O TEATRO DA UNESCO

SÃO PAULO, Janeiro — O Teatro Popular de Arte aproveitou o período festivo para apresentar ao publico paulista um espectáculo preenchido com duas peças de Eugène Ionesco: «A lição» e «A cantora careca». Um escrupulo de exactidão leva-nos a rectificar: um espectáculo Ionesco-Luís de Lima. Na realidade, o nome do antigo discípulo de Jouvet e de Marcel Marceau não se pode, na emergência, deixar de colocar junto ao do genial criador do antiteatro. Foi ele quem traduziu (e por vezes adaptou) os dois textos, e que dirigiu a encenação, e é ele, ainda, quem, no desempenho de papéis totalmente diferentes, dá duas lições da arte de bem representar.

A circunstancia de termos recentemente assistido á apresentação de «A lição» pelo grupo francês do «Strapontin» — escrevemos sobre o assunto no «Diário de Lisboa» — permite-nos, agora, estabelecer um paralelo que é, assinale-se, inteiramente favorável a Luís de Lima. Apesar de alguns cortes discutíveis no texto original, no intuito de evitar um afrouxamento da acção, a encenação actual tem sobre a anterior a vantagem de facilitar ao publico uma mais perfeita compreensão do mundo de Ionesco e das suas intenções específicas nesta estranha aventura intelectual. A interpretação de Luís de Lima, excepcional, consegue transmitir á sala o clima de erotismo que domina o diálogo entre professor e aluna, clima que, sem ser uma finalidade em si, representa um dos elementos invisíveis da antítese «lógica-absurdo» que se desprende do alucinante jogo de palavras e de atitudes dos personagens. Ao invés de Robert Srour, do «Strapontin», muito igual de princípio ao fim, Luís de Lima apresenta-se alternadamente suficiente, calmo, colérico, electrizante, docemente fatigado, em prodigiosas e vertiginosas transmutações histriónicas, num absorvente aproveitamento de todos os seus recursos de actor postos ao serviço da ilimitada ansia de expressividade de Ionesco.

«A cantora careca», a primeira

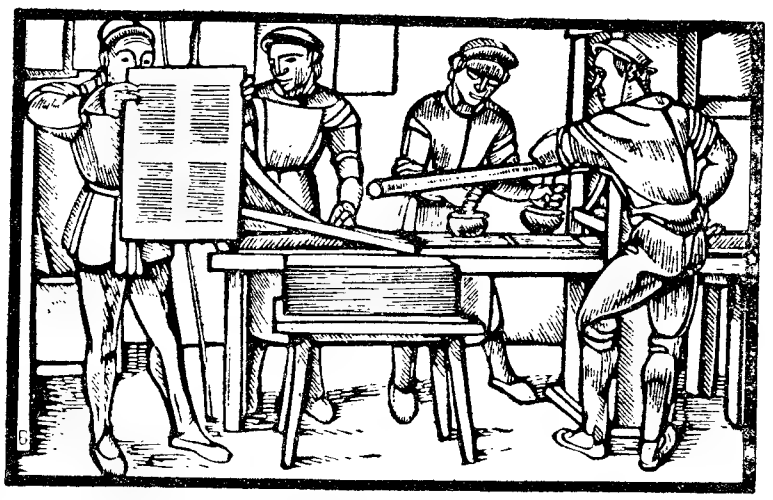
(Continua na 3.ª página)

por MIGUEL URBANO RODRIGUES

A IMPRENSA E O SEU DESENVOLVIMENTO

Por ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

A Imprensa de Gutemberg fora uma proeza do artesanato, na primeira fase da época da manufactura. Durante perto de 300 anos conservar-se-á quase inalterável com a sua prensa de parafuso accionada a braço de homem, utilizando um papel feito também manualmente folha a folha. Mas a revolução técnica conhecida pelo nome de Revolução Industrial vem transformar a produção do livro no começo do século XIX. O trabalho manual é substituido pelo trabalho mecanico produzido pelo vapor (máquina Koenig 1812). Introduz-se depois a impressão rotativa em papel bobinado (1855-1865); o trabalho do compositor é acelerado pela máquina de compor (1884), que se combinou com a linotipia (1884) e a monotipia (1887). A transformação não se detere ainda. O papel começa a ser produzido mecanicamente nos primeiros anos do século passado, e a partir de 1840 o emprego da pasta de madeira embaratece extraordinàriamente o seu fabrico.



Enquanto Gutemberg conseguia apenas imprimir 600 páginas por dia, uma moderna máquina rotativa, desenrola, numa hora cem mil jornais de 36 páginas. E' nestas condições que são possiveis os jornais com tiragens de milhões. Com este grau de mecanização o livro e sobretudo os jornais tornaram-se grandes empresas industriais.

Na industria inglesa em 1950 a

(Continua na página seguinte)

IMPRESSÕES DE ITÁLIA

BOLONHA «ADAGIO»

Por DULCE REBELO

COMO todos os outros lugares da Itália, também Bolonha possui a sua sedução particular. Toda cheia de bastiões de pedra negra e amarelo torrado, tem um ar vetusto que lembra a Idade-Média, cavalarias loucas e duelos sangrentos em vielas estreitas e escusas, perigosas de atravessar, pois através delas se faz o tráfico moderno. Duas torres, uma delas inclinada como a de Pisa, são o símbolo representativo da cidade, e a maior originalidade está na longa série de arcarias que acompanham as ruas mais importantes e também alguns dos velhos bairros.

Tudo nesta cidade são reliquias do passado conservadas amorosamente. A basílica de S. Petrónio é das mais antigas, começada a construir em 1370. No interior, colgaduras vermelhas caem do alto das colunas de mármore e roçam o chão magnifico, em que o negro e o rosa entrançados em delicada grinalda valorizam o conjunto. As igrejas autenticamente romanicas constituem um estudo pormenorizado dos primitivos edificios. Entre elas a antiquíssima igreja de S. Stefano, construida sobre sete capelas e que tem um santo sepulcro de Jesus. Na igreja de S. Domenico é ponto de atracção o altar-mor com um relicário contendo a cabeça do santo.

Nas primeiras horas do dia, a cidade oferece a sua actividade laboriosa e ao mesmo tempo a calma e a serenidade, a meditação concentrada dos Bolonheses que amam a paz e gostam de se entender com os vizinhos.

Interessam-se por tudo, desde a valorização estética das raparigas, que apreciam como bons entendi-

(Continua na ultima página)

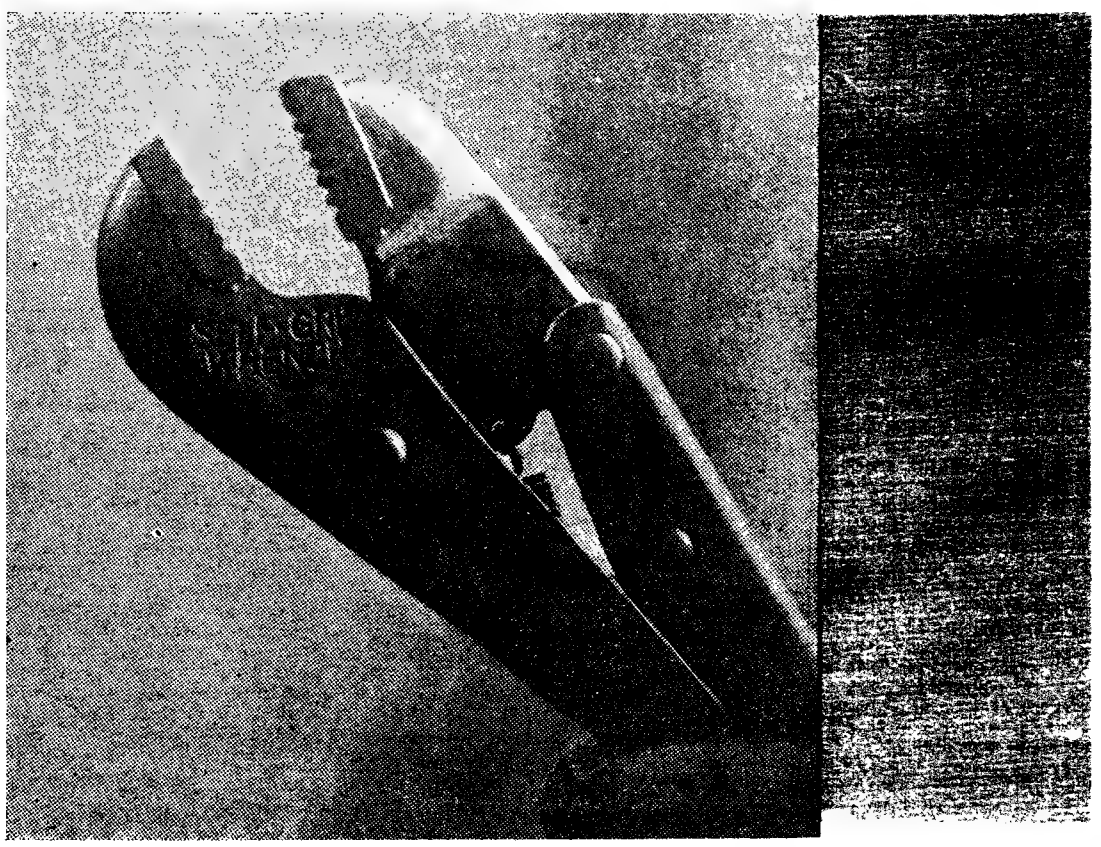
CIÊNCIAS NATURAIS

Já lá dizia o sábio: nada se perde, tudo se transforma. E, ás vezes, bem estranhamente. E' este o nosso caso: o que era dubio e furta-cores, na Natureza, tornou-se ameaçador e feroz na escala humana. O camaleão esconde as verdades; o alicate tira-as.

Mas o leitor poderá descobrir mais uma curiosa oposição:

O camaleão desta gravura lembra um animal pré-histórico, desaparecido há muitos milhares de anos; o seu gémeo alicate parece uma imagem tirada de um romance de antecipação, nalgum planeta económico que tenha resolvido substituir os homens por autómatos. Seria a foto de um polícia automato e automático, o que bem demonstraria a extraordinária capacidade dos habitantes daquele planeta para a grande caricatura.

Uma outra coisa prova a oposição entre estas duas fotos: a riqueza da imaginação humana.



GANHE 100$00

A definição de «FEIJÃO FRADE» provocou sérias meditações de natureza teológica e conventual, ao mesmo tempo que deu origem aos veneráveis dasabafos líricos do século passado. Só um concorrente se apresentou como defensor do «FEIJÃO FRADE» mas sem qualquer êxito. Mais uma vez o «SORRISO AMARELO» leva a palma ao «SORRISO NOS LÁBIOS».

ESTA preponderancia do sorriso amarelo *sobre o* sorriso nos lábios *não é novidade nenhuma para a maioria dos nossos leitores. Os que aparecem de novo é que nos perguntam o que quer dizer aquela coisa de* sorriso amarelo *e de* sorriso nos lábios. *Muito simples: o sorriso amarelo é o sorriso á força, é o sorriso sem graça nenhuma, é a resposta que vai cair ao cesto dos papéis; o sorriso nos lábios é o contrário de tudo isto, é uma manifestação de bom humor e é (coisa fundamental) a condição necessária para se receber os CEM. O vencedor é, dentro do grupo do sorriso nos lábios, aquele que teve um pouco mais de vitaminas no respectivo sorriso... (As reticências querem lembrar os CEM ESCUDOS do prémio).*

Aqui têm os novos leitores tudo quanto se pode dizer sobre matéria tão profunda.

Esta semana o sorriso amarelo refugiou-se nos tais desabafos líricos, estilo século «Vai alta a Lua na Mansão da morte». Todos versavam a tristeza da vida, que tem duas caras e que obriga os desgraçados infelizes á incomportável despesa de mandar fazer mais outra cara. Segundo percebi — não sei se percebi bem — tratava-se, em certos casos, de arranjar um fato de trabalho e outro de cerimónia. Noutros casos, porém, o lirismo era mais forte, ultrapassava a craveira do alfaiate: referia-se ao «carnaval da vida» e mais coisas profundas nesta proporção.

A palma coube, desta vez, aos teólogos e aos peritos em questões conventuais. Entre os primeiros enfileira o vencedor, o sr. Carlos Paniágua (?) Feteiro (Rua Dr. Augusto Saudade e Silva, 11, Caldas da Rainha) que nos enviou esta sentença salomónica:

Feijão Frade — é aquele de quem não se pode dizer que «não é lá muito católico».

Parabens ao sr. Carlos Feteiro (evitei o obstáculo do segundo nome, porque sempre fui fraco em corridas de abstáculos), que pela primeira vez concorre ao nosso concurso.

O leitor e concorrente habitual, sr. José Joaquim, do Porto, estava esta semana muito preocupado com questões de abastecimento. A vida, na realidade, anda cada vez mais cara. Diz-nos aquele nosso amigo:

Feijão Frade é o unico feijão que devia ser consumido nos conventos.

Para honrar o nome, não?

Uma série de concorrentes ficou muito interessada com a questão do hábito. O sr. Alberto da Silva, do Porto, por exemplo, chegou á seguinte e rigorosíssima conclusão:

Feijão Frade — é o unico frade que nasce e morre sem nunca usar hábito.

Talvez por isso é que um desconhecido ou uma desconhecida (a letra parece do sexo feminino) nos envia a seguinte e lacónica mensagem:

Feijão Frade: o hábito não faz o monge.

Parece que as duas respostas se completam. Prosseguindo, todavia, nesta matéria de «hábito» afirma-nos ainda outro concorrente do Porto, o sr. Alvaro Manuel Machado, que:

Feijão Frade — é aquele que adoptou o «hábito» da pinta preta para se distinguir dos irmãos...

Pôs reticências, o que significa que tinha mais para dizer.

O sr. A. Luís Valente G. (?), de Lisboa, estava verdadeiramente desesperado quando nos escreveu:

Feijão Frade é o símbolo dos Degenerados. Incrível! O unico feijão que se lembrou de professar.

Há horas do diabo, como o senhor sabe!

A sr.ª D. Vilma Barreiro (Restelo), teve uma definição verdadeiramente original:

Feijão Frade é uma feliz combinação de matéria e de espírito.

Eis o feijão frade elevado á categoria de síntese ou compromisso filosófico, o que prova a altíssima vantagem do nosso concurso.

Como sempre, nunca falta um economista. O mais destacado, esta semana, é o sr. Manuel Alvim, de Lisboa:

Feijão Frade é a ementa de toda a semana em casa daqueles que não tiveram aumento de vencimento.

Não há duvida que o sr. Manuel Alvim prestou a homenagem máxima ao feijão frade, apresentando-o como o genuino prato nacional.

A sr.ª D. Maria de Lourdes Teixeira, de Olhão, considera que:

Feijão Frade é o individuo que diz «sim» quando tem vontade de dizer que «não», e diz «não» quando sente que deve dizer «sim».

Eu, pelo menos, peço licença para não estar de acordo. Se fossemos a aceitar esta definição, todos seriamos feijões frades. Querer não é poder, em grande numero de casos (e aqui está um).

Todas as semanas aparece sempre alguém que aproveita a oportunidade para glosar o vleho tema do marido que vem tarde dos «serões». Eis uma amostra desta semana:

Feijão Frade é a cara que o marido, depois de vir dos «serões», mostra á sua cara metade. Naquela altura tem de haver sempre duas caras, quanto mais não seja a cara de comprometido.

Esta cara de comprometido é

(Continua na 7.ª página)

disco da semana

JULA DE PALMA
Piovi la Fuori — Soledad
Columbia 45DL 5033

THE GAINORS
The Secret — Gonna Rock Tonite
London P45 HLU 8734

THE FOUR TONES
Voom ba boom — Rickshaw Boy
Decca P45F11074

VICO TORRIANI
Ta-pum Ta-pum — Technique
Decca D 18803

Já se ouvem ao longe os rumores dos primeiros festejos carnavalescos. Revêem-se as discotecas para que se actualizem com os ultimos sucessos, com os mais recentes ritmos.

Para os interessados aqui ficam os apontamentos que nos foram sugeridos pela audição das mais recentes novidades aparecidas no nosso mercado.

Jula de Palma, recém-chegada a Itália, do Brasil, trouxe o encanto dos ritmos e melodias cariocas e a sua versão do famoso «Chove lá fora» tem bastante interesse. Em «Soledad», outra canção da América do Sul, Jula conquista-nos com a doçura da sua voz e a excelente dicção.

«The Secret», uma canção que atingiu os primeiros lugares do «Hit Parade», foi agora lançada entre nós. Uma bonita melodia impecàvelmente interpretada.

«The Four Tones», mais um novo conjunto vocal, recorre ao «rock» para atingir os píncaros da fama. E' fácil augurar-lhe uma sorte segura.

Vico Torriani, o ídolo das mulheres alemãs, está a tornar-se um ídolo mundial graças ao cinema e ao disco. «Férias em Lisboa», há pouco estreado no nosso País, mostrou-nos as suas razoáveis possibilidades de actor e as suas belíssimas qualidades vocais.

«Ta-pum Ta-pum» é notável tanto sob o ponto de vista artístico como técnico. A gravação é do mais perfeito que nos foi dado ouvir até hoje. «Technique», que Pat Boone criou, completa este excelente disco que confirma a categoria do jovem cançonetista alemão.

Discos publicados pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 95.

FIM DE SEMANA FELIZ

Para onde vai amanhã?

SÁBADO ultimo, como a manhã que de Inverno só tinha o nome para a tarde virou, mas isso são contos largos!) tirei eu da pasta, ao calhar, um *Magazine*. Logo me veio á mão aquele onde Viriato Camilo tem uma reportagem muito curiosa e original: *Cesário, o poeta da cidade*.

Lisboa (pois dela se trata) ganhou um poeta para cantar-lhe a luz, a vida quotidiana. E não só ele, valha a verdade. Não quero citar alguém para não esquecer ninguém. Excepção para Irene Lisboa que tanto amou «Esta Cidade!». Com ponto de exclamação e tudo. Bem, os artistas, esse és natural que a amem e a cantem. (Por mim, lastimo que, quanto diz á poesia, me houvesse tão ásperamente deserdado a mãe natura. Senão, filão já eu tinha e garanto que saberia explorá-lo em larga escala!) Dizia eu que é natural que os artistas a cantem; connosco, é natural que a amemos e a conheçamos bem para bem lhe querer.

Mas ponha cada qual o dedo na consciência e diga lá se, tirante o palmo de chão onde gravitamos em redor do Sol, conhece bem Lisboa.

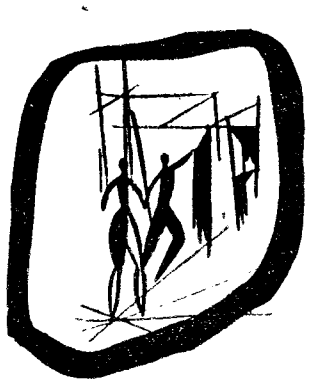
Aposto mais que dobrado contra singelo, que muito poucos hão-de responder sim. E entre os que saloiamente respondem «não» existe uma falange desconforme do que sonham com Paris, ah, Paris!

Sei que Maurice Chevalier entra para aí com muitas culpas. O «Paris, je t'aime» deu a volta ao Mundo, melhor dizendo, deu a volta á cabeça do mundo.

Eu cá se fosse os serviços de Turismo, encomendava uma modinha sentimental á voz mais sentimental cá do sitio. Gravava a melodia e mandava-a correr Mundo. Haviam de ver cair aí os Gauleses, os Janques e os Italianos que nem pardais na seara pelo S. Miguel.

Ia dizendo que li a reportagem do «Poeta da Cidade» e fui perguntando a mim mesmo se não estava eu disposto a dar um giro por aí, á caça do inédito, do insólito da novidade que nos obriga a ficar um século de boca aberta, como as crianças diante de um brinquedo novo.

Saí de casa por volta das 10 horas. Encaminhei-me á sorte, por aí... Onde vou eu? Eu, que moro em Lisboa há mais anos do que o dobro daqueles que passei em Ilhavo, minha terra, não soube que responder-me. Nenhum objectivo. Talvez a Graça, talvez a Alfama, talvez a Mouraria... Sim, uma coisa



dessas. Ou talvez o jardinzinho alcandorado, como uma saudade, no pincaro ou na vertente de cada colina.

Chegado que fui ali ao baralho do transito do Cais do Sodré, que o pobre do sinaleiro (não lhe gabo a sorte!) continuamente parte e reparte sem nunca satisfazer os jogadores (como há-de alguma vez satisfazer um baralho sem trunfos!) fatigado da espera, saí.

Encaminhei-me para o cais. Havia grande azáfama no mercado do peixe. Continuamente chegava peixe da lota. Em movimentos rápidos, precisos, as varinas estripavam-no, cortavam-no, salgavam-no. Outras, mais possantes, sumiam os caixotes para dentro da carroça que logo os levava ao seu destino.

A fragata «Graciosa» descarregava sal. Homens de tronco nu podiam á cabeça com cestos monstruosos; o sal caia-lhes na testa, nos cabelos, ardiam-lhe os olhos que eles limpavam, de quando em vez ás costas da mão.

Aquela fragata quase no resto, já outra se aproximava para meter carga em direcção ao Barreiro. Ali mesmo contratei com o mestre dar-me ele boleia, um dias destes. Depois lhes contarei as peripécias...

Não podemos nunca separar as coisas das pessoas. Alves Redol, Abel Salazar, com seus avieiros, seus descarregadores, acompanhavam-me na visita, estavam guiando os meus olhos. A dizer-lhes que não se deixassem sugestionar, apenas, subornar, pela luz do Sol, cheia de encantamento, pela cor da beira-rio, pela fragilidade da vela que a desgraça remendou e a alegria mantém erguida ao vento. Que atentassem, primeiro do que tudo, na realidade humana, na paisagem que sofre e tem esperança...

Digo-lhes que foi a muito custo que me desapeguei dali. Vinha no retorno e de passo a passo me voltava para trás, já com saudade.

Talvez hoje mesmo, ou amanhã, lhe farei outra visita. Querem vocês acompanhar-me?

CICERONE

A IMPRENSA E O SEU DESENVOLVIMENTO

(Continuação da página anterior)

industria ou Imprensa ocupava o décimo segundo lugar no montante dos negócios. e calculava-se que seriam precisos entre 1 e 2 milhões de libras para lançar um grande quotidiano. Na mesma data calculava-se que o lançamento de um grande quotidiano exigiria aos Estados Unidos da América um capital mínimo de 5 milhões de dólares. Daqui resulta a concentração dos jornais nas mãos de algumas grandes empresas industriais: é bem conhecido o facto de que apenas cinco organizações dominam em Inglaterra mais de cem diários e semanários de Londres e da província. Nos Estados Unidos em 1945 havia 55 cadeias controlando 300 jornais. Esta concentração, naturalmente, não é favorável ao aparecimento de novos jornais. Pelo contrário, nos Estados Unidos o numero de diários entre 1910 e 1952 diminuiu de 32%, e o dos semanários de 44%. Em França o numero de diários entre 1914 e 1955 diminuiu de 48 para 11 em Paris, e de 269 a 123 na província (em parte é verdade por causa da guerra, mas a não recuperação é significativa). Isto acontece ao mesmo tempo que aumentam a população e a expansão dos jornais sobreviventes.

Por outro lado o desenvolvimento dos meios de transporte e telecomunicação, deu lugar ao surgimento das grandes agências internacionais de informação, como a Havas, a Reuter, a United Press, etc. Estas agências são também empresas industriais de grande envergadura e enviam a sua matéria noticiosa, naturalmente selecccionada, para milhares de jornais do Mundo inteiro. Por exemplo. em 1950 a United Press fornecia noticiário a 1.740 jornais e a 704 estações de rádio, calculando-se que teria desta forma, através do Mundo, 600 milhões de leitores e ouvintes. Tão importante é o papel das agências noticiárias na difusão e selecção de noticias que alguns Governos as oficializaram ou semi-oficializaram, casos da agência D. N. B. alemã sob o regime hitleriano e da France Press, nascida da confiscação da Havas.

Este processo de concentração dos meios de informação — que são a parte mais substancial dos meios de cultura — é acentuado ainda por outras formas mais recentes de difusão da cultura: o Cinema, a Rádio, a Televisão.

Não preciso lembrar aqui nem a enorme concentração de meios que estas formas de difusão exigem, nem por outro lado a sua prodigiosa influência massiva. São casos típicos do fenómeno geral de concentração dos meios de produção da nossa estrutura económica.

Este fenómeno põe problemas no campo da cultura. Problemas graves de trágica grandeza, problemas que se resumem em algumas interrogações com que vou terminar por hoje. Na próxima tratarei de alguns deles, os que se me afiguram mais graves.

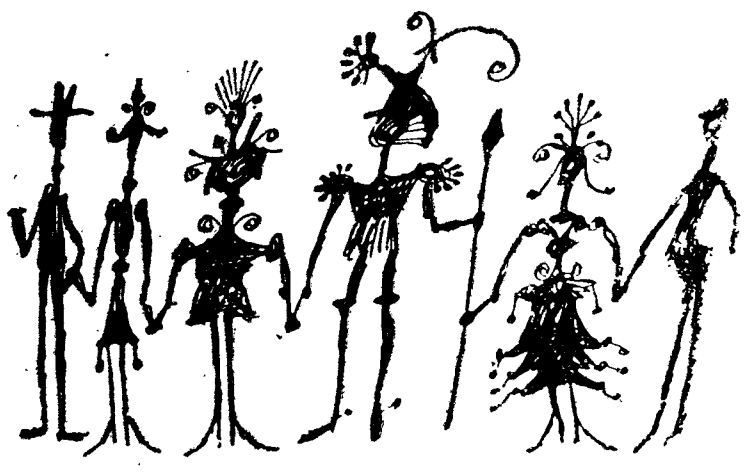
Bilhetes Paulistanos

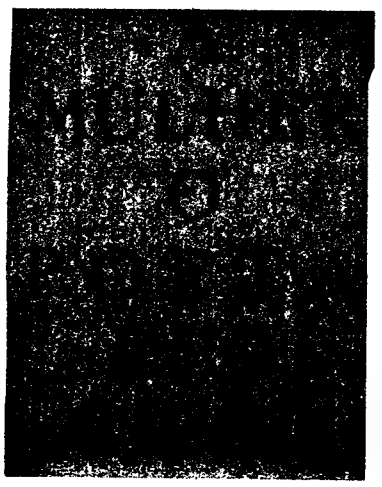
(Continuação da 1.ª página)

bra do discutido dramaturgo, ainda que bem característica da sua maneira, não é, pelos seus objectivos, tão ambiciosa como A lição». Nada pede á inteligência do espectador; limita-se a ser uma demonstração de antiteatro, onde as fronteiras do real quotidiano e do inverosímil, da lógica e do absurdo, se intercruzam permanentemente. Luís de Lima conseguiu que todos os intérpretes representassem esta «antipeça como se se tratasse de um texto realista». Não se infira, no entanto, que ideias e figuras têm nela existência autónoma. Desempenham apenas o modesto papel de instrumentos necessários á tradução da «Palavra». Ninguém diz coisa com coisa, tudo são incoerências, disparates, frases ocas de sentido, mas integradas numa conversa aparentemente ordenada travada entre pessoas respeitáveis que se exprimem respeitávelmente e que têm uma alta noção da própria responsabilidade. Tudo é vácuo da primeira á ultima réplica. Mas o público segue, acompanha o fluir das palavras que, na ausência de sentimentos, de intriga, valem por si, passam a constituir o esqueleto de um inexistente conteudo. Do ponto de vista clássico, em «A cantora careca» encontramos de teatral apenas a inflexão. O resto é vazio, zero absoluto, o zero que encerra o segredo do talento de Ionesco.

Luís de Lima, nem sempre bem acompanhado por algumas das mais conhecidas figuras da companhia Sandro-Maria de la Costa, tem outra admirável criação no papel de Mr. Martin, um dos personagens que se movimentam no palco para dar execução e vida ás aprichosas frases engendradas pelo autor.

Revelar ao Brasil o universo poético, burlesco e absurdo de Ionesco seria já um título de glória para qualquer pessoa. Luís de Lima fê-lo com uma dignidade, um saber e um entusiasmo que exprimem uma dimensão cultural pouco comum no meio e uma fé enorme nas possibilidades de renovação do teatro. O publico português terá, aliás, em breve, a oportunidade de se iniciar nas subtilezas desconcertantes do teatro vocabular de Ionesco e de aplaudir o talento de jovem que o Brasil consagrou sucessivamente como o melhor actor (1957) e o melhor director (1958) do ano. Luís de Lima, que é, presentemente, a nosso ver, um dos melhores actores portugueses e, sem duvida, o mais inteligente e actualizado dos encenadores, tenciona, com efeito, deslocar-se, em Fevereiro a Lisboa, para aí realizar um «Festival Ionesco».





QUANDO Goethe ouviu falar no romance inglês — «O vigário de Wakefield» — que nessa época corria fama e soube que numa aldeia vizinha vivia o presbítero que servira de modelo para o romance, veio-lhe logo o desejo de o conhecer.

Por uma tarde daquele ano de 1770. Goethe partiu a cavalo para Sesenhein. Aí encontrou o homem indicado, um modesto pai de cinco filhos. A casa pobre mas de extremo asseio, as raparigas Brion agradaram-lhe, desde logo. Mas, de entre elas, Frederica prendeu-lhe a atenção. Tinha dezanove anos e lindos cabelos louros. Dela escrevia o poeta, tempos após: «o seu andar leve fazia crer que toda ela não passava de nuvem; o peso das enormes tranças louras parecia demasiado para a cabeça e pescoço delicados; os grandes olhos azuis fixavam com alegria tudo o que a rodeava e o

Por

HELENA COSTA DIAS

pequenino nariz arrebitado parecia sorver o ar, com a convicção inabalável de nada haver no Mundo capaz de lhe causar desgosto».

Nessa noite, o poeta regressou á pensão de estudante, cheio da imagem de Frederica; cheio de interrogações e duvidas. Vinha apaixonado.

Um longo mês escorreu ao longo do tempo, antes que Goethe voltasse ao presbitério. Toda a vida tivera aventuras amorosas, para se iludir agora com o sentimento que Frederica lhe despertara — uma aventura mais a juntar a tantas outras; ajudar-lhe-ia a passar o tempo de aulas e esquecê-la-ia, ao regressar á casa paterna.

Mas mesmo sabendo isso, amava-a com a sua prodigiosa imaginação e pensava já no papel que a jovem iria ter na sua Obra. Nela e em volta dela, tudo o encantava. Habituado a uma vida de nobre rico, de salões e espaventos, sentia-se possuir de um amor todo novo e profundo pelo céu alsaciano, pelos prados verdes onde lanchava com os Brion, o gelo onde patinava com Frederica, no Inverno ou o campo onde se estendiam no Verão, o rosto da irmãzinha mais nova que irradiava inteligência, até o papel que representava de grande senhor que visitava a casa de uns pequenos burgueses...

Mas Goethe enganava-se, ao pensar que seria uma aventura passageira, o amor que sentia por Frederica. Depois de ter dissipado o melhor da sua juventude em aventuras galantes sem resultado, este novo amor surgia-lhe como algo de muito belo. Sentia verdadeira alegria no seio daquela família unida e terna, onde era recebido como amigo, carinhosamente amimado. Junto das irmãs Brion sentia-se de novo jovem, de novo feliz. Amava.

Apesar do grande amor que tinha por Frederica, Goethe sabia bem que a não desposaria. Também a respeitava demasiado para a tornar sua amante, como julgara a princípio. Não era uma aventura passageira. Mas Goethe sentia-se demasiado ambicioso para renunciar aos projectos de glória que construira. Levar Frederica consigo, fazê-la entrar nos salões nobres que frequentava, feria-lhe a vaidade. A primeira experiência mostrara a tímida, deslocada, desajeitada até, apesar da sua imensa beleza. O poeta era demasiado vaidoso para passar por cima disto tudo.

O tempo decorreu. Acabou o curso de Direito. No dia da partida escreveu ele: «Já na sela, estendi-lhe a mão; ela tinha os olhos cheios de lágrimas e ambos estávamos tristes». Mas afastou-se e tudo pareceu ficar por ali.

Sabia ele bem que lhe ferira o coração sensível; sofria por isso. Mas partiu, e nos poemas que escreveu buscou consolação. E não só nos poemas a encontrou mas na ideia egoista de que na Alsácia, uma jovem loura sofria as saudades, fugia dos lugares por onde passeara com ele e prometera não se entregar a homem algum. Prometera e cumpria.

Anos passaram. Toda a gente da aldeia que sabia daqueles amores, esperava que Goethe desposasse Frederica. Mas a celebridade, descendo sobre ele, cada vez mais o afastava dela.

Uma tarde, o pai Brion ouviu um carro que parava á sua porta. Correu e viu Goethe; por acaso passara por ali e fora matar saudades dos seus amigos. Não se demorou mais que uns escassos minutos; mas foi tempo suficiente para rever aqueles grandes olhos azuis àvidamente fixos nele. Voltou a partir e Frederica compreendeu, talvez só então, que o perdera para sempre.

O tempo havia de passar; em cada dia Goethe subia os degraus da glória; e desta glória alguma coisa caía sobre Frederica, umas vezes a Maria de «Goetz von Berlichingen», outras a Doroteia, a princesa de «Torquato Tasso». Com sofreguidão resignada lia os seus poemas e reconhecia-se neles, revia aqueles olhos que a tinham olhado com paixão. Nem se sabe se lhe agradeceu a glória que lhe deu na «Rosa de Sesenhein»!

Não conseguira vencer a desmedida ambição do poeta, mas não lhe queria mal. Para ela, Goethe seria sempre o mesmo jovem de olhos brilhantes de amor que esperava na curva do caminho que o trazia á aldeia, nos tempos longínquos da sua meninice. Seria, sempre o SEU POETA...

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

Os sonhos recusam-se a morrer

Levantou-se ainda de noite, tremendo de frio. Mas sem dificuldade. Antigamente, quando era mais nova, então sim, fazia sacrifício em levantar-se de manhã para dar o café ao pai e ao irmão que pegavam ás oito.

Agora, não. Pelo contrário. Fazia-o como uma espécie de libertação. Fantasmas, sombras, povoavam os sonhos e as insónias... Cada noite a deixava moída, amarfanhada.

Mal o dia pintava nos vidros da janela levantava-se, arrumava na mala o que ia necessitar em mais um dia de trabalho. Enquanto andava atarefada, não via o seu lar meio arruinado pelo bombardeamento americano. Não via o irmão regressado da frente russa, inválido e meio louco, para lhe morrer nos braços proferindo frases estranhas... Não via o seu filho, o Peter, acenando-lhe da janela do comboio que noite arrebatou — e não devolveu mais...

Arrumou na mala pequena as linhas, o retrós, os elásticos, os pentes, isqueiros de fantasia, pequeninas caixas para agulheiros, em forma de chapéu de chuva. Aquele era o seu comércio... Com ele, calcorreava as ruas da cidade, subindo e descendo escadas, batendo a portas que já a conheciam e lhe diziam amàvelmente:

—Bons dias, senhora Eva, hoje não preciso de nada. Mas estou a acabar de fazer a sopa e se quiser passar por aqui dentro de meia hora posso oferecer-lhe um pratinho dela.

O comércio miudo dava-lhe para as passagens do comboio. Com a pensão pagava a renda da casa. O comer não lhe dava muita preocupação. Um prato de sopa que lhe dessem hoje, uma bôcha amanhã, não exigia mais. Quando o rei fazia anos e quando o negócio dava, reservava alguns cobres para comprar um ovo que comia á noite, cozido.

Certamente, de tão conhecida, dar-lhe-iam o prato de sopa e a bucha mesmo que não trouxesse mercadoria para vender. Mas isso, não. O orgulho da senhora Eva precisava daquele pretexto para receber de estranhos o pedaço de pão que lhe matava a fome.

A incomodidade, a velhice, não a incomodavam. Nada lhe doía tanto como a solidão, faltar-lhe um motivo para viver. Nos primeiros anos que se seguiram ao fim da guerra, a senhora Eva vivia presa a uma esperança absurda. O facto de seu filho não ter sido dado como morto mas apenas como desaparecido alimentava no seu íntimo um fogo secreto. Imaginava que, de repente, ao dobrar de uma esquina, lhe surgia o rosto bem amado... Depois o sonho fatigou-se, o vento suão queimou as ervas do caminho.

Naquele dia, vinte de Janeiro de mil novecentos e cinquenta e nove, tomou, como sempre fazia, o comboio para a cidade.

Quando lá chegou, ia a manhã em meio. Chovia, uma luz empastada de cinzento confundia as pessoas e as coisas na mesma distancia imprecisa.

Desembarcou. Um vulto, de gola levantada, chamou-lhe a atenção. Mas não. Louco, o sonho que se recusava a morrer!

Deu uns passos. Ia já adiante, lembrou-se de voltar atrás. O vulto continuava imóvel, abrigado da chuva. Uma das mangas do casaco pendia-lhe ao longo do corpo. Mutilado de guerra — um no meio de tantos milhões...

O coração da senhora Eva batia desordenadamente. Acercou-se até ficar a dois passos do vulto:

—Peter... — chamou.

Ele voltou-se. Um grito rouco escapou-se-lhe da garganta. As pernas dobraram-se-lhe, como se um peso medonho se abatesse sobre a sua cabeça...

Não tardou que mãe e filho figurassem, naquele complexo, a estátua eterna do amor que não se nega — porque é a própria vida.

...O drama das guerras não se acaba com elas. Fica para além, muito para além. Para sempre em muitos casos. Eva dera um homem forte, recebia um farrapo que, de repente, ao vê-la recuperara a memória destruída pela guerra.

Um farrapo? Mas seu filho. Algo por que valia a pena continuar a viver — e a lutar.

A formiga-rabiga

inseto civilizado

Sabe-se que existem para cima de seis mil espécies de formigas. À medida que elas se deslocaram para regiões tão diferentes umas das outras, tiveram de se adaptar para sobreviver.

E' possível até que elas conheçam o provérbio que diz: «À terra onde fores ter, faz como vires fazer...».

* * *

As formigas vivem em sociedade, como nós todos sabemos. Pois diz-se que seguiram uma evolução muito semelhante á dos bicho-homens. Isto é, começaram por ser caçadores, depois pastores, depois agricultores... Além disso, os estádios por que nós passámos (conquista, defesa, industria) também as formigas os conheceram.

E os homens que se julgavam muito originais...

* * *

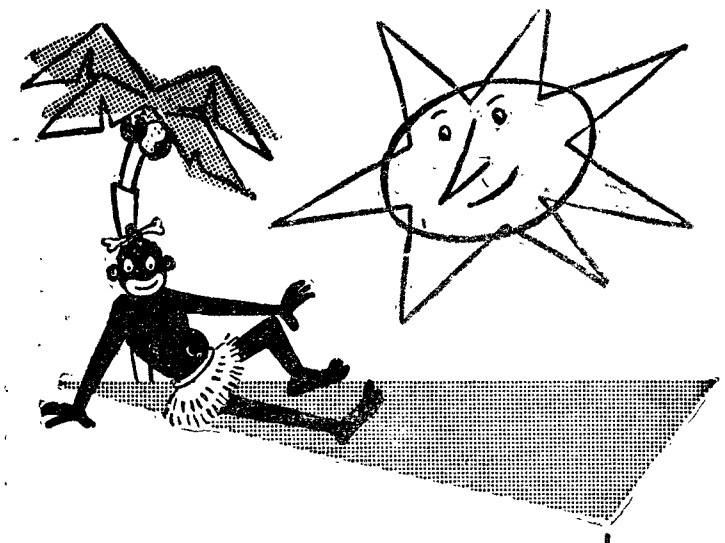
Algumas casas das formigas são autênticos palácios (ia a fugir-me a língua para arranha-céus...). Vê lá tu, que se conhecem formigueiros com mais de vinte andares acima do chão e pelo menos outros tantos debaixo da terra!

O Empire State Building? Uma brincadeira de... formigas...

* * *

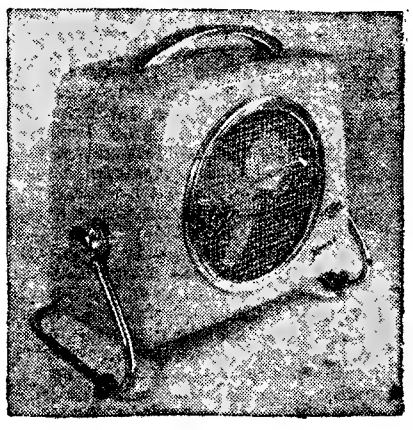
O curioso é que esses arranha-céus são autênticas cidades onde se podem admirar ruas, galerias, armazéns, celeiros, estábulos, pomares de cogumelos...

Uma espécie de «drug-store» americano, mas em ponto maior, claro...



Radiadores de
CALOR NEGRO
GEP

Os radiadores GEP, com ventoínha para circulação forçada de ar, são muito compactos, muito económicos e bastante eficientes, pois realizam o aquecimento total do ambiente á custa de uma circulação de ar de cerca de 7m³ por minuto.
Não queimam as poeiras do ar e são absolutamente seguros, quer para crianças, quer para adultos, em virtude da sua blindagem não poder provocar queimaduras. São silenciosos, têm filtragens contra interferências na TV e no Rádio.



GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

POSTAL INUTIL

por MANUEL AGRA

O Inverno hoje quis reviver os bons tempos. Quis matar saudades, de quando se dizia que nesse tempo, sim, havia chuva a sério. Mostrar que está em boa forma...

O dia, encharcadinho até aos ossos, diz mal da sua vida e nem sabe já a quantas anda: se vai na manhã, na tarde ou no crepusculo. A luz, desorientada, cobre os olhos com o gabão. A lampada eléctrica não resolve. Lembra uma joia falsa ao peito da aristocrata.

Aproximo-me da janela, afasto o cortinado. Entre estas duas da tarde e as duas da manhã, não vejo grande diferença. A diferença só a que está em mim e nos meninos da escola defronte.

Vejam. As poças da chuva estão ali para regalo deles, para brincarem com elas. Correm atrás uns dos outros, procuram, sem grande convicção, as infimas ilhotas de terra. A bola falha, a água esparrinha em todas as direcções, alegremente, como quem se esquiva ao golpe e ganhou o lance. E os pés molhados horas e horas seguidas.

O meu primeiro movimento nasce do enfado. Se andasse na rua não garanto que os não espantasse. Os pais em casa, muito descansados, a julgá-los na lição, e eles aos pinotes, a esbandalharem-se na água fria. E depois o menino aparece macambuzio a meter-se pelos cantos, uma ponta de febre. A mãe rala-se, o pai corre a chamar o doutor...

Os pais... A minha preocupação em nome deles muito certa, se a não temesse falsa como judas. Se quiser ver bem, hei-de reparar que por detrás está a inveja. A alegria dos salta pocinhas escapou-se de mim, como o balão que sabe apenas afastar-se dos nossos dedos para o céu. Alegria incauta de joaninha-voa-voa. Sofro, a lembrar o doente com dieta, parado na montra com presuntos...

Sempre considerei de muita pose a saudade da infancia. A infancia não deixa saudades em ninguém — nada do que *realmente* se passou. A pena que sentimos do passado resulta de lamentarmos não o ter vivido como hoje o poderíamos viver, se o passado acontecesse agora...

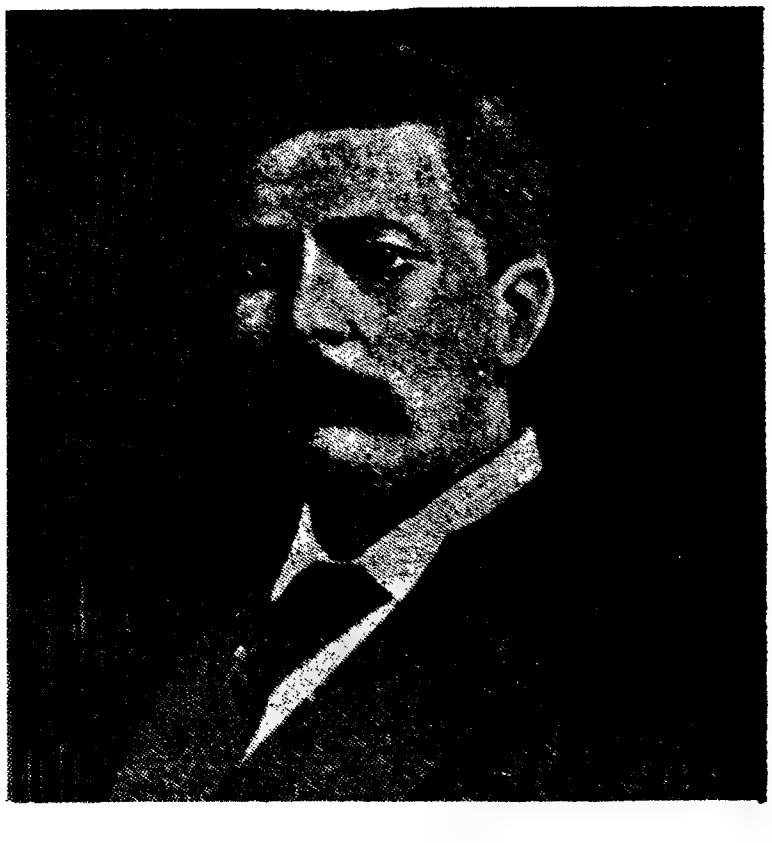
Se invejo a infancia, não me estou a ver de bibe e de calções. Nada agora a queria eu. A alegria incauta, uma surpresa ao virar de cada esquina, um resfriamento embora ao saltar de cada poça...

Isso não tenho. E nunca, como hoje, me faria arranjo com o dia, molhado até aos ossos, a pesar-me de um lastro desconforme.

UM CERTO MR. STA

por ALFREDO BRÁS

HENRY Stanley, o primeiro explorador norte-americano que pisou as terras de Africa, não se chamava assim e não era norte-americano nem explorador. O que era então o descobridor do Congo? Um homeme de ciência, zoólogo ou geógrafo, levado ao continente africano pelo interesse da investigação? Um missionário que, como Livingstone, estivesse empenhado em resgatar a alma dos Negros e combater o infame tráfego de escravos? Um soldado, um traficante ou um negociante? Nada disso ele foi.



Para alguns Stanley teria sido um herói; para outros, um aventureiro; para muitos um simples embusteiro. Mas também nenhuma destas classificações me parece exacta. Para herói, como muito bem assinalou Emil Ludwig, faltava-lhe a chama interior; para aventureiro, carecia da atracção pelo desconhecido, do gosto pelo perigo e pela acção gratuita; também o seu evidente intuito de sensacionalizar o relato das suas viagens não é suficiente para defini-lo como um embusteiro, Stanley era muito simplesmente um jornalista profissional ou, mais exactamente, um «descobridor profissional» jornalistico.

John Rowland — tal era o verdadeiro nome de Henry Stanley — nasceu em Janeiro de 1841, em Denbigh, no País de Gales, e era filho bastardo de uma criada e de um camponês morto numa rixa de taberna. Abandonado por sua mãe, viveu seis anos em casa de pais adoptivos, que o trataram com a maior dureza e depois mais nove anos no hospício de Santo Asaph, onde lhe sucedeu pior ainda.

Tinha Stanley quinze anos quando, tendo-se evadido do hospício, passou a ganhar a vida como guardador de ovelhas, e estava prestes a compdetar dezoito ao embarcar, como grumete, no «Windermere», com destino á América. Chegado a Nova Orleães resolveu fugir do barco e, após ter vagueado uma semana inteira na cidade desconhecida, aproximou-se, meio morto de fome, de um homem que estacionava em frente de uma loja e pediu-lhe trabalho. O homem, que era um corretor chamado Henry Morton Stanley, gostou do rapaz, contratou-o como moço de recados e acabou por levá-lo para casa, adoptá-lo e dar-lhe o nome com que a História o conhece. Depois de dezoito anos de infortunio, a felicidade resolveu-se a sorrir, pela primeira vez, ao jovem bastardo de Denbigh.

Seria porém de pouca duração a vida calma e feliz que o futuro explorador parece ter desfrutado junto do seu novo pai adoptivo. O humano corrector foi para Havana, em viagem de negócios, e entretanto estalou a guerra civil na América. Antes que o Sul e o Norte dos Estados Unidos entrassem em luta, todas as fronteiras foram encerradas e os Stanley ficaram assim definitivamente separados.

E' muito natural que essa guerra entre Americanos pouco significasse para um jovem Inglês, mas Stanley habitava em Nova Orleães, toda a gente então se alistava, as mulheres do Sul instigavam os homens ao combate pela causa esclavagista e ele deixou-se ir na onda, vestiu o uniforme sulista, tomou parte na mais sangrenta batalha dessa guerra, o massacre de Shiloh, e, feito prisioneiro, foi enviado para Chicago. Depois, como não estava ligado ao Sul por nenhum laço de fidelidade, aceitou a proposta para mudar de campo e entrou para a Marinha nordista, onde fez carreira rápida e brilhante.

Conta-se que o rápido acesso do jovem suboficial se deve ao facto de ele ter, durante uma batalha marítima, nadado, sob o fogo de um forte, quinhento metros até um dos navios inimigos, onde conseguiu fixar uma amarra, de modo que o navio, com grande espanto da sua tripulação, pôde ser tranquilamente rebocado pelo adversário. No dia seguinte, Stanley já era oficial com soldo extraordinário. Mas seja verdade ou lenda, o facto é que a fortuna de Stanley se deve á sua entrada para a Marinha, pois foi em

[illegible]

por AN[illegible]

Há um mistério na Natureza. E nesse mistério se constroi a pura alegria desta paixão. Um profundo mistério feito do silêncio do Mundo.

Nasce ao pé do horizonte um vulto de névoa, uma mortalha liquida que atravessa o pano azul do Céu e se esvai, aos poucos, nas ondas lentas do mar salgado.

O brilho súbito de uma vaga cantadora que tenta alcançar a costa, a aparição do Sol no cimo de um penhasco cortado pelo vento, vão transformando a paisagem numa fantasia de cores envolventes, que arremedam a metamorfose da noite, quando as estrelas rasgam o universo das nuvens que se formaram numa tarde de trovoada

Este tema do mar, que tanto absorve e impressiona a alma comovida dos poetas, o mar azul que beija e acaricia a costa lusitana e lhe dá esta cor torrada e meiga que faz pensar em saudades vivas e vivas aventuras, cresce e alarga-se nesta baía envolta pelos caprichos de uma brisa afagadora e pela juventude de um sol que doira Cascais e as suas ruas, as suas quintas perfumadas e as janelas abertas da suas casas, sempre acesas.

Quando os homens se debruçam sobre os minutos que constroem a pequenez do Mundo em que vivemos, olham para trás á procura de um pormenor que lhes sacuda a alma, lhes perfume a memória, lhes envaideça o coração e os incite a aprender com a Natureza mais um motivo de alegria.

Nas manhãs de Outono, a névoa evapora-se ás nove horas, a Costa do Sol salta entre o fraguedo silencioso que namora as mares azuis, e o viandante é saudado pelo sopro de uma aragem peregrina, que vem de longe, á procura da terra morena, para com o seu cheiro a marezia, a pintar de saudade.

Brigam as ondas em riscos de espuma, que se aproximam da costa, para beijar o chãoairoso de Portugal. Traineiras e botes deslisam no pano do horizonte, na faina da pesca. E os poetas espreitam a vastidão dos espaços silenciosos e vão ter ocasião de descobrir novos temas para os seus versos. Uma onda mais alta pinta no dorso do Oceano um retrato de fumo branco. Por uma fracção de segundo, a onda brinca e rola no tapete líquido, transformando-se numa estátua humana. Vêde: a onda alçou-se no ar, espargiu o Céu de mil beijos húmidos, trepou, ainda, até á magia de um raio solar e caiu lentamente na fresta do abismo, feita sereia, com uns braços perfeitos e vaporosos, uns olhos de algas, um belo peito que trazia a forma de um rasto de Lua e oscilava, na mansidão do mar. Caiu e desapareceu na esteira de um eco de búzio, tocado da terra.

E' na fortuna destas miragens, na festa destes apontamentos luminosos, que desabrocham os frutos exóticos que vêm curar a sede dos poetas. Por via disso, é este mar azul igual á cor do céu da baía de Cascais.

Tenha cautela, minha senhora, deslumbramento. Deixe de fitar as águas, que o sonho das águas é não se adiante no curso do seu mais vasto que a vida que você prende nas mãos, a urdir não sei que complicados pensamentos de liberdade. Essa alegria que patenteia agora, esse olhar vago, ansioso, perdido, que emerge do fundo da sua alma vagabunda, finge o receio que você tem pelo mar...

Falou-me uma vez da vida arriscada dos pescadores, dos perigos e armadilhas do mar: as águas a baterem nas rochas, surdas e impiedosas, o vulto especioso da Boca do Inferno, onde se recolhem recados de outros céus, e que tudo a fazia encolher de medo ante o mistério, o cruel mistério das ondas espumando de raiva, vindas do fim do Mundo, dos pélagos seculares do Pacífico, das praias profundas do Índico, do voluptuoso mar dos sargaços, coberto de algas gigantescas, onde moram os polvos colossais e milenários que atacam barcos e chupam a vida dos seres humanos, que se perdem por tais remotas paragens.

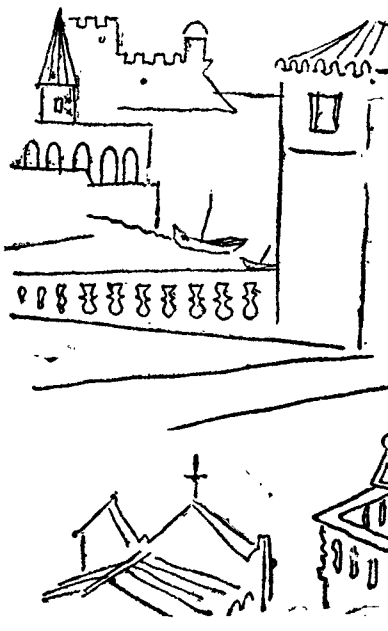
Falou-me uma vez, minha senhora, nas raizes ocultas que nos grandes oceanos viviam. Na voracidade dos tubarões. No terror das tempestades. Nos ciclones que desfaziam os navios, no destino dos homens que caiam nas águas desvairadas. Ah! que os habitantes da Terra não podiam fazer ideia do tumulto apocaliptico dos grandes desertos aquáticos, que o mar era uma palavra doce e amorosa, salpicada do tal misterio impune, que escondia, lá longe, nas grandes estradas movediças, um caderno de tragédias, e os homens, para bem do seu entendimento, deviam esquecê-lo. Tudo isso você disse, numa tarde cinzenta e num ciclo insinuante...

Mas no desprezo que outrora nutria pelo mar, existe agora essa maternal adoração por uma baía que a seduziu e converteu. O seu embevecimento atrai-lhe aos olhos, que são as janelas da alma, um novo rumo de beleza.

Na terra natal, por esse Alentejo plumbeo das tardes dezembrinas, na hora apetecida em que os passaros fogem de uma trovoada nascente, fica-se você a namorar o sonho de um oceano sem fim, sem a ventoinha dos furacões a endoidar o coração dos homens. A' porta de um «monte», ou no largo das vilas, fica-se você a entender a voz rouca do mar salgado, no sortilégio infantil de umas águas mansas e curativas da febre dos maus sonhos. Pés bem fincados na terra crestada do sol viajante, a sua imaginação amadurece o mar azul de Cascais, onde andou uns dias a cursar a sua vocação de poesia.

A Costa do Sol espraia-se num cenário fabuloso, imitando os desenhos perturbantes das iluminuras antigas — é uma legenda de paz e de harmonia que se debruça na alma de quem a vê e de quem a sente.

Começa a notar-se em Carcavelos o aroma do clima esplêndido, que se estende pela sossegada vila da Parede, de ruas tão lânguidas e luarentas e vai resumir nos Estoris uma formosa olimpíada de paisagens regias e cosmopolitas, até Cascais, namorada do Atlantico, a observar eternamente o ca-



ANLEY

consequência do êxito de uma narrativa que então escreveu acerca da sua estadia em Constantinopla, como oficial da Marinha americana, que Gordon Benett, o maior editor de jornais do Mundo, reparou nele e resolveu enviá-lo á Abissínia como correspondente de guerra, Stanley, livre de quaisquer laços que o prendessem á América, pois seu pai adoptivo tinha morrido em Cuba sem sequer ter tido tempo de o declarar seu herdeiro, aceitou a nova profissão de repórter no estrangeiro, demitiu-se da Marinha e pela primeira vez partiu para Africa.

Depois da queda de Magdala em poder dos Ingleses, o jovem repórter foi o primeiro a chegar ao telégrafo e, para ganhar tempo sobre os seus rivais ainda cabografou depois da reportagem vinte páginas da Bíblia, enquanto os colegas esperavam, furiosos, a sua vez. Foi assim que o próprio Governo inglês só chegou a saber da queda da fortaleza pelo «New York Herald» e que Stanley alcançou, como repórter.. renome mundial.

Para a perspicácia de Gordon Benett tornou-se logo evidente que o seu novo empregado tinha todas as qualidades necessárias para grandes feitos jornalísticos: rapidez, calma, coragem, tenacidade, resistência física e o prodigioso dom de relatar o que via e, algumas vezes, mesmo o que não via. Impunha-se aproveitá-lo num grande empreendimento e então a estranha e célebre ordem foi dada a Stanley: «Custe o que custar, encontre Livingstone!». Está claro que não se tratava do objectivo humanitário de procurar na selva africana o grande explorador-missionário cuja sorte se ignorava, mas tão-sómente de conseguir que o maior de todos os repórteres, por ordem do maior de todos os editores de jornais, escrevesse para o mais jovem e mais rico de todos os povos a mais sensacional reportagem de todos os tempos.

Stanley, temperado por uma vida de enorme dureza e a tudo disposto, recebeu sem espanto a insólita ordem de serviço e resumiu-a no seu espírito nesta fórmula de extrema simplicidade: — «Eu tinha de encontrar Livingstone, e n a d a mais». Ele, como todos os grandes homens, era bem capaz de se concentrar num unico objectivo e não há duvida de que desta vez o objectivo valia bem esse esforço de concentração.

Começava assim a extraordinária odisseia africana de Stanley, que viria a culminar com a descoberta do Congo. Mas sobre isso falaremos no próximo numero do Magazine, se o amigo leitor nos quiser fazer o favor.

CORREIO ESPACIAL PRIMEIRA MISSIVA

Por **Diógenes**

Eu, o Lutnik te envio muito saudar. Cá recebi a tua aflição, que trazia a data terrena de 17 de Janeiro de 1959, e bem assim a factura e a mercadoria que para aqui exportaste. Falando-te com toda a franqueza, aquilo não foi uma exportação, mas sim um verdadeiro despejo: até me pareceu ouvir ainda o som do autoclismo.

Diógenes amigo, achei esplêndida a tua iniciativa: dizem-me que a Terra está demasiado carregada de miasmas; se os exportares para cá, a coisa não tem importancia porque ao chegarem a toda esta imensidade perdem logo a virulência. Além disso, a mercadoria que me enviaste foi-me imensamente util pelas inumeras experiências científicas que me permitiu fazer, e que seguidamente te relatarei.

foi a «prova da imensidade». Tive imensa pena que não pudesses assistir ao espectáculo. Que resultados mais curiosos e concludentes! Como te hei-de explicar? Olha: será qualquer coisa como a que sucedeu com os historiadores do teu continente: visceralmente interessados em interpretar da melhor maneira o expansionismo europeu, a partir de Alexandre Magno, eles faziam da Europa o centro do Mundo, e era através da Europa que compreendiam este Mundo. Ora um dia, como sabes, a doença curou-se e os historiadores da Europa tiveram pelo menos, pelo menos de reduzir-se á sua insignificancia, quer dizer á sua quota-parte de assento geográfico no planeta.

tubarões foi um pouco diferente. Ao lobrigarem, para qualquer lado onde se voltassem, imensidões sem conto, até as barbatanas se lhes arrebitaram. Que grandes lucros em perspectiva! Rápidamente se constituiram em Sociedade Anónima (com o belo e prometedor título de Sociedade Anónima para o conhecimento do Cosmos) e, estabelecidos os planos tácticos, lançaram-se á conquista. Mas não contavam com esta imensidade fluida que lhes fugia por debaixo dos queixos como vento. Ao fim de um dia cósmico de trabalho (equivalente a um ano terráqueo) só conseguiam engolir a noz indigesta de algum aerólito. Persistiram. E de tanto correrem, de tanto se esfalfarem ficaram asmáticos. Estão arrumados!

tu como me enviaste material suficiente para organizar um esplendoroso espectáculo de circo espacial e mesmo um jardim zoológico. Penso que todos os governantes da Terra, todos os filósofos, todos os escritores, todos os políticos, todos os presidentes de conselhos de administração, todos os juizes, todos os educadores e dirigentes da gente moça deviam sujeitar-se á *prova da imensidade espacial* e á da *perda da gravidade*.

provincianos. Esquecem-se de que o Universo é imenso. Acreditam que os Deuses fizeram a Terra para que a espécie humana se lá fosse hospedar, antes de gozarem a reforma celeste. Mas acabaram por transformar a hospedagem em eternidade e defendem as suas vantagens terrenas com um afinco estarrecedor.

Mando-te aqui, Diógenes amigo, um bilhete para visitares a nossa galáxia. Sugiro-te que a digressão comece pelo planeta *Bacos*.

ANTUNES DA SILVA

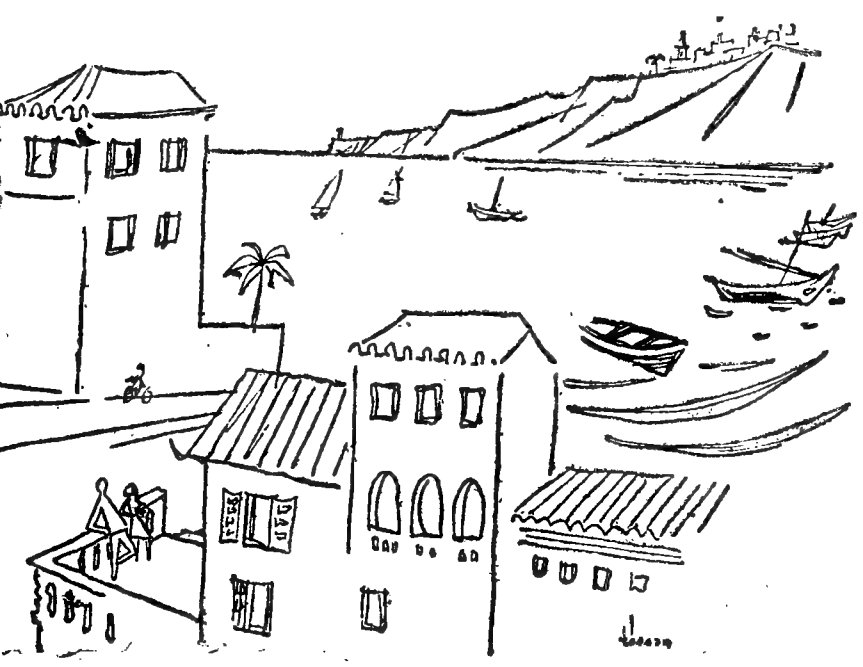
ebruça quem

rcave-ndido, a vila guidas os Es-da de olitas, tlanti-o ca-

samento da terra e do mar, por cima dos seus mirtos, dos seus palácios e das suas quintas de beleza incomparável.

Até na angustia se aprende a amar o prémio da vida — que é esta região de sonho e encantamento. Aqui vêm os turistas de todas as partes do Mundo, abrir os olhos extasiados e reclamar a sua ansia de aventura. Aqui se acolhem os reis para esquecer a tragédia dos seus findos reinados; aqui tornam os solitários para ficarem presos ao destino de uma saudade qualquer.

A Natureza brinca no seu puro enleio de noiva e rainha, abrem-se as flores na sedução das madrugadas novas — e no intervalo de duas nuvens desponta a claridade de um eco, que se repercute pelas falésias da costa e pinta de ternura o coração dos Portugueses.



[illegible]

DEPOIS da Libertação Paris sofreu uma invasão de ratos. As casas bombardeadas tinham aberto passagem a todo o povo rateiro que já não dispunha do abrigo dos velhos madeiramentos, das velhas casas e telhados.

Foi assim que recebi em minha casa a visita dumas ratinhas tão pequeninas e tão leves que conseguiam comer queijo, pão e açucar que punha nas armadilhas, sem que estas tivessem a mínima oscilação.

Devo dizer, aliás, que elas eram bem bonitas. Tinha por isso pena de as destruir. O diabo eram os livros — e, como sabem, os ratos são doidinhos por papel impresso. Só isto me obrigou a defender-me das minhas novas visitas.

Um dia, uma destas ratinhas proporcionou-me um curioso espectáculo. Jantava eu calmamente no meu quarto quando surgiu, em trote miudinho, uma pequena ratita, decerto atraída pelo cheiro da comida. Espreitou primeiro, á entrada da porta — com seu nariz pontiaguda, seu buçozinho, seus dois olhos cheios de experiência da vida e, por fim, o resto do corpo.

Eu deixei-me ficar completamente imóvel. Então a ratita começou a tasquinhar umas migalhas de pão. A coisa parecia correr muito bem, mas de subito — catástrofe! — eu despedi um tremendo espirro. A rata deu um enorme salto e largou numa corrida desesperada.

Desatei a rir. Mas logo resolvi calar-me, na esperança de que regressasse. E regressou, pois naturalmente estava cheia de fome. Então lembrei-me de fazer uma experiência: quando ela estivesse no melhor da festa alimentar, eu voltaria a espirrar. E assim fiz; mas desta vez a ratita já não deu o salto mortal; contentou-se com fazer uma retirada estratégica e em boa ordem. Novo silêncio. Novo regresso da minha visita. Entretanto, eu lançara no chão mais coisas comestíveis e ela não se fez rogada.

Decidi-me então a prosseguir nas minhas experiências. Espirrei. E que fez a rata? Desta vez já não fugiu: parou de comer, recuou até á porta e pôs-se á escuta.

Como voltara a reinar o silêncio, também ela voltou calmamente á sua tarefa de comer. Assim a deixei, durante algum tempo. Por fim fiz uma ultima experiência: espirrei; como calculam. E agora? Agora a coisa é mais perfeita: a ratinha já nem se perturba. Apenas por um breve instante pára de comer, mas logo recomeça.

Cessei as minhas experiências, encantada com a maneira como o bichinho tão bem e tão rapidamente se soubera adaptar a uma situação nova.

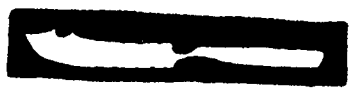
(contado por Mady Perry)

CONVALESCENTE... SABE O QUE DEVE COMER?

O convalescente que deve ganhar forças ou o emagrecido que tem de retomar o peso normal, têm necessidade de uma alimentação rica. O mesmo acontece com o anémico que deve reconstituir os glóbulos vermelhos que perdeu, se quer recobrar a saude.

O regime é fácil de seguir. E agradável até. Mas o convalescente deve ter em conta a doença de que acaba de sair, sobretudo se há necessidade de um regime especial a seguir após a cura.

Deve banir, por completo, as carnes fumadas, salgada ou muito gorda, a caça retardada, aquela que os



apreciadores comem com o dedo no nariz, e a caça grossa. Também as castanhas, as favas, beringelas, a chicória; as gorduras animais; a cidra, os aperitivos, os licores e o alcool; os condimentos muito ácidos.

Deve usar, com restrição, as salsichas, o ganso, o pato, as lebres, os peixes gordos, os caracóis, os arenques marinados, o pão, o queijo fermentado, puré de ervilhas, a cidra doce e o vinho branco, assim como o vinagre de vinho.

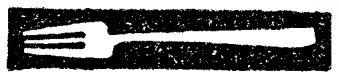
Claro que por estas listas se vê que lhe resta muito que comer, o que pode levar a regimes variados e apetitosos. Mas o que «deve» co-

mer, para que a convalescença seja mais rápida?

Carne em sangue, ou crua picada; carne magra grelhada ou assada; todas as carnes em molho desde que este seja pouco gordo; aves magras; caça muito fresca, peixes magros em geral, crustáceos e mariscos, presunto. Pão bem fresco, arroz, sêmola e tapioca; massas alimentares, batatas, lentilhas, espinafres, espargos, saladas verdes, cenouras, salsa, couve-flor, queijo fresco ou cozido; iogurte, queijo suíço, toda a fruta fresca ou seca, compotas e doces bem açucarados; manteiga, natas, óleos diversos, chocolate sob todas as formas, todas as sobremesas açucaradas; cerveja, vinho tinto, Porto, champagne, sumos de rutos, leite (moderadamente) café e chá (com açucar); ovos de diversas maneiras, molhos que levem leite e ovos; suco de carne, sangue rapidamente cozido; «maionaise», sopas de purés.

Falamos acima nos óleos diversos, o que pode levar a interrogações, uma vez que retiramos, quase

completamente as gorduras. Com efeito, a importancia de certas gorduras na ração alimentar tem, cada vez, mais importancia; são multiplos os incidentes que causam á saude. Os corpos gordos são uma fonte de calorias. Mas é preciso não confundir *gorduras* com *óleos vegetais*. As primeiras com nefastas influências e os seguintes com um cortejo de feliz influência sobre a origem e evolução de certas doenças — obesidade e arterio-esclerose, por exemplo. Os óleos vegetais fazem diminuir a taxa de colesterol no sangue, especialmente o óleo de amendoim, o azeite de azeitona, de soja e de trigo. Além disso, os ácidos gordos contidos nos óleos vegetais comportam-se como verdadeiras vitaminas que o organismo não pode fabricar por si mesmo. Estes ácidos essenciais revelam-se indispensáveis ao crescimento ao bom funcionamento do sistema nervoso, á defesa da pele, etc. O azeite, de todos os óleos citados, é o que contém menor quantidade de ácidos essenciais, mas tem, por outro lado, uma riqueza em ácido oleico que lhe confere propriedades dietéticas muito interessantes. No interesse da vossa saude, é de toda a conve-



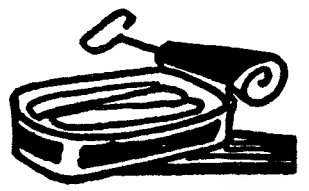
niência preparar os alimentos com óleos vegetais. De todos eles o mais conhecido, é em Portugal, o óleo de amendoim; oferece a dupla vantagem de conter uma importante percentagem de ácidos gordos essenciais e ter gosto neutro assim como fácil conservação. Por isso é de recomendá-lo nos usos culinários.

CHA COMER

CERTAS «PAPAS» CONSTITUEM UM TRATAMENTO

Certas «pastas» constituem um tratamento

A pasta feita com farinha e mel —em substituição do açucar — possui verdadeiras propriedades laxativas. Se não contém matérias gordas, a sua digestibilidade é perfei-



ta, representando um alimento de alto valor calórico.

As pastas podem ser preparadas com farinha de trigo, de soja, de «gluten», tornando-se preciosas fontes de matérias azotadas. As vitaminas do complexo B, que resistem á cozedura (parcialmente) estão aí presentes em quantidades que, de forma nenhuma, são para desprezar.

Há, também, pastas enriquecidas com substancias diversas: vitaminas, fosfatos, carbonatos de cálcio ou leites especiais. Cada uma destas pastas oferece ao organismo as substancias que contêm, realizando assim uma verdadeira terapêutica sob administração agradável.

Se quer emagrecer... não coma pastas!

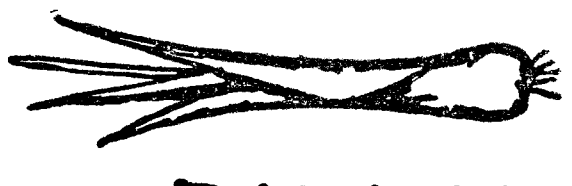
A grande proporção de açucar que aparece em todas as pastas explica a rica calórica que se lhe atribui, sobretudo se se lhe junta matérias gordas e açucar. A presença quase obrigatória do sal aumenta ainda mais os riscos — pois já sabemos que o sal tende a fixar água nos tecidos.

Por isso aqueles que querem emagrecer, devem evitar as pastas alimentares, quer se trate de culinária quer de doçaria. As preparações á base da farinha de «gluten»,

perdem o seu hidrato de carbono, conservando notáveis riquezas calóricas e não devem ser admitidas senão com parcimónia, a título de substituição.

Além disso uma pasta trabalhada e posta a repousar, representa um eventual meio de cultura — germes latentes no seio da farinha, ou transportados nas mãos mal limpas, ou na mesa suja podem contribuir para o desenvolvimento, mais ou menos perigoso, de micróbios. Por isso se aconselha uma cozedura a elevada temperatura, um arrefecimento brusco ou um aque-

cimento suave mas prolongado. Toda a pasta deve ser consumida muito fresca. Mas repetimos: só quem não quer engordar.



RECEITAS DE URGÊNCIA

Figado de vitela à indiana

Cozer arroz em bastante água.

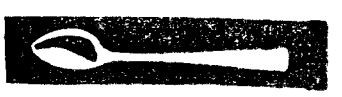
Alourar um dente de alho pisado numa frigideira com manteiga; retirá-lo quando louro e deitar uma colher de chá de farinha e três a quatro colheres de sopa de água ou leite. Deixar engrossar. A parte, fritar as iscas, cortadas grossas,

apenas cozendo de cada lado; salgar levemente e metê-las no molho. Servir quente, com o arroz.

Acompanhar com uma salada verde.

Torta fingida de mariscos

Faça uma massa para forrar torteiras (se tem pouco tempo, use a seguinte receita: deite num alguidar quatrocentos gramas de farinha, cento e noventa de Margarina e um ovo completo. Amassar rápi-



damente, deitando água temperada com sal e apenas suficiente para ligar a massa. Depois de meia hora de repouso, forrar o prato de ir ao forna). Cozer uma pescada e tirar as espinhas, cortando em pedaços. Numa caçarola, ponha azeite bom e logo que esteja bem quente deite os pedaços de peixe com dois alhos cortados em fatias e um pouco de pimenta (se pode comê-la). Voltar o peixe. Salpicar com salsa picada e deixar cozer. Deitar dentro algumas conchas de mariscos vazias, ponha tudo no prato e cubra com molho de tomate espesso. Leve ao forno durante minutos apenas.

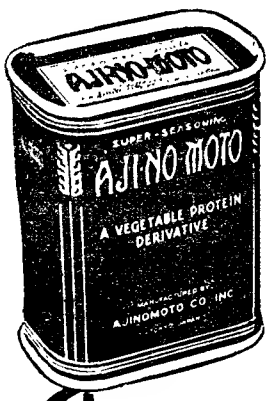
Torta rica de mariscos

Forre uma torteira com a massa indicada acima. Deixe cozer um pouco, no forno, enquanto prepara o recheio (para que a massa não suba, coloque no centro dela alguns legumes secos) da seguinte maneira: Numa caçarola, onde deitou dois copos de vinho branco e um molho de cheiros, escalfe filetes de

pescada e depois uma duzia de ostras pequenas. Noutra vazilha ponha a abrir ameijoas e coza em água salgada alguns lagostins. Tire do forno a torta semicozida e deite dentro os filetes de pescada; alterne-os com as ameijoas; em volta as ostras. Cubra com molho «Bechamel» espesso e leve ao forno. Quando está quase pronto, deite por cima os lagostins descascados.

Sirva com salada verde ou couve flor cozida.

NOVA EMBALAGEM!

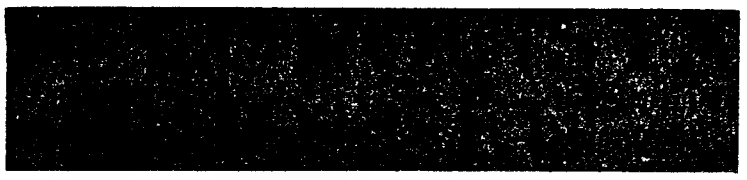


POR 20$00 VAI ENCHER 4 VEZES (QUATRO) O SEU FRASCO DE

AJI-NO-MOTO

TÃO NECESSÁRIO COMO O SAL NA COMIDA

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
MUNDITER
INTERCAMBIO MUNDIAL DE COMÉRCIO, S. A R. L.
LISBOA * PORTO



CAFÉ NA TERRA, ALMOÇO NA LUA...

Quando aqui dissemos que o objectivo n.º 1 era a Lua, não queríamos dizer que ela constitui o alvo mais importante das viagens interplanetárias. Quisemos apenas incar que esse seria o primeiro passo — o primeiro passo sem o qual nenhuma viagem se inicia...

O facto de dizermos que a ida á Lua representava a mais fácil de todas as viagens interplanetárias, não vai até significar que ela será um simples passeio que o homem dará quando muito bem lhe apetecer...

Nada disso. A verdade é que esse caminho está juncado de obstáculos — mas nenhum deles se pode considerar intransponível.

Vejamos o que a esse respeito nos diz o sábio Guilzine:

«Para começar enviaremos provàvelmente á Lua um foguetão destinado unicamente a assinalar a sua chegada a bom ponto — alguns quilos de pólvora serão suficientes. Um desses projécteis podia ser enviado imediatamente.

Seguirá uma instalação automática de T. S. F. com uma série complexa de aparelhos de medição. Um posto emissor de Televisão dar-nos-á a conhecer, de perto, a superfície lunar.

Uma das fases preparatórias da viagem á Lua será, provàvelmente, o voo perilunar de uma astronave, a uma distancia do satélite, primeiro sem equipagem, depois com passageiros. Esse voo seria precioso, sob diversos pontos de vista — e um deles estaria em dar-nos a conhecer a parte da Lua que nunca se volta para a Terra.

Para a viagem ao nosso satélite, teria uma grande importancia a construção de estações interplanetárias, onde a astronave encheria os seus reservatórios de combustível.

Para atingir a «estação de serviço» a astronave deveria ter a velocidade ideal da ordem dos 10-12 quilómetros por segundo. Depois do abastecimento, eis que o motor se põe novamente em marcha, até imprimir á diligência do espaço, a velocidade de libertação — que seria muito mais fácil de conseguir do que partindo da Terra (sendo a velcidade circular da astronave 7,6 km/s, seria necessário apenas mais um suplemento de velocidade da ordem dos 3,4 km/s.). A velocidade ideal da astronave para a qual se deve calcular a quantidade necessária de combustível, diminuirá então de 8,1 km/s, porque, em lugar de uma velocidade de 11,5 km/s necessária á partida directa da Terra, será suficiente agora uma velocidade de 3,4 km/s — o que exige uma pequenissima (em comparação) quantidade de combustível.

Por MANUEL SALGUEIRO

Utilizando a «estação de serviço», como se viu, o voo Terra-Lua é perfeitamente realizável.

Pode ainda encarar-se outro projecto, utilizando o abastecimento em pleno voo. Em vez de uma astronave de 20 mil toneladas, por exemplo, partirão três foguetões com o peso de 600 toneladas cada. A' altitude de 500 quilómetros, transformar-se-ão em satélites da Terra e duas delas cederão o combustível á terceira que seguirá o seu caminho. Ao aproximar-se da Lua, a astronave abandonará os seus reservatórios que ficarão sendo, por algum tempo, satélites da Lua. Após ter pousado e cumprido a missão, regressa, serve-se novamente dos reservatórios. Tais operações reduzem ao mínimo o gasto improdutivo de combustível.

A duração da viagem á Lua dependerá do itinerário escolhido e sobretudo da velocidade. Tal como acontece nas viagens terrestres, a ida á Lua será tanto mais cara quanto mais rápida — porque exigirá um maior consumo de combustível.

A velocidade mínima que a astronave deve ter a partir da Terra para atingir a Lua é igual a 11,1 km/s. Com uma velocidade de 11,2 km/s, a astronave lançar-se-á no infinito, porque essa é a velocidade de libertação.

Com a velocidade de 11,1 km/s, a astronave atingirá a Lua em cerca de 115 horas. E' essa a duração máxima de um tal voo. Com a velocidade de 11,2 a viagem ficaria reduzida ao tempo de 50 horas. O aumento posterior de velocidade abreviaria ainda mais, como é lógico, a duração da viagem. Seria, por exemplo, de 10 horas, á velocidade inicial de 15,2 km/s, de seis horas á velocidade de 21,2 km/s. Desta maneira, a duplicação da velocidade inicial reduzia a duração do voo em quase 20 vezes. Esta particularidade da astronáutica não vale para as viagens terrestres.

Daqui se conclui que, se nos tempos de hoje, podemos tomar o pequeno almoço em Lisboa e, o alço em Paris, amanhã tomaremos o café na Terra e almocaremos na Lua...

A' vontade, sem grandes pressas...

Eis aqui o cosmoporto do Futuro sonhado e preparado no Presente (o que existe de maravilhoso no Presente está em que é nele que se constroi o Futuro...). Daqui largarão os nossos netos (ou os nossos filhos? ou nós próprios?) para as suas viagens ao céu — que alargarão ainda mais o domínio da Terra. Senão de facto, pelo menos de direito, não há duvida que o centro do uniforme reside neste grão de areia que se chama Terra... Apenas porque nele vive o Homem

Ganhe 100$00

(Continuação da 2.ª página)

que salvou a honra do convento e por isso publicámos esta resposta, da autoria do sr. José Luís (Lisboa).

Não faltou também uma auto-crítica. Diz o sr. Fernando José Rodrigues (Algés), que:

Feijão Frade é o genro.

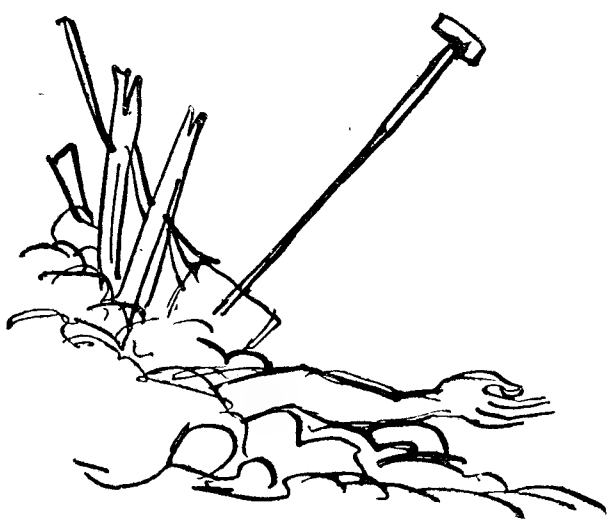
Protesto! E estou disposto a organizar uma Liga que promulgue uma Declaração dos Direitos dos Genros! Aceitam-se desde já inscrições.

Falta apresentar o triste defensor do feijão frade. Fica para outra ocasião, que agora já se faz tarde.

O sr. Silvestre Gaudêncio (Unhais da Serra) propõe para o próximo concurso a definição da palavra

PADRINHO

As respostas devem estar em «Magazine», Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 31 de Janeiro.



Sentei-me numa pedra. O Silva fitava angustiado o ponto onde o escoramento dava de si.

—Ouviram alguma coisa?

—Ouvimos bater.

—Dêem sinal.

Deixámos de respirar. Sim, todos. Eu posso falar por todos. Respondeu-nos um som que nos dizia que a vida lá dentro estava prestes a extinguir-se. Olhámo-nos e sorrimos.

—Quem está do outro lado?

—O senhor Rowe. Desceu com alguns homens pela chaminé.

Alguém disse cheio duma força estranha:

—Mas nós chegaremos primeiro.

Ninguém queria deixar as ferramentas, cedê-las aos que estavam á espera. Afirmavam que não estavam cansados e os outros mostravam-se impacientes. Tirei, a um deles, a pá. Entregou-ma de má vontade e limpou o suor da cara com as costas da mão. Parecia-lhe que ninguém faria tanto como ele.

Era preciso vencer... Mas vencer o quê? Animava os homens, sorria-lhes, dizia-lhes, que chegariamos a tempo, mas... uma dezena de metros não podia ser removida dum momento para o outro. Sentia que aqueles quatro mineiros estavam perdidos mas embebedava-me sonhando impossíveis.

As escoras rangeram novamente e o Silva disse que eu não estava ali bem.

—E você está? E estes homens estão?

Iríamos cair também? Procurávamos vencer a luta que se travava intimamente.

Os carpinteiros vieram. As vagonetas corriam nos «rails» num grito metálico, a respiração parava-nos, na esperança de novo indício, e os martelos batiam.

Doia-me o peito. Mas esta dor, o bater dos martelos, o chiar das vagonetas, tudo era vago... O pensamento fixava-se no ponto de onde vinham aquelas pancadas distantes e mortiças como a luz duma candeia prestes a extinguir-se, leves traços, leves sinais que mais não eram do que um suspiro, do que um sopro da morte.

O director apareceu. O chapéu tapava-lhe os olhos.

Soubemos da sua presença pelas saudações do Silva porque olhávamos para a frente. Voltei-me e perguntei se tinham telefonado para a vila a pedir uma ambulancia.

Respondeu-me, sem que os outros homens ouvissem, que não devia ser necessário.

—Ao menos que venha o médico da mina, visto que só serve para passar certidões de óbito — gritei.

—Tenha calma.

Isto foi dito com secura, pareceu-me uma ameaça. Peguei na pá e continuei a remover a terra. Os homens não ouviram esta troca de palavras e eu não sairia dali, viesse uma ordem fosse de quem fosse

Vi o relógio. Um quarto de hora. O entulho desaparecia e as vagonetas partiam carregadas.

Um gemido... Não acreditávamos. Sorrimos. Sim, sorrimos todos. Uma voz, embargada pela comoção desfez a angustia que nos roia:

—Está aqui um braço.

IMPRESSÕES DE ITÁLIA

(Continuação da 1.ª página)

dores, até aos problemas mais graves que assolam o Mundo. Falam habitualmente com os companheiros de autocarro, o transeunte que lhes dá um encontrão e pede desculpa, as pessoas que acotovelam nas livrarias. Esta comunicação não é, porém, de modo nenhum ruidosa e exuberante. Um ligeiro sorriso, um cumprimento amável, e o contacto está feito.

Cidade séria, com grande desenvolvimento cultural, oferece multiplos aspectos de atracção com a Universidade de nobres tradições, os centros de estudo para jovens e a variedade de óptimas revistas literárias, científicas e de economia.

Os estudantes que regressam da sua vilegiatura á beira-mar, embora continuem em férias, gostam de caminhar de livros debaixo do braço e sentar-se nos graciosos jardins da cidade a lerem um bom romance, ou a folhearem um compendio para recordar conhecimentos esquecidos. A segunda metade do dia é dedicada ás compras, ás visitas a um museu, aberto até ao pôr do Sol, ás reuniões de grupos de adolescentes que em bandos atravessam as arcarias e desaparecem na porta larga de um prédio com muitos risos e gritos alegres.

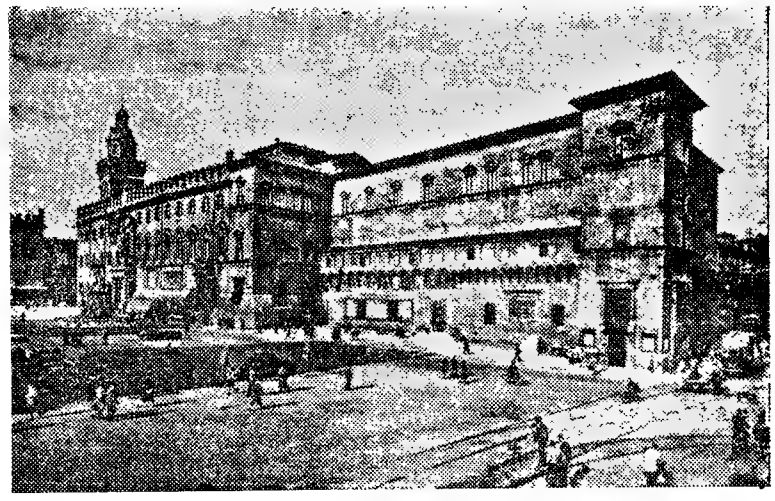
O palácio dos Mazottini, de fachada alta e escura, abre a portada pesada de pau preto. Um longo corredor de lajes antigas e paredes cheias de frescos representando cenas de caça, jardins idílicos e figuras mitológicas, conduz a uma larga escadaria alumiada por dois grandiosos lampiões. Uma passadeira de veludo vermelho cobre os degraus onde fica a marca indelével dos pés que a pisam. O salão de recepção resplandece com a baixela de prata, areada para a ocasião, e os festões de verdura e flores que servem de ornamento. Vestidos claros e decotados, alguns de brocado precioso, penteados complicados e gravatas impecáveis. Quando esta família, regressa das suas férias, á semelhança de outras igualmente notáveis na cidade, festeja o acontecimento com as apetitosas especialidades italianas como a «Lasegna» ou o «Taglioline» e belos vinhos, juntando á sua volta os amigos, os conhecimentos e a gente nova, sempre pronta a alardear a exuberancia dos seus 20 anos.

No entanto, mais do que estas festas, agrada á juventude o divertimento mais modesto, sem duvida, mas de alegria mais comunicativa, que consiste em reunirem-se nestas esplanadas tão encantadoras, onde dançam ao som de discos romanticos ou dinamicos tocados nos «jukeboxes». Bebem laranjadas, e cada elemento do grupo vai lançando na caixa a sua moeda e, com a colaboração de todos, dançam 4 a 5 horas.

Se há encanto pela vida nos Bolonheses, se procuram usufruir o bom e o belo de um modo que seja tanto quanto possível completo, o certo é que não desejam atordoar-se na animação e no ruído. Há neles um verdadeiro espírito de observação, que os leva a aproximarem-se dos outros, e uma dura experiência que os anima a descobrirem a humanidade do seu semelhante. Todo o Bolonhês se sente orgulhoso da sua cidade, não só pelas tradições, pela história, pela cultura, mas pelos acontecimentos mais recentes que demonstraram a fibra de que eram feitos. A ultima guerra deixou-lhes marcas profundas pelos sofrimentos infligidos, mas também a consciência de que a sua unidade triunfou do ódio e do terror. A piazza Nettuno, que se liga com a piazza Maggiore e é uma das mais belas de Bolonha, ostenta no «palazzo del Comune» 3 lápides comemorativas da luta dos seus cidadãos contra a ocupação alemã. As filas dos nomes e retratos dos que caíram é impressionante, além de cenas, na parte inferior, da guerra passada e da entrada dos aliados em Bolonha, já então libertada. A data gravada — 25/Abril/1945 — está sublinhada a traço dourado. No chão, canteiros de madeira artísticamente trabalhada, estão cheios de flores, símbolo da homenagem permanente dos cidadãos aos seus herois.

O ceu luminoso da Itália turva-se por vezes repentinamente com nuvens baixas e negras, ameaçadoras de tempestade. Esta rebenta quando menos se espera. Troveja de rijo, os relampagos lucilam sinistros sobre a cidadezinha medieval e chove torrencialmente durante algum tempo. A disposição das ruas, de passeios cobertos de arcos, permite, todavia, a deslocação contínua do vai-vem humano sem se apanhar uma gota de água. Devido á escuridade rápida do ceu, acendem-se as primeiras luzes e as lojas, feéricamente iluminadas, tentam pelo seu bom gosto e arranjo. A chuva parou tão depressa quanto tinha vindo, e os unicos vestígios são pequenas poças de lama que as rodas dos carros esparrinham descuidadamente sobre os passantes.

Ao fim do dia o movimento aumenta no centro com a saída dos empregos. Compram-se jornais, enchem-se os «cafés» vistosos, no intuito de matar a sede e desenferrujar a lingua. Numas mesas discute-se acaloradamente qualquer acontecimento importante, noutras um par enlevado esquece o mundo que o rodeia, e noutras ainda há rapazes ou raparigas isolados que, através de olhares profundos, se esforçam por chamar a atenção mutuamente.



A noite desce de um ceu estrelado, prometedor de cálida ternura, e os que estão sós (encontram-se em todas as cidades) aproximam-se melancólicamente das entradas dos «cafés» e bares que derramam musica e canções sugestivas, propícias ao sonho de amores impossíveis, perdidos em ilhas dos mares do Sul.

A pouco e pouco os solitários afastam-se, com a sua parcela de sonho; o ruído das casas de divertimento vai esmorecendo até se extinguir de todo. Apagam-se as luzes; uma voz cheia e jovem, num arremedo de tenor, canta ao longe «Tu sei la piu bella del mondo!»; a sombra de uma rapariga em combinação desenha-se na moldura da janela em frente, a correr a persiana.

Um grande sossego cai sobre tudo. Os Bolonheses dormem e amanhã continuarão a sua luta diária com o entusiasmo de quem constroi um mundo todos os dias. Uma torre badala as horas, uma porta bate com força e um «filobus» retardado corre velozmente despertando, ao passar, o silêncio das ruas e das casas.

Setembro/1958.

DULCE REBELO

«ANTES DO AMANHECER», Maugham
«A REVOLUÇÃO DA ARTE MODERNA», por Hans Sedlmayr
Edições de LIVROS DO BRASIL
leia
(não pode deixar de ler)
Prepare-se para comprar o novo livro de Albert Camus
«O AVESSO E O DIREITO»

—Esperámos suspensos a repetição daquele queixume.

Um dos toros, partido e atravessado, na nossa frente dificultava o trabalho. Novo gemido, agora mais forte. O Salvador bateu numa das escoras e fez cair terra. Olhei o chão da galeria e vi um braço. Tremia. O corpo estava preso e um dos carpinteiros cortou á machadada as escoras que o prendiam. Alguém se aproximou de mim. Era o médico. Fitou-me como se soubesse o que tinha dito ao director.

—É o Jana — disse um homem que ria e chorava ao mesmo tempo.

Mais á frente, um contra o outro, entalados nas tábuas, estavam mais dois mineiros. Abraçados como se tivessem de enfrentar a morte, sózinhos. Olhei o tecto da galeria. Nada os atingira.

—Respiram?

—Estão vivos.

—Carreguem-nos numa vagoneta e levem-nos lá para fora — ordenou o médico.

—Falta ainda um homem.

Faltava um homem... Voltou a angustia. Arrancá-lo-iamos ao resto dos escombros.

—Depressa!

Nova escora, mais entulho. Uma vagoneta chiou na curva mais próxima. Arrepiei-me.

—Cuidado — gritou o Salvador.

Levantei com a pá um pouco de terra.

Uma bota! Verguei para o chão humido da galeria, segurei com força aquele pé descoberto.

—Cuidado, levantem a escora!

A escora rangeu, caíram algumas travessas.

—Ali, arrastem aquela pedra!

Voltado para as paredes da galeria não via o que os outros faziam. Ouvia sim a respiração forte e entrecortada dos mineiros.

—Quem é? — perguntou um dos homens.

Não olhe para trás, senhor — suplicou o Salvador abraçando-me pelas costas.

Mas olhei. Depois enterrei o boné até aos olhos. Ouvia atrás de mim os passos e o eco monótono dos passos dos mineiros. O Salvador arrastava-me. Outro mineiro a meu lado iluminava o caminho. A minha lanterna estava apagada. Tirei da algibeira um cigarro mas não o acendi.

Até casa não levantei os olhos do chão. A Janette veio abrir-me a porta. Beijou-me sôfregamente e arrastou-me para junto do fogão. Tirei o boné. Devia ter um olhar vago, imbecil. Puxei-a para junto de mim e apertei-lhe os braços brutalmente, cravei-lhe as unhas na carne.

—Magoaste-me... O que tens?

Olhei-a fixamente nos olhos e perguntei-lhe voltando a cravar-lhe as unhas nos braços.

—Janette, já viste um homem sem cabeça?

Edu...

«A vida é para os rapazes»

As crianças e a miopia

A aprendizagem da leitura e da escrita contribui grandemente para a miopia infantil, desde que se não tomem certas precauções. Com efeito, as estatísticas provam que a escola contribui largamente para a percentagem de crianças míopes. As causas principais são: insuficiência de luz nas aulas; livros impressos com caracteres demasiado pequenos ou com tipos de letras já muito gastos; a escrita no quadro, com letras que muitos só lêem com esforço. Além disto, as crianças, mesmo as que vêem bem, têm tendência para aproximar excessivamente dos olhos os livros e os papeis, hábito que prejudica sériamente a vista.

A criança míope é, muitas vezes, prejudicada, principalmente se a familia e os professores desconhecem a miopia. Como não vê bem, com facilidade se distrai e fatiga, e, em consequência, atrasa-se, prejudicando, injustamente, o seu futuro.

Por tudo isto, as mães devem vigiar atentamente os seús filhos, não consentindo nunca que trabalhem com luz insuficiente, ou aproximem demasiado dos olhos os livros, os papéis ou os trabalhos que estão fazendo; e procurando evitar, tanto quanto possível, o uso de livros impressos em tipo miudo ou gasto. Uma vista esplêndida não justifica o desprezo destes cuidados, porque ela está, como qualquer outra, sujeita a enfraquecer.

A' menor suspeita de que a criança sofre de miopia, a mãe deve levá-la imediatamente ao especialista.

Naquele rés-do-chão ali em frente mora um rapazola que deve andar á volta dos dezasseis anos. Até há pouco eu só o via entrar em casa e sair, de livros de baixo do braço. Agora, não. O meu vizinho leva tardes inteiras á janela, a conversar com rapariguinhas que passam na rua. A primeira vez, não fiz reparo. Seria natural que uma companheira de liceu passasse e, após o cumprimento, ficassem trocando impressões sobre problémas de estudo. Mas, no dia seguinte, no outro e no outro, sempre a mesma rapariguinha quedava longo tempo em frente da janela, conversando com o rapaz. Depois deixei de ver essa e passei a ver outras. São, todas elas, garotas entre os doze e os dezassete anos. Compreendi, então, que se não tratava de simples conversas de condiscípulos, e que o rapazinho, petulante e néscio, vem para a janela no propósito de chamar quantas raparigas conhecidas passam, e que elas se deixam ficar na tola conversa.

Serão assim tão levianas como parecem todas essas garotas? Talvez não. A juventude é muitas vezes impulsiva e inconsequente, e não a devemos julgar com severidade. Mas não terão elas pais que vigiem e encaminhem os seus passos? Como podem elas passar assim tanto tempo fora de casa, sózinhas, afastadas dos lugares a que se destinam, sem que os pais se alarmem e indaguem sobre suas andanças e companhias?

Mas toda a minha censura vai para a mãe do meu vizinho. Ela está em casa, ela vê e ouve o filho chamar, conversar, rir. Ela sabe que tal atitude pode significar para as raparigas que lhe dão atenção o primeiro passo num declive traiçoeiro, perigosíssimo, ela sabe que essas raparigas se cobrem de ridículo e maledicência — e consente que o filho continue á janela, como um papagaio, a chamar quem passa!

— «Ora! é rapaz, nada lhe fica mal» — pensará a mãe, e é possível, até, que se envaideça com tais «êxitos» do menino...

Quando compreenderão certas mães que a moral é só uma, e que lhes cumpre ensiná-la, fazê-la respeitar e seguir igualmente a raparigas e rapazes? Quando compreenderão que as leviandades dos filhos, tão benévolamente julgadas, podem ser autênticos crimes pelas trágicas consequências que provocam por vezes? Porque não olham as «vítimas» de seus filhos como se fossem suas filhas também?

Evidentemente, não podemos responsabilizar as mães por todas as loucuras dos filhos. Mas também é certo que muitos problemas se evitariam se outra fosse a sua educação, se lhes ensinassem de pequenos a respeitar e a defender a mulher.

E' preciso acabar com o conceito tão vulgar de que «a vida é para os homens», e «aos homens nada fica mal». E' preciso reconhecer que a maior parte das raparigas levianas e infelizes não o seriam se tivessem recebido uma educação esclarecida e sã, e se tivessem encontrado, no alvorecer da vida, um amigo sincero, honesto e bom.

Pensem as mães que sob este aspecto se esquecem de educar os filhos e que tão indulgentemente os julgam, que se tornam, assim, em boa parte responsáveis de muitas lágrimas e misérias deste Mundo.

MARIA LUCIA

A CRIANÇA, INSPIRADORA DE POETAS

O NASCIMENTO DO BEBÉ

Depois de longa mas feliz jornada,
O menino repousa no seu ninho
Feito de sonhos e lençois de linho...
E agora em toda a casa é madrugada...

Sobre as penas macias da almofada
Respira devagar, devagarinho,
Como pássaro ...
E a Mãe olha o milagre e não diz nada.

Que pode ela dizer? Deus é que fala
No seu olhar calado, enquanto embala
O menino de rosas e jasmins...

Mas nesse gesto, nesse olhar profundo,
Demasiado grande para o Mundo,
Há céus, estrelas, fontes e jardins...

FERNANDA DE CASTRO

Tem a palavra!

Sugestões, opiniões e comentários das leitoras

Carlitos é um garoto extremamente nervoso, primário e activo. É ainda o que vulgarmente se chama uma criança «má». Bate em todos os companheiros, mais novos ou de sexo contrário, com requinte, com prazer, pois fica sempre a rir-se quando os vê sofrer e chorar. Desobediente, voluntarioso, teimoso, violento, é o verdadeiro terror da familia. Franzino para os seus 5 anos, queimado pelo sol «saloio», os olhos grandes e negros brilham de malícia e parece-me ver neles muitas vezes uma duvida, uma desconfiança, uma expectativa?... Seu pequenino corpo é ágil como o vento que o açoita ao atravessar os campos no Inverno. Dificilmente o conseguem manter sossegado em qualquer brincadeira calma, só ou na companhia de outras crianças. Por muito entretido que pareça, de repente empurra um companheiro, atira outro ao chão, dá um pontapé nos brinquedos. E sempre aquele brilho malicioso no olhar e um sorriso permanente na boca. «Às vezes — diz a mãe — tem furias, parece um doido». O remédio que lhe é aplicado, quase sempre, para aplacar tal maleita, é uma tareia pela mãe ou pela avó, com um chinelo, com um pau, ou simplesmente com a mão. Mas, para que esta criança tivesse chegado a tal estado, qual teria sido o seu passado e qual o seu presente?

Os pais separaram-se tinha Carlitos quatro anos, ficando ele com a mãe em casa dos bisavós. Enquanto viveram em comum, os pais davam-se terrívelmente mal, em virtude de o pai ser um anormal na perseguição que fazia á mulher por infundados ciumes, batendo-lhe com brutalidade, insultando-a, tentando certa noite incendiar a casa para a matar, a ponto de ser necessária a intervenção das autoridades.

Estes maus tratos principiaram ainda o seu corpito se encontrava protegido pelo ventre materno.

Carlitos presenciava todas estas cenas violentas encolhido medrosamente na sua camita ou agarrado ás pernas da mãe num desejo inconsciente de protecção contra aqueles vendavais que abalavam até ao mais profundo do seu coraçãozito a necessidade que toda a criança sente de amor e de compreensão.

Depois, afastados daquele lar onde a felicidade e a paz nunca habitaram, Carlitos começou a dormir na cama da mãe e, então, acordava frequentemente durante a noite com pesadelos, gritando, sentindo atrás de si, perseguindo-o, o horror das acções do pai. Outras vezes, pobre criança, recordando os momentos em que o pai era igual aos outros, perguntava á mãe quando voltariam para a sua casa, para junto do pai.

Com os nervos totalmente desequilibrados, necessitando de sossego, paciência e harmonia, amor e muitas atenções, começa a sofrer uma vida errante e afadigada. A mãe, trabalhando a dias, tem de sair de manhã cedo e deixá-lo já preparado e alimentado e a casa em ordem e, muitas vezes, quer chova ou fustigue o vento e o frio enregele, é obrigada a levá-lo para casa da mãe antes de ir trabalhar.

Mal os seus olhitos negros espreitam a luz do dia, logo sente a mãe atarefada gritando-lhe que se despache, e ele reage diminuindo o seu andamento, dificultando os afazeres da mãe, embirrando com isto e com aquilo, compreendendo já que ela lhe faz todas as vontades desde que tal contribua para lhe diminuir as canseiras. E sucedem-se os gritos, as correrias, os ralhos, as tareias. Quando enfim Carlitos sai com a mãe estão ambos exaustos, mas ela precisa de continuar depressa a fim de não chegar muito atrasada; ele quer prolongar os momentos que goza da companhia da mãe e fica para trás, entretem-se pelo caminho, olhando uma flor, apanhando uma pedra. E de novo exige, e de novo a mãe cede. Ela necessita é não chegar muito tarde. E diz-lhe que sim, promete tudo: o que pode e o que não pode nem poderá cumprir.

Terrívelmente desinquieto e vivo, o pensamento gira rápidamente de um desejo para outro e mal aludiu a um já está a tentar satisfazer um segundo. Tendo vivido num ambiente de terror, os exemplos colhidos levam-no a querer imitar o pai, tornando-se feroz e mau para os mais fracos, especialmente para as meninas.

Depois de sofrer uma autoridade paterna desabrida e anormal, esta criança tem a sua vida dividida sob as ordens de três mulheres, três gerações, três maneiras diferentes de educar, (embora com a mesma base: a pancada): a mãe, a avó, a bisavó.

E por esse País fora quantos milhares de crianças existem na mesma ou em idênticas situações? Quantos Carlitos de olhar ansioso ou desconfiado? Quantos lares onde o alimento mais abundante é a desordem e os maus tratos? Quais as suas alegrias e brinquedos?

São umas crianças vazias: de cérebro, pelos ambientes de ignorancia e brutalidade em que vivem; de coração, pela ausência de afeições manifestadas; de estomago, devido aos inumeros desequilibrios domésticos.

O que serão estas crianças amanhã? Carlitos que viveu aos encontrões vibrados pelos adultos numa desigualdade tremenda de forças?

Teremos nós coragem de erguer os olhos para essas crianças. — Homens amanhã — quando nos acusarem?

Eu vejo um cortejo de crianças gritando em pesadelos, os olhos espantados, os gestos nervosos, os corpitos débeis açoitados pelo temporal da vida como folhas que o vento faz rodopiar e lança a nossos pés indiferentes. E o cortejo aumenta, cresce, cresce sempre, lentamente se transforma. As folhas erguem-se, turbilhonam sobre as nossas cabeças, cegam-nos com a rapidez e certeza dos seus movimentos. As crianças são jovens que de mãos erguidas e olhar firme gritam: ACUSO!

LAURA PEDROSO

Beijar as crianças é um costume péssimo, e todas as mães devem lutar contra ele. O beijo pode transmitir inumeras doenças, entre elas a tuberculose, a sífilis, o sarampo, a coqueluche, a difteria, a escarlatina.

Não é fácil evitar que as pessoas ignorantes beijem os nossos pequenitos. Mais uma razão para usarmos de todas as cautelas. Façamos notar a quem lida com os nossos filhinhos que não gostamos que os beijem; ensinemos as crianças, o mais cedo possível, a estender a mão para cumprimentar e a recusar beijos; enquanto são muito pequeninos, multipliquemos nos babeiros, nos vestidos, nas fitas dos chapéus, esta pequena frase, bordada numa cor viva: «Não me beije!». E, a quem disser:

— Quem meu filho beija
Minha boca adoça,

podemos responder com estas quadras que encontramos no livrinho intitulado «Ditados» que a Associação do Enxoval do Recém-Nascido em tempos editou:

«Quem meus filhos beija
Minha boca adoça».
— Pois é melhor que não seja
Nem a minha nem a vossa

Por essa forma adoçada...
Que um beijo de boca impura
Doenças que não têm cura.
Pega á criança beijada

Pequenas coisas muito importantes

Não obrigue o seu pequenino a pôr-se de pé. Por volta dos 10-12 meses ele saberá levantar-se e começará a andar quase sem auxílio.

Aprenda a distinguir a causa do choro do bebé e, quando ele chorar verifique se alguma coisa o incomoda. Mas, não o embale nem o traga, por sistema, ao colo, a passear.

A banana entra muito cedo na alimentação infantil. Mas é indispensável que esteja bem madura e convém amornar levemente a polpa e esmagá-la com o garfo, podendo incorporar-se-lhe uma colherinha de leite.

O quarto do bebé deve ser claro, arejado, e de ambiente sereno: nem gritos, nem agitação, nem fumo, nem barulheira da rádio.

Há crianças que sofrem grandes perturbações com a dentição, outras que, por cada dente que rompe têm uma constipação. O que há a fazer é ouvir o médico e criar no bebé uma resistência contra as constipações dando-lhe a alimentação e as vitaminas indicadas para a sua idade.

Livros novos

1 «Industrialização e urbanismo», é o título do estudo do eng. Ferreira do Amaral, publicado pela biblioteca do C. E. P. S. Num dos pontos de síntese do problema, o autor afirma a verdadeira raiz do livro: «A industrialização é a formação da cidade e precisa dela; o urbanismo arrasta por si a criação de mais industrias».

2 Na Colecção Cultura Religiosa, «Os Misticos», de H. C. Graef. A tradução é do padre Artur Alves Pereira.

3 «O principio e o fim» eis como se chama o primeiro livro de poemas de César de Oliveira, ilustrado por Vítor Belém. Estreia auspiciosa.

4 Na colecção «Três Abelhas» veio agora a lume «A mulher que viveu duas vezes», romance da autoria de Pierre Boileau e Thomas Narcejac. *Publicações Europa-América.*

5 Eugénio de Andrade projectou vivamente o seu nome. Este novo livro, «Coração do dia», tem uma especial ressonancia. Há no seu lirismo a delicadeza dos tanagros e uma intensa e comunicante. espiritualidade. Essência e beleza. (Iniciativas Editoriais).

6 «Gente Heroica» assim se intitula um caracteristico l i v r o de novelas de Isaurindo Q u e i m a d o. Duas, têm como fundo o Alentejo, e outra é um episódio oliventino, histórico-patriótico.

Em ALHOS VEDROS o «Diário de Lisboa» é vendido por Manuel de Sousa Meiro.

Obras de Henry Moore em exposição no S. N. I.

Um dos nossos mais alucinados devaneios e ver, em cada boa coisa que aparece entre nós, um princípio para algo que se perpetuará dando inicio a qualquer dessas ambicionadas mutações que milagrosamente nos lancem inteirinhos no nosso século, de modo a ganharmos o tempo perdido, e a tomar, finalmente, o gosto á actualidade. Mas, não é preciso ser tão grande o sonho para que o nosso devancio logo apareça nesta esperança infundada de que a coisa vai melhorar. (E se tem de ser porque não há-de ser desta!).

É pleonástico insistir na necessidade de dar, ao publico, em geral, e aos jovens artistas, em especial, as possibilidades de ver a arte que em nossos dias se produz, porque deve de ser um trabalho elementar na mais simples educação estética; é um puro acto de repetição afirmar a falta que fazem as exposições que nos dêem a conhecer essa obra do século XX, especialmente, num país onde não se pode dizer que exista um Museu de Arte Contemporanea.

A exposição de obras de Henry Moore veio logo funcionar como estímulo para tal delirio alucinado de que há pouco falávamos e começamos a acreditar que esta exposição seria a primeira pedra da tão desejada continuidade na apresentação da Arte Moderna em Portugal. Já várias vezes temos acreditado na mesma promessa e não vamos desanimar desta. Caramba que alguma vez tem de ser a sério! O hábito de constantes recomeços só pode dar ilusão de continuidade aos olhares mais distraidos.

A obra de Henry Moore, justamente considerado um dos maiores escultores do nosso tempo, vem até nós numa época em que só se quer falar de pintura, até porque para ver nem escultura nacional existe. Chega até nós e traz-nos esse ar tão fresco, que é o bastante para emocionar quem está sempre enclaustrado!

Do mesmo modo que renasceu para a musica, com o começo deste século, a Inglaterra voltou a ser um país aberto ás artes plásticas. (A exposição surrealista há anos organizada em Londres pelo sr. Roland Penrose, que agora, e muito a propósito, nos voltou a visitar, foi um bem evidente sinal de que se tinha recuperado o tempo perdido). A par de pintores como Graham Sunderland e Ben Nicholson, a Grã-Bretanha ostenta uma série de notáveis escultores, entre os quais Henry Moore e Barbara Hepworth aparecem como os mais amadurecidos ao lado de gente mais nova, mas que também já atingiu a maturidade do seu talento, como Kenneth Armitage, e, muito especialmente, Richard Butler, o laureado do famoso concurso do «Monumento ao prisioneiro politico».

Toda a originalidade de Henry Moore vai para esse magnifico uso dos espaços vazios que a escultura moderna descobriu. Moore afirma em cada uma das suas obras que o volume não é o unico elemento constitutivo da escultura, mas se torna o mais importante quando os espaços que nele se rasgam lhe garantem ainda maior existência escultórica. É como que a afirmação da luz pela presença da sombra, mas conseguindo o milagre da ausência do claro-escuro. Todo um conjunto de obras como a célebre «Figura reclinada» (o n.º 15 do catálogo), e as «Formas internas e externas», testemunham esta poderosa invenção plástica de Moore.

A qualidade que mais nos atrai em Moore é a sua monumentalidade. As suas obras levantam-se poderosas e satisfazem esse desejo de monumentalidade, comum a todas as épocas, mas mais desenfreado na nossa onde escasseiam valores que o satisfaçam, resolvendo-o na saudável contemplação das formas mais amplas. O mais lucido e brutal panfleto contra esse tipo de falsa monumentalidade, á marquês do pombalinho, que esconde na descomedida superficie toda a falta de profundidade. Cada um desses imponentes motivos escultóricos á maneira de «Duas figuras sentadas» (rei e rainha), é um insulto feroz aos pacatos homens encapuçados das nossas avenidas e aos projectos mirabulantes de fantásticas estátuas onde se acumula tudo, menos o talento e o bom gosto. Entre todas as obras expostas, o exemplo mais claro desta monumentalidade pura, de ar livre, e sem medo das rajadas de vento, venham elas de onde vierem, é essa grande «Figura reclinada vestida», de uma beleza tão ímpar que logo coloca Moore ao lado desses dois grandes escultores de corpos femininos: Renoir e Maillol.

Evidenciando essa natural ambição das obras de Moore para ganharem monumentalidade, as pequenas estatuetas, de uns escassos vinte centímetros parecem implorar a sorte de um grande bronze.

Apontam-se a Moore duas grandes paixões que querem obrigar a funcionar como inevitáveis influências (meu Deus, quem não as tem?) e, de facto, talvez as possamos encontrar na nossa exposição. Brancusi e o seu gosto pelas grandes superficies curvas não está por certo ausente, e a influência da escultura primitiva é bem evidente na «Rapariga das mãos entrelaçadas», e muito em especial na «Cruz de Glenkiln», que no seu jogo de volumes chega a lembrar as estatuetas de Lespugne.

Os desenhos de Moore, não só os apontamentos para escultura, mas também os seus encontros com as formas humanas no desejo irreprimivel de roubar um segredo de movimento, documentam quanto é reflectida e projectada a arte deste grande escultor.

Não sabemos quantos terão sentido a revelação maravilhosa da arte de Moore e sofrido os ensinamentos magistrais sobre o problema espaço-tempo implicitos nas suas esculturas, mas tantos quantos possam ter sido merecem pela certa o empreendimento do «British Council», que por intermédio do Instituto Britanico trouxe até ás salas do S. N. I. uma das mais notáveis exposições que nos têm visitado. Aliás, a grande concorrência de publico ao velho Palácio Foz deve ser um incentivo ás autoridades competentes para dar foros de autenticidade a esta acção educativa. — J. E. S.

Suspendeu a publicação

a única revista

que ensinava as mães

a educar os filhos

«Eu conhecia muito bem a ignorancia da grande maioria das mães rurais, obedientes á rotina e á superstição, e o abandono em que os seus filhos viviam». Mas, perguntar-se-á em face desta confissão da escritora D. Maria Lucia Silva Rosa, seriam só as mães rurais as que tinham os seus problemas para resolver, em relação aos filhos? E' a mesma escritora que responde: «não eram menores nem a ignorancia das mães nem o abandono das crianças citadinas».

E foi assim que, há cerca de dezasseis anos, apareceu, por sua iniciativa, a revista «Os nossos filhos» — a unica para os pais que se publicou em Portugal. Através das suas páginas, as mães aprenderam a lidar com os filhos, a educá-los, a criá-los, a entendê-los, a auscultar-lhes a alma e a assistir-lhes á evolução do corpo e do espírito. Não foram todas as mães que aprenderam? A culpa não foi da revista nem da sua directora, mas do publico que não soube compreender a excelente iniciativa.

A vida da revista «Os nossos filhos» foi, assim, inquieta, perturbada. Alguns milhares de Portugueses compreenderam-na e amaram-na. Mas para poder subsistir, era preciso que a não esquecessem e a procurassem muitos outros milhares — mesmo alguns milhões de mães e pais que o são sem preparação para o desempenho da sua função, num mundo cada vez mais feito de problemas novos. E assim, a revista «Os nossos filhos» suspendeu com o numero de Dezembro, a sua publicação. Por quanto tempo, não se sabe, é imprevisível. A Editorial «Os Nossos Filhos» mantém-se, as suas belas iniciativas — como «Portugal visto pelas suas crianças» — continuarão. Mas, na verdade, num meio tão pobre de cultura, faz pena ver desaparecer uma revista que se propôs e soube esclarecer tantos lares.

É dia a dia que se obtém a beleza da pele

A frescura aveludada, o radioso encanto da sua pele estão bem ao seu alcance : tudo isso depende só do sabonete que usa todos os dias. Saiba escolhê-lo! Escolha o mais puro dos sabonetes : escolha Lux. Lux purifica a sua pele e dá-lhe aquela radiosa e aveludada frescura que é bem característica da juventude. Por isso as estrelas do cinema preferem Lux : a delicadeza da pele, a pureza luminosa da tez é para elas uma absoluta necessidade.

Jeanne Moreau

por exemplo, para quem a beleza não tem segredos, diz :
"Eu prefiro Lux. Ele é tão puro, tão suave ... é um verdadeiro tratamento de beleza".

58-LT-26 INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA. SACAVÉM

9 DE CADA 10 ESTRELAS USAM LUX

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

Anuncio de casamento e retrato de uma Loira

Texto integral do conto de

FRED DICKENSON

A reacção do agente Frank Holt, quando a senhora Kate Erling saiu, espavorida, a correr e a gritar pela casa fora, foi devido, talvez, ao facto de ele estar de folga e á paisana.

Era em Los Angeles, por uma tarde quente de Julho. Ela fora lá a casa buscar a roupa para lavar e deparou-se-lhe o cadáver de John Hessler, um viuvo, de setenta e um anos. Seguindo as declarações feitas pela senhora Kate Erling, ainda muito assustada, Holt foi dar com o corpo de septuagenário, sentado numa cadeira, na sala de estar. A uma outra cadeira, a poucos passos de distancia, estava presa por um arame uma espigarda *Winchester*, a cujo gatilho fora atado um cordão verde, que passava por detrás da coronha para se ir enrolar no dedo indicador do cadáver.

Normalmente, o que Holt tinha a fazer era apenas comunicar o facto aos superiores e ficar guardando a casa até chegarem as autoridades. Como, porém, estava á paisana, sentiu-se *detective*. Observou o corpo do velho e, depois de mirar o cano da espingarda, pensou: — «Assim como está apontada, a bala devia ter atravessado a direito. Em vez disso, penetrou no coração e saiu por debaixo do ombro esquerdo. Há aqui qualquer coisa que não está certa!»—. O cumprimento do dever fez, porém, com que interrompesse esses pensamentos e participou o caso para a esquadra. Quando chegaram os investigadores, foi para casa, mas na manhã seguinte não ficou muito satisfeito ao ler que classificavam a ocorrência de simples suicídio.

— Não gostei do angulo de tiro daquela espingarda — disse Holt ao seu superior, o capitão Frank Baker —. A mim parece-me que foi amarrada depois do tiro.

O capitão, que gostava daquele jovem e enérgico agente, disse-lhe:

— Se quiseres, vai dar uma vista de olhos, mas, se descobrires qualquer coisa, não digas nada aos *detectives*, que fariam grande chacota!

Holt empenhou-se na coisa, e logo soube pelos vizinhos de Hessler que ele não era das pessoas que se suicidam: parecia feliz, tinha um bom rendimento e falara até em casar outra vez. Guardava sempre em casa avultada soma de dinheiro que não apareceu. Holt revolveu tudo a procurá-la, sem resultado, mas descobriu terem acendido recentemente o fogão da cozinha, onde encontrou restos de cartas queimadas. — Quem as queimou e por quê? — Sob uma pasta, na secretária, chamou-lhe a atenção qualquer coisa que escapara aos «peritos»: meia duzia de fotografias de mulheres, todas elas bem parecidas, á excepção de uma. Claro está que eram mulheres de meia idade!

Ao contemplar a ultima, de uma loira, nova e bonita, Holt deu três assobios. Leu a dedicatória: — «Com o amor da Lucille» — e pensou: — «Hessler não tinha mau gosto!...» — Bateram, entretanto, á porta e ele foi ver quem era. O carteiro trazia várias cartas para o velhote. Ao abri-las, decifrou o mistério das fotografias, pois eram todas de mulheres que respondiam a um anuncio de casamento. Uma delas trazia um recorte do anuncio: «Viuvo, bastante idoso, com bom rendimento e casa bem posta, deseja corresponder-se com senhora, para fins matrimoniais».

— As fotografias devem ter sido enviadas por candidatas ao casamento — disse Holt ao capitão Baker —. Cada vez duvido mais de que Hessler se tenha suicidado, principalmente se recebeu qualquer resposta dessa loira. Mas também não percebo por que respondeu ela a um anuncio desta natureza!

— Tudo isso parece, realmente, muito estranho! — concordou o capitão —. Ela não teria qualquer dificuldade em encontrar marido... Talvez pertença a um bando que explora assim homens idosos como Hassler!

*

O capitão e o seu agente resolveram procurar todas as mulheres que haviam respondido ao anuncio, pois talvez alguma tivesse ido a casa de Hesler, convidada por ele. Teria havido discussão e uma cena de tiros, que procuraria encobrir com a aparência do suicídio? Queimaria o assassino todas as cartas, para destruir qualquer pista, sem, contudo, ter encontrado as fotografias escondidas? E onde estava o dinheiro que Hessler costumava guardar em casa?

— Vou ver — decidiu Holt — o que descubro a respeito das mulheres que enviaram estes retratos!

As fotografias tinham, na maior parte, os nomes nas costas e Holt escreveu uma série de cartas a essas mulheres que pretendiam casar com Hessler, cinco das quais conseguiu identificar nas semanas seguintes. As informações policiais das respectivas localidades indicaram que eram mulheres honestas e estavam em suas casas na altura em que o velho foi assassinado.

Tornou-se, porém, muito mais dificil esclarecer o enigma da loira «Lucille», a qual parecia ter omitido cautelosamente qualquer pormenor que levasse a identificá-la. Uma observação atenta revelou, contudo, no canto direito da fotografia, certos sinais reproduzidos pelo contacto com os cartões em que estivera metida. Holt copiou os leves vestígios dessa referência que parecia ser *xxx7wy*, e mostrou-os a vários comerciantes de artigos fotográficos. Um deles informou-o que era a marca do fabricante daquelas molduras de cartão, cujo nome lhe forneceu.

Consultado por carta, esse fabricante respondeu que vendera tais cartões a milhares de estabelecimentos, entre eles sete de Los Angeles. Holt foi visitá-los e o dono do terceiro proporcionou-lhe preciosas indicações:

— Claro que conheço essa rapariga, pois fui eu quem lhe tirou esta fotografia! E' Miss Dorothy Milbank!

— Mas tem a assinatura de «Lucille»?!

— Isso não sei! O nome dela é Dorothy Milbank, e se quiser mostro-lhe o negativo. O pai dela é director de um banco!

*

O capitão Baker foi com Holt á residência dos Milbank, onde a rapariga e a mãe ficaram espantadas ante a fotografia. Miss Milbank escreveu o nome num pedaço de papel, demonstrando que, mesmo com nome suposto, a assinatura da foto não era a sua.

— Tem qualquer ideia sobre a maneira como este seu retrato foi parar ás mãos de Hessler? — perguntou o capitão Baker.

A rapariga ficou pensativa por momentos e depois respondeu:

— Mandei tirar duas duzias e ofereci vinte, na maioria assinados, á excepção de quatro. Este deve ser dos ultimos.

— Sabe de quem é a letra?

A jovem e a mãe entreolharam-se e ficaram hesitantes:

— Claro que não queremos lançar suspeitas sobre ninguém — disse, por fim, a mãe —. Mas trata-se de um caso grave!...

E esclareceu que aquela letra se parecia com a de um rapaz de vinte e um anos, antigo namorado da filha, chamado Charles Fenmore.

— Ele pediu-lhe um retrato e Dorothy deu-lho — acrescentou —. Mas era um rapaz sem juizo e afastámo-lo.

Uma rápida investigação na morada fornecida pela senhora Milbank revelou que Charles Fenmore se mudara e desaparecera, pouco depois da descoberta do cadáver de Hessler. A dona do quarto informou ainda que ele parecia nadar em dinheiro, pois até lhe pagou a renda atrasada.

— Fenmore serviu-se deste retrato para enganar Hessler — disse o capitão Baker para Holt —. Provávelmente, enviou-lho em resposta ao anuncio e depois apresentou-se como marido de «Lucille», para o explorar.

A Polícia pôs-se em campo, e dai a duas semanas Charles era preso em Fresno, na Califórnia. A principio, negou que conhecesse o velho Hessler, mas não soube explicar o que fizera da fotografia oferecida por Miss Milbank. Ao ser, porém, identificada a letra do retrato, confessou:

— Quando vi o anuncio, pedi a um amigo de Denver que enviasse o retrato a Hessler, o qual mandou o dinheiro para «Lucille» ir ter com ele e se casarem. Tendo descontado o cheque, fui, mais tarde, a casa de Hessler e disse-lhe que ela era minha mulher.

Fenmore exigiu-lhe dinheiro para não fazer escandalo, mas o velho não esteve pelos ajustes e, em resposta, pegou da espingarda, querendo assim afugentá-lo. Seguiu-se a luta durante a qual Charles o matou.

— Revistei a casa — prosseguiu o rapaz — e encontrei mil e cem dólares numa gaveta, assim como as cartas, que queimei. Não consegui, porém, descobrir as fotografias. Depois preparei aquela cena do suicídio, e pareceu-me que tudo correra bem.

E teria corrido, se não fosse a perspicácia de um jovem polícia, que dai a pouco era promovido a *detective*.

Alguns dias depois, Fenmore tentou evadir-se, iludindo os guardas, quando era transferido para outra prisão, e abateram-no enquanto fugia.

DINHEIRO
SOBRE AUTOMÓVEIS
Emprestamos a juro inferior ao da Lei e nas melhores condições. Rapidez na transacção e sigilo absoluto. «A LUZAFRICA» — Calçada do Carmo, 6, 2.º (Esquina do Rossio) — Telefs. 24524 e 368080

Um bocadinho e...basta!

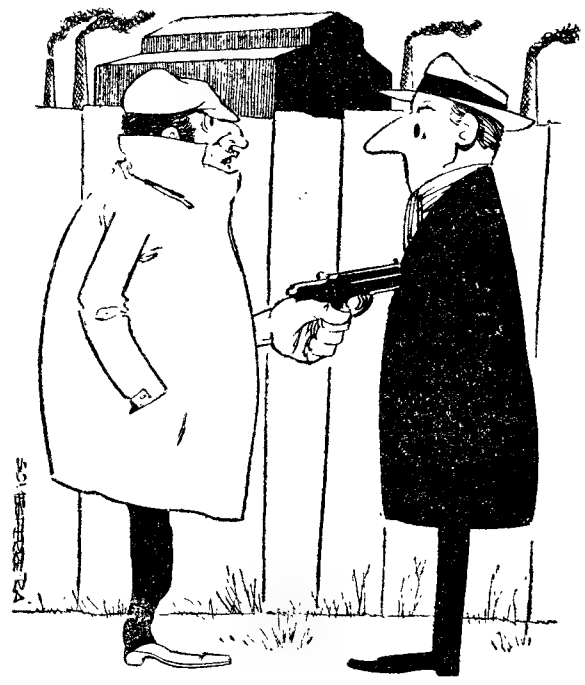
É creme de barbear

Gillette

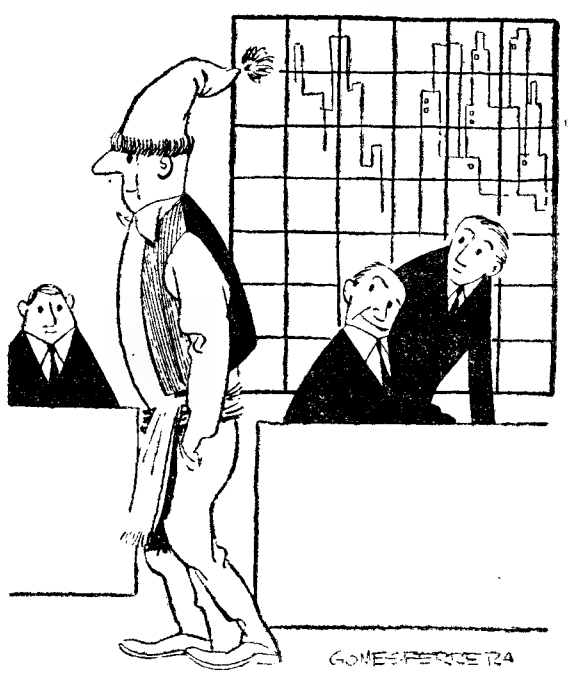
Um bocadinho basta, para lhe proporcionar toda a espuma de que precisa. É um creme de barbear digno das Laminas e Máquinas Gillette. Na realidade, foi fabricado . . . para completar a arte de "bem barbear". É isto que ele proporciona: faz rápidamente uma espuma abundante. Contem K34, o novo antiséptico para o rôsto que conserva a maciez da pele.

Compre uma bisnaga ainda hoje

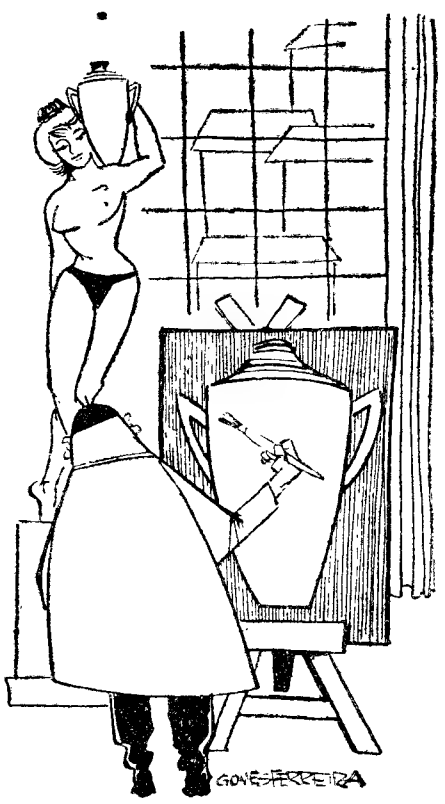
— Hum! Não me interessa!... Sou vegetariano!..



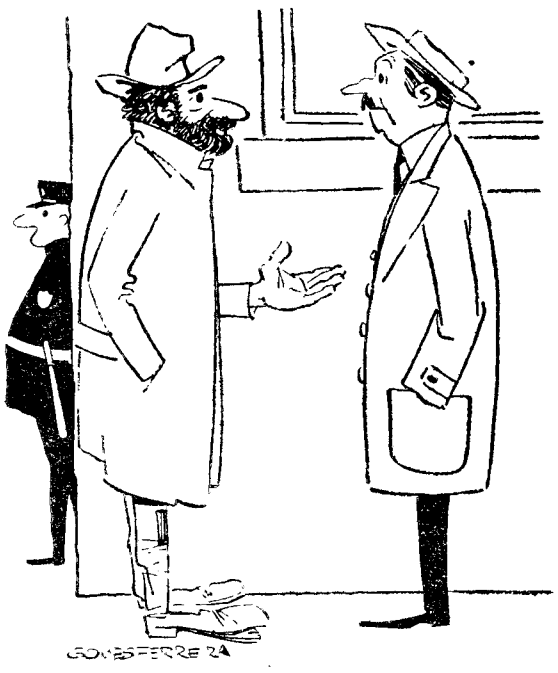
— Dá-me uma esmolinha, por favor ?



— Porque é que ele vem assim vestido ?...
— O patrão vai explicar hoje porque é que não o pode aumentar !...



SEM PALAVRAS



— Porque è que você, em vez de andar a pedir, não vai trabalhar ?
— Porque não quero tirar o lugar aos outros !...

— São os inquilinos ! Saiu-lhes a sorte grande, e agora estão à espera do senhorio !

— ...1325... 1326... 1327...

OUTONO

Por ANA MARIA QUINTANS FERREIRA

Anostalgia do que não volta... a saudade daquilo que nunca foi. Saudade principalmente dum tempo em que se é criança, com aparência de mulher, em que se vê tudo sob um véu cor de poente, em que a razão não tem lugar. Depois, tudo muda.

Porquê? Porque é assim que se é gente, é assim que se é grande!

Assim, vendo tudo materialmente, julgando, agindo. Sendo nós próprios e ao mesmo tempo, ultrapassando-nos sem mesmo dar conta disso. Dando com gesto descuidado, com um sorriso trocista e indiferente, aquilo que há anos mais desejávamos.

Mas não, agora nós queremos dizer que não. E por isso erguemos bem alto a cabeça e dizemos «Isso nunca existiu! Foi mentira!»... Mas lá no fundo, bem no fundo, há uma voz — a da criança que ainda não se afastou totalmente — que responde: «Tens a certeza? Então...»

Mas nós sacudimos, dizemos que não — somos grandes, somos pessoas razoáveis.

A mediocridade do razoável. A mediocridade de que é preciso levantarmo-nos, sacudirmo-nos. De que dá gosto erguemo-nos, se um sopro leve, amigo e terno, nos ajuda.

Depois continua a saudade do momento que não volta. E ela é tão profunda que até no próprio momento já a sentimos pesada e fugidia; queremos agarrar esse instante e ele foge-nos, como a areia nas mãos duma criança. E é depois o nada. O nada que quer ser tudo, e que o será, se o tempo, no seu rodar insano, trouxer outra aragem vivificante.

AMIGO N.º 534 (17 ANOS)

PROBLEMAS DOS JOVENS

OS TEDDY BOYS

Os países estrangeiros exportam de quando em vez, boas e más ideias mas, infelizmente, o jovem português, aproveita quase exclusivamente, tudo aquilo que é mau.

Assim, como não podia deixar de ser, cá temos os «Teddy boys», sinónimo de valentões, super-homens, etc.

Segundo chegou ao meu conhecimento, aqui no Porto, as suas valentias levaram-nos a espancar uma pobre mulher. Na verdade, como é fácil constatar, esta foi uma atitude de perversa cobardia.

Como é triste verificar que casos como este aconteçam nos nossos tempos e no nosso País!... Que pena e que tristeza!...

VÍTOR MANUEL VELOSA DA SILVA
AMIGO N.º 941

Quase que não consigo conceber como possam existir jovens que se prestem a atitudes como aquela que relatei. Que baixeza espiritual e moral revelam!...

Existe um facto que me impressiona sobremodo: o de ser precisamente nos países que se dizem civilizados, que germinam e frutificam movimentos deste género. Assim, desses países nos vêm notícias inculcando que alguns jovens como que enlouquecidos, atacam polícias, espancam moças, praticando barbaridades sem conta, mais próprias de gente da selva do que de seres que se dizem civilizados.

Segundo comunicados dos «noticiários», os «Teddy boys», são jovens que na sua maioria têm deficiências de vária ordem, complexos de diversa natureza e, regra geral, dotados de timidez.

Como debelar este mal?... Uma das soluções mais indicadas, seria a de todos fazermos um pequeno esforço no sentido de humanizar tais jovens prematuramente depauperados de alma e corpo, transviados dos caminhos da verdade e da virtude.

Como fecho destas breves notas, á guisa de comentário, resta-me formular uma pergunta que muitas e repetidas vezes, já fiz a mim próprio: a quem atribuir a culpa da existência de semelhantes espíritos doentios? Ao método de educação seguido pelos pais? No meu entender é á sociedade que deve atribuir-se a maior percentagem de responsabilidade.

Impunha-se a meu ver, por parte dos Governos dos diversos países onde campeiam esta e outras espécies de calamidades, uma maior obra de assistência social, desviando a mocidade desvairada, da senda do mal e, orientando-a, no sentido do bem.

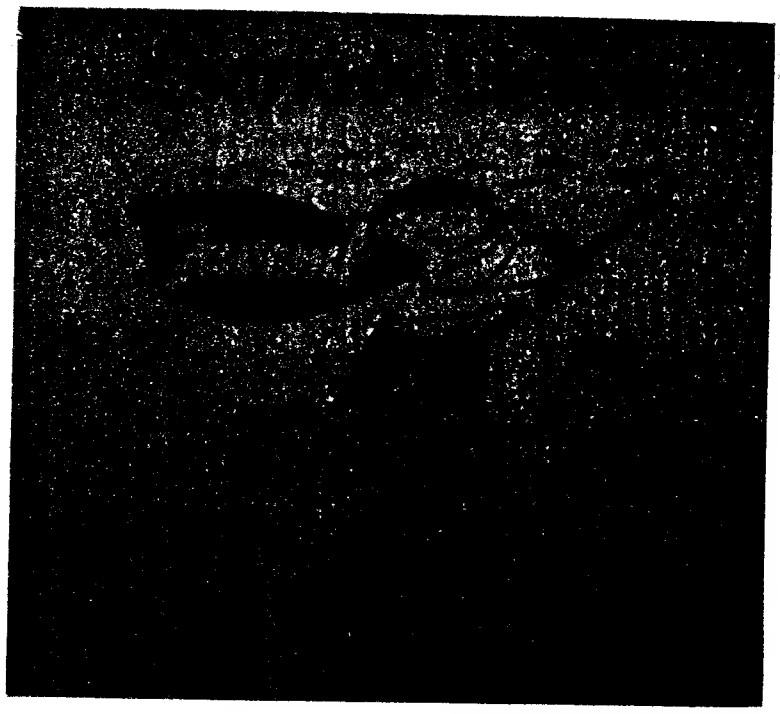
Os «Teddy boys», são espíritos doentios, com os sentidos embotados, moralmente depravados, mercê do vício em que se deixam atolar, procurando sensações novas, nos actos de sádismo que vêm praticando.

Urge que quem de direito, tome medidas drásticas, punindo severamente os que prevaricam por tal modo, recuperando-os para a sociedade na medida do possível e, de qualquer modo, isolando-os dos restantes jovens, ainda não contaminados.

Nem tudo está perdido na geração nova, mas torna-se inadiável, na verdade, agir quanto antes e decididamente, «separando o trigo do joio».

Vítor Manuel Veloso da Silva
(18 anos) — Amigo n.º 941

VISTOS PELOS JOVENS



As árvores

Por LOUISE BRIAR RUSSELL

Há um sítio na estrada que vai para Sintra, um sítio ventoso, onde crescem duas velhas árvores—uma figueira e uma oliveira.

Não há nada de particularmente estranho nelas... até nos aproximarmos; porque agora vê-se que estão abraçadas, a oliveira inclinada sobre a figueira, como se fossem dois velhos amigos.

De longe não parecem duas, mas apenas uma árvore. Os troncos estão entrelaçados de tal maneira, que se uma tivesse de ser cortada, também a outra teria de vir abaixo.

Que coisas terão elas visto? E' possivel que tenham sido testemunhas de momentos históricos! Que histórias maravilhosas elas devem ter para contar!... esses dois sábios mordidos pelo frio, comidos pelo Sol e chicoteados pelo vento agreste da estrada de Sintra, em tardes de Inverno!

Um dia haverá casas naquele sítio, sim, com certeza a marcha da civilização não vai parar ali, por causa de duas árvores podres!

Mas eu, estupida romantica que sou, gostava de saber que as duas amigas ficariam sempre ali, gostaria de saber que sempre poderiam continuar a ser amigas, pelo menos por outros cem anos... mas que digo eu? Que pensamentos serão estes? — dois bocados de lenha á beira da estrada, no meio duma vila, que ideia! — eu a pensar que as máquinas de hoje poderiam deixar o que é mais belo na vida, continuar a fazer a sua poesia eterna, sob o céu eternamente azul de Portugal, terra de fadas, de mouras, de alegria, de romance, do Sol e dos poetas!...

AMIGO N.º 593
(17 anos, nacionalidade americana)

NOITE DE FÉRIAS

A Lua, muito grande e muito branca, confundia as sombras das casas e das árvores junto aos degraus da velha igreja. O vento divertia-se a provocar a cortina da janela aberta e trazia-me, a espaços, excertos dos concílios dos pinhais. No largo dormia um cão acochado na soleira de uma porta: outros zangaram-se, algures, o que o fez levantar a cabeça a protestar o sono interrompido para logo a aninhar nas patas estendidas. O relógio grande da sala retiniu dez vezes a desafiar o da torre que respondeu, grave, compassado, cheio de autoridade.

Era noite de Lua cheia, noite de águas paradas, noite de muito mistério. Era noite de Lua cheia, noite do canto dos cisnes, noite de ritos secretos. Escutei: na casa só o estalar da madeira, o roer dos ratos e carunchos, a discussão iniciada das frinchas. O mais, era silêncio.

Era noite de Lua cheia... E a janela era tão baixa...

Quando pus os pés no largo o cão ladrou e correu para mim: era vulgar, sem pretensões, sujo e sociável. Assim que o afaguei, abanou a cauda, satisfeito, a propor-me companhia. Saímos da aldeia: a estrada descia em frente, larga, escoltada por pinhais imensos onde o luar, amedrontado com os pinheiros altos de grenha espevitada, não se detinha. Grilos conversavam, animados, desprezando os mochos rabujentos que discordavam sem razão. De quando em quando, pinhas desgostosas atiravam-se dos ramos mais altos e batiam no solo acarumado uma pancada sem cor.

Fui andando, devagar: descia sempre e, um pouco mais abaixo, á esquerda, antes da curva, a fita pálida de um caminho saibroso realçava o brilho negro do alcatrão polido. Um escalavrado pinheiro expulso da comunidade — o seu aspecto miserável repugnava aos outros — cabeceava sonolento, mesmo na entrada do carreiro. Os seus ramos retorcidos sugeriam-me mudança de rumo e o cão — porque eu parasse — parou e levantou os olhos como que a perguntar: Então? Ficamos por aqui?!

Deixei a estrada: o caminho era fácil e conhecido — atravessava campos e pinhais para chegar ao rio, um riozito alegre que em tempos de constante brincar servia de fronteira aos nossos folguedos.

As sombras enovelavam-se agora no solo claro em curvas espalmadas, atrevidas, irritando-se umas ás outras. Dos lados, nos pinhais escuros, impenetráveis, surgiam formas assustadoras, diabólicas, que atiravam terríveis gestos de maldições infernais. Os mochos, aborrecidos, comentavam, irreverentes, a minha intromissão — alguns levantaram voo, pesados, sem graça, pousando com um baque surdo mais adiante: formavam a minha guarda...

O cão arremetia mas, asas abertas, enormes, penas a estremecerem, coléricas, olhos amarelentos a chisparem maldade, afugentavam-no. Depois batiam os bicos num castanholar de troça. Eles eram os senhores da noite.

Sons estranhos sucediam-se, amontoavam-se, agarrando-se-me aos ouvidos: silvos de muitos tons, estalinhar de folhas secas, arranhasgar de troncos, bailados de ramos... Se de dia não impressionavam, agora, noite alta, de Lua cheia — a cabeça a arrebentar de bruxas alcachinadas e demónios aterradores — ouvia em cada ruído uma praga, via em cada sombra um fantasma.

Por fim os pinheiros já rareavam. O caminho marcado pelas rodas dos carros adivinhava terra de cultivo e o milho alto, a balouçar ao vento, farfalhava de contente. Já ouvia o rio a rir-se das anedotas que os juncais lhe contavam, mau grado os protestos das rãs, escandalizadas com a brejeirice do tema.

Lá na aldeia o relógio da torre bateu com firmeza doze badaladas sonoras: era meia-noite... E em baixo, no vale, as feiticeiras deviam bailar em volta do carvalho velho... O vento soprava agora com mais força e o milho agitava-se, nervoso, como se através dele passassem exércitos de seres invisíveis.

Parei. Fazia-se tarde e começava a sentir frio. Mas seria só frio?... Voltei para trás: o meu companheiro, por mais que eu o chamasse, não vinha. Estava sentado no meio do caminho com os olhos fitos na Lua... De vez em quando latia, muito baixinho: deixei-o entregue ao seu devaneio e, quase a correr — havia qualquer coisa de misterioso na sua atitude que me assustou — abalei a caminho de casa.

Quando passei pelos pinhais repetiram-se as maldições, mas agora mais violentas e os mochos e stavam, positivamente, furiosos: levei menos tempo a subir o pequeno troço de estrada que a descê-lo e só fiquei sossegado quando entrei no quarto pela janela que continuava aberta. Mas pouco dormi nessa noite: assim que fechava os olhos surgiam de todos os cantos seres inverosímeis que me ameaçavam da maneira mais horrível...

O que é certo é que me prometi nunca mais sair numa noite de Lua cheia...

por CARLOS MÁRIO FERREIRA BRAGA (18 anos)

ATENÇÃO!

Ver em «DOIS MINUTOS DE INTERVALO»

PALAVRAS CRUZADAS

em

FRANCÊS e INGLÊS

O mistério da bengala de Bambú (VIII)

Ainda o avião sobrevoava a grande cidade e já o nosso detective chamava a atenção do seu ajudante para o vulto que se escoava numa avenida.

— E' ele Basílio, é ele!

— Aquela formiga? Aquela formiga-rabiga?

— Toma conta! Lá volta a esquina, vai entrar na casa da grande varanda...

Não se pode descrever a sua excitação. Pode comparar-se á do gato que vislumbra, no extremo da sala, o rato que há muito persegue. Dirigiu-se á hospedeira:

— Como se chama aquela artéria ladeada de árvores?

— Avenida Prince Baudoin.

Quando o avião tocou no solo africano, Pararraios dirigiu-se á avenida com tal velocidade que Basílio viu-se e desejou-se para o alcançar. Pôs-se de atalaia junto á casa da varanda. Basílio pedia que arranjasse um pequeno intervalo para o almoço. Mas nada conseguiu.

— Quando o meu funil deixar de relampejar, então almoçaremos.

— Não querem ver a minha vida! — lamentava-se o ajudante.

Eram precisamente quatro horas da tarde quando Sum Wi — pois era ele — abandonou o esconderijo. Ao dar com o detective perdeu por instantes a calma que nunca abandonava, como se tivesse visto um fantasma.

— Boas tardes, meu amigo — disse-lhe Pararraios — A sova que apanhei no Clube da Bengala deixou-me derreado, pelo que necessito com urgência de uma bengalinha para me apoiar. Quer ceder-me essa?

— Nunca!

— Não seja louco! Desista dos seus projectos, meu caro! Pararraios é invencível... Você sabe bem como é preciosa a bengala que aí leva — e da qual depende a sorte do Mundo... Vamos entender-nos... -nos...

Bengala encontrada

Um grito de animal ferido lhe respondeu. Fora o caso que Basílio, vendo-o a escutar atentamente as razões do detective, se lhe aproximou pela rectaguarda e com um simples e hábil torção, lhe arrancou a bengala e a entregou ao amo.

Desataram a correr, perseguidos por Sum Wi.

— Alto serviço prestaste á humanidade, Basílio!

— Não foi pela humanidade, senhor, foi pelo almocinho. Vão sendo bem horas...

De subito, ouviu-se um barulho ensurdecedor, semelhante ao mar em dias de temporal. Uma nuvem de negros desembocava na Avenida Prince Baudoin, arremessando pedras contra as montras das lojas ricamente abastecidas. Pronunciavam frases incompreensíveis. De um momento para o outro, os brancos tinham desaparecido diante daquela onda avassaladora.

— Fujamos, senhor! — suplicava Basílio.

— Não — respondeu o detective — Quem tem a consciência tranquila não foge.

— Pois sim, meu amo, mas eu, que tenho menos pernas, vou andando.

E desatou a correr. Os negros, quando deram pela fuga, foram-lhe no encalço. Pararraios não teve outro remédio senão dar ás de Vila Diogo, para defender a bengala. Mas arrancou tarde. Não tardou a ver-se rodeado pelo mar em furia. Foi como se o peso do Mundo lhe caísse na cabeça...

...Quando voltou a si, uma velha negra de aspecto bondoso, segurava-lhe a cabeça no regaço, dava-lhe a beber água com «whisky», daquele que ainda há pouco se exibia nas montras.

— Bebe, meu filho, isto far-te-á bem.

E voltando-se para Basílio Sopito:

— Não tenhas medo. Já voltou a si. E agora, brancos, vão-se embora, sigam o meu conselho...

— A bengala?—era a unica preocupação do detective — Onde se encontra a bengala?

As nódoas negras que tinha pelo corpo todo não lhe doíam. Pôs-se de pé e cambaleou. Viu tudo andar á roda. Mas depressa se recompôs.

— Avózinha — e voltou-se para a negra — quando fui atingido pela avalanche, trazia uma pequena bengala de bambu. Peço-te que me digas onde se encontra ela.

— Branco! — e a voz dela vibrou de emoção — Qual o interesse que tens nesse objecto tão insignificante? Não pretenderás, com ele, fazer mal aos da minha raça?

— Juro que não, avozinha.

— Pode ficar descansada. Percebe tanto disso de fazer mal como eu percebo de chinês.

— Pois bem. A bengala foi apanhada por um negro da tribo do régulo Kamalo...

— Onde fica isso?

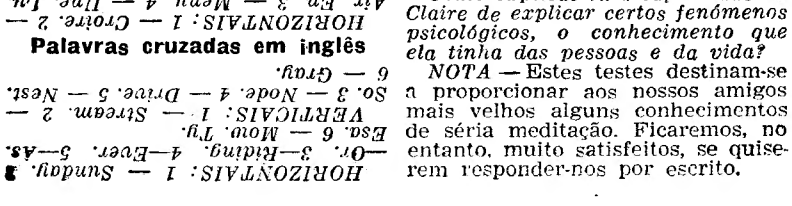
A velhinha estendeu um braço para o longe:

— Para ali... no enorme mato...

— Basílio! — gritou Pararraios — Não percamos tempo. A caminho...

...Esperava-o a selva, com todos os seus perigos...

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados!



PALAVRAS CRUZADAS

(Em francês)

HORIZONTAIS: 1 — Acreditar. 2 — Atmosfera. Preposição. 3 — Ementa. 4 — Artigo indefenido. Lido. 5 — Lei. 6 — Mudo.

VERTICAIS: 1 — Romancista francês autor de «A Peste». 2 — Nada. 3 — Enfeita. 4 — Artigo definido. 5 — Nota musical. Porção. 6 — Aborrecimento.

(Em inglês)

HORIZONTAIS: 1 — Domingo. 2 — Ou. 3 — Gerundio do verbo TO-RIDE. 4 — Em qualquer tempo. 5 — Como (conj.). Três letras de «essay». 6 — Careta. Duas letras de «tye».

VERTICAIS: 1 — Corrente. 2 — Tanto. 3 — Nó. 4 — Guiar. 5 — Ninho. 6 — Grisalho.

SOLUÇÕES:

Palavras cruzadas em francês

HORIZONTAIS: 1 — Croire. 2 — Air. En. 3 — Menu. 4 — Une. Lu. 5 — Loi. 6 — Muet.

VERTICAIS: 1 — Camus. 2 — Rien. 3 — Orne. 4 — Le. 5 — Ré. Lot. 6 — Ennui.

Palavras cruzadas em inglês

HORIZONTAIS: 1 — Sunday. 2 —Or. 3—Riding. 4—Ever. 5—As. So. 3 — Node. 4 — Drive. 5 — Nest. 6 — Gray.

VERTICAIS: 1 — Streem. 2 — Esa. 6 — Mow. Ty.

Teste de inteligência para os teus irmãos mais velhos

I

Camilo tinha o hábito (como, aliás, outros grandes escritores) de comentar nas margens dos livros que lia, tudo o que lhe parecia digno de registo. Sublinhava frases, períodos inteiros, interrompia o texto com pontos de exlamação, de interrogação, de reticências—de palavras agudas de crítica, de reprovação, de discordancia.

Concordas com este método?

Quais as vantagens e desvantagens que encontras nele?

Se discordares, qual o método que preferes para o substituir?

II

O Joaquim quando sai do liceu, dirige-se primeiro a casa, a lanchar. Depois torna a sair e dirige-se para o jardim perto de casa (parece-me que a Tapada da Ajuda). E' ali, quer sentado no banco debaixo de uma acácia, quer andando de um lado para o outro, que ele procede ao estudo da matéria.

Alguns companheiros censuram-no. Um professor, quando soube da história, também. Afirmou que o trabalho assim era superficial, anárquico, improdutivo.

Serás da mesma opinião? Achas que o Joaquim deve modificar o seu regime de estudo, ou, pelo contrário, deve continuar a agir como até aqui?

* * *

O Mário, aluno do quarto ano, corresponde-se com uma menina francesa, Marie Claire. Marie Claire dava mostras, para a idade que possuia (14 anos) de uma agudeza psicológica extraordinária, de um extraordinário conhecimento da vida e das pessoas.

— Estás a ser «levado!» — diziam-lhe as irmãs. — A tua Claire deve ser uma respeitável matrona...

Para esclarecer o assunto, Mário mandou uma fotografia sua e pediu uma de Claire. Esta escusou-se, alegando ser muito feia. Mário insistiu. Então recebeu, na volta do correio, a fotografia desejada: uma menina de grandes olhos negros, sentada numa cadeira de rodas. Paralítica.

«Porque mentiu, Claire? Você é tão bonita...».

Como explicas tu a capacidade de Claire de explicar certos fenómenos psicológicos, o conhecimento que ela tinha das pessoas e da vida?

NOTA — Estes testes destinam-se a proporcionar aos nossos amigos mais velhos alguns conhecimentos de séria meditação. Ficaremos, no entanto, muito satisfeitos, se quiserem responder-nos por escrito.

Gente nossa

Corre a água um arrepio...
Lavadeira não se poupa!
Que importa a geada e o frio
se tem de lavar a roupa...

Nunca é maior o rol
do que num dia sem calma.
Mas quando há calor e sol
cora a roupa e canta a alma.

Longo e manso o rio Douro
(ouro que vai de longada...)
guarda o segredo que é de ouro
fazer roupa prateada

A lavadeira feliz
(que grande carrego o seu!
na ponte de D. Luís
quase que toca no céu.

E é feliz? Pois então!
Nunca a doença lhe impeça
trazer a roupa á cabeça
que é trazer aos filhos pão.

E a gente tripeira deste
burgo que a Pátria gerou
confiadamente veste
a roupa que ela lavou.

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a cidade portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

A resposta deve estar na nossa Redacção até ao próximo sábado, dia 31.

Dois sorrisos

Um célebre escritor humorista inglês não se sentia, naquela reunião, bem disposto. Mantinha-se calado, sombrio. O sr. Scott, general do Exército, bateu-lhe no ombro:

— Vamos, meu caro, conte-nos uma anedota. Afinal você é humorista ou não?

O célebre humorista retribuiu-lhe a palmada e respondeu:

— Vamos, meu caro, atire duas salvas de canhão. O senhor é general de artilharia ou não?

Na escola, Periquito conta a um seu amigo:

— Lá em casa, todos aprendem musica. A minha irmã aprende a tocar piano; o meu pai, saxofone; o meu tio, violoncelo.

— E tu? O que é que aprendes? — pergunta-lhe o companheiro.

Periquito, com um suspiro:

— Eu aprendo a sofrer com resignação!

Concurso da semana

CONCURSO DO SUPLEMENTO N.º 90: I—GRANDES FIGURAS DA HUMANIDADE: PAVLOV. II — GENTE NOSSA: RIA DE AVEIRO.

1 — Amigo n.º 1271 — António Manuel Ponce (Lisboa).

2 — Amigo n.º 891 — Alfredo Perdigão (Torres Vedras).

3 — Amigo n.º 1490 — Silvino Vieira Neto (Almada).

4 — Amigo n.º 973 — Maria Alcinde R. de Carvalho (Monchique).

5 — Amigo n.º 1456 — Maria Esmeralda Dimas (Santarém).

6 — Amigo n.º 1299 — Carlos Manuel da Silva Duarte (Porto).

7 — Amigo n.º 1491 — Carlos Manuel Pereira (Faro).

8 — Amigo n.º 1362 — Helder Martins Leitão (Porto).

9 — Amigo n.º 1438 — Maria Edite Horta da Silva (Lisboa).

10 — Amigo n.º 1492 — António Manuel Simões Coutinho (Porto).

1 — «O MUSICO CEGO», de Korolenko — Colecção «Livros das 3 Abelhas» — Publicações Europa-América.

2 — «FERNAO MENDES PINTO», por António José Saraiva. — Colecção «Saber» — Publicações Europa-América.

3 — «UMA QUINTA-FEIRA DE AVENTURA», de John Pudney — Clássica Editora.

4 — «AVENTURA DE DOIS MIUDOS E DOIS CASTORES», de Grey Owl. — Clássica Editora.

5 — «O PAPAGAIO DE OURO», por Jim Dulpef — Clássica Editora.

6 e 7 — «O MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA», de Ramalho Ortigão — Clássica Editora.

8 a 10 — «A MULHER QUE VIVEU DUAS VEZES», por Pierre Boileau — Publicações Europa-América.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE PAVLOV

11 — Amigo n.º 1437 — Mário Martins de Carvalho (Lisboa).

11 — «MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA», por Ramalho Ortigão — «Clássica Editora» «LUTAS SOCIAIS NA ROMA ANTIGA», por Leon Bloch. — «Colecção Saber». — Publicações Europa-América.

publica-se para ti, aos sábados!

O «Diário de Lisboa Juvenil»

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

O PRESENTE DE CADA DIA

Por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

O Minhau era um gatinho simpático. Tinha pelo dono um amor sem igual. Ambos se entretinham em longas conversas que só eles entendiam. O gato, invariavelmente, respondia «minhau!, renhaunhau!» e o dr. Virgolino dizia que sim ou que não, conforme o que interpretava daquela linguagem mimalha.

Quando o bom tempo chegou, as chuvas tropicais cessaram, as flores nasceram por toda a parte, os pássaros encheram o ar de cantigas alegres, as andorinhas começaram em busca de beirais. Minhau assistia áquele acordar, com ar de espanto não dissimulado. A cabeça girava em perseguição dos pássaros que voejavam aqui, ali, e dizia «minhau!» num tom já diferente do habitual. Entrava nele a Primavera. Uma tarde, fazia calor a sério embora o Sol descesse já sobre o mar tranquilo, o bom do nosso gato apareceu apressado. Trazia na boca uma andorinha assustada, de asas caídas. O dr. Virgolino começou a ralhar com o gato, julgando que ele se preparava para um festim. Mas enganou-se. Minhau chegou-se a ele, roçou-se-lhe nas pernas, e depôs-lhe nas mãos a andorinha. Um presente. Sem uma beliscadura sequer; o pássaro parecia apenas amedrontado.

Era já escuro, entretanto. Deitar a ave a voar era condená-la a morrer nas garras de qualquer gato vadio e esfomeado. Por isso o dr. Virgolino a meteu num armário até ao dia seguinte. Vendo, então, que o animal parecia são e escorreito, abriu a janela e largou-o. Que alegria! Cortou os ares velozmente e desapareceu numa curva do céu.

Na tarde desse mesmo dia, Minhau voltou a ronronar; trazia um novo presente — outra andorinha. A cena repetiu-se diàriamente, durante muito tempo. Todas as tardes, ao cair da noite tranquila, Minhau fazia presente, ao dono amigo, de uma negra e assustada andorinha. E todas as manhãs, o dr. Virgolino abria a janela e, vigiado por Minhau, lançava aos ares a ave. Nasceram outras andorinhas, cresceram e chegou o dia em que partiram...

Naquela noite, Minhau tardou. Possivelmente estaria á procura de umaandorinha. Mas todos tinham partido, traçando no céu azul uma mancha negra. Os beirais estavam, agora, silenciosos; os ninhos de terra escura mantinham-se vazios. Outras muitas aves cortavam os ares, passavam longe, muito longe; á terra chegavam os seus cantos alegres; mas recolhiam aos poilões gigantes e inacessíveis.

Na terra, ignorante das estações do ano e do mistério das migrações, talvez um gatinho miasse de desespero, por não encontrar uma andorinha incauta que levasse de presente ao seu amigo. Talvez.

Era já noite, quando o dr. Virgolino ouviu as mansas passadinhas do gato. E viu, oh! espanto! viu que ele lhe punha ao colo... um lagarto.

E' verdadeira esta história, como todas as do dr. Virgolino. Talvez espante mais do que nenhuma; mas é verdade. Minhau sentiu que estava em falta para com o seu velho amigo. E mostrou bem quanto pode um coração dedicado.

CONCURSOS

Noticiário sobre os concursos especiais do Juvenil

De novo publicamos informações sobre os concursos especiais do «Juvenil». Lembramos que os «concursos especiais» são todos aqueles que não se incluem na série que todas as semanas organizamos. Actualmente o «Juvenil» tem três concursos especiais.

1.º — CONCURSO

«Qual é coisa qual é ela?»

Para jovens até 15 anos. Consta da coloração do belo livro «Qual é a coisa qual é ela?», editado pela Portugália Editora e á venda em todas as boas livrarias. Prémios:

1.º — Duzentos e cinquenta escudos em livros editados pela Portugália Editora (á escolha do concorrente).

2.º — Cento e cinquenta escudos em livros (nas mesmas condições).

3.º — Cem escudos em livros (nas mesmas condições).

4.º a 10.º — Cinquenta escudos em livros (idem).

A coloração pode ser feita com lápis de cor ou qualquer espécie de tinta. Prazo para a entrega dos trabalhos: até 6 de Fevereiro.

Os livros serão devolvidos, após a classificação.

2.º — CONCURSO

«Augusto Gil»

Para jovens até aos 20 anos. Consta de um trabalho sobre a Obra deste grande Poeta.

1.º — Prémio: Quinhentos escudos.

2.º — Prémio: A Obra Completa de Gil Vicente (até á data publicada pela Portugália Editora).

Os trabalhos serão devolvidos depois da classificação.

Não há limite de tamanho.

Prazo de entrega: até 6 de Fevereiro.

3.º — CONCURSO

«Portugal e a Juventude»

Concurso anual do «Juvenil» sobre um tema português: a paisagem, os monumentos, o modo de viver do nosso povo, as suas festas ou costumes, as suas canções, aspecto do trabalho do povo, a vida da juventude camponesa, etc., etc. Tal como sucedeu o ano passado, dá-se inteira liberdade criadora aos concorrentes; não se limita o tamanho dos trabalhos.

Haverá as seguintes categorias:

1.ª — Jovens até aos 12 anos.

2.ª — Jovens entre os 13 e os 15 anos.

3.ª — Jovens entre os 16 e os 20 anos.

Os prémios, cujos listas ainda estamos a organizar, serão concedidos aos textos literários e também ás ilustrações (desenhos, pinturas, fotografias) que os acompanharem. Quer dizer: haverá prémios literários e, independentemente destes, os prémios para a ilustração dos trabalhos escritos.

Deve notar-se que nenhuma ilustração deverá vir sozinha, desacompanhada da parte literária.

Em virtude de se ter adiado o prazo para a entrega dos prémios dos dois primeiros concursos, também este teve que ser adiado para o fim do mês de Fevereiro. Os prémios serão então distribuidos nas férias da Páscoa.

Grande confusão!

«Quando Luís de Camões escreveu o seu poema «Ode Marítima» encontrava-se junto ao Canal de Suez. Foi aí que pela vez primeira encontrou Fernando Pessoa o qual, muito dado a engenharias, ouvira de Ferdinand Lesseps a descrição da maneira como ele abrira o Canal do Panamá, entre este país e o Brasil. «Através desse canal — dizia o engenheiro — é hoje fácil a um barco passar do Oceano Indico para o Pacífico. Fernão de Magalhães podia perfeitamente tê-lo utilizado durante a sua viagem de circumnavegação ao serviço de D. João II, terceiro rei da segunda dinastia».

Neste pedaço de prosa escondem-se pelo menos dois erros! Serás tu capaz de os descobrir em menos de três minutos?

O juramento e a dama do lago

por Trote

O murmurio de desaprovação que se ergueu do lado dos nobres foi crescendo, crescendo, até se tornar num rugido ameaçador. No meio de toda aquela vozearia, sobressaiu a voz de trovão de Guilherme Longa Espada:

— Abaixo o rei de ruins vilões! Fora com ele! Onde é que já se viu vilões escolherem rei? Só a nobreza é que tem poder para o escolher!

Centenas de bocas acolheram estas palavras com um enorme bravo! Do meio do grupo dos barões vozes acordaram, aqui e ali, para indicar qual devia ser o rei escolhido pela nobreza. Mas nessa altura, João Uperdink, simples tanoeiro da cidade de Londres, num salto prodigioso, pôs-se de pé em cima do grande quadrado de pedra onde estava a bigorna de ferro. Era um homem alto, magro, de longos braços e longas mãos. Tinha o sorriso calmo; todos os seus modos eram calmos. Nem os nobres resistiram ao encanto da sua presença. Na verdade, quando ergueu a mão direita, toda a gente, incluindo os barões, se calou.

E foi no meio de um profundo silêncio que João Uperdink disse:

— Os fidalgos já tiveram mais do que tempo para escolher rei, mas em vez de o fazerem, guerrearam-se uns aos outros como cães. E queimaram-nos as searas, e os gados e nossas casas e praticaram mil violências. A espada dos barões não é a espada do povo: dela não nos poderá vir nenhum bem! Por isso nós escolheremos rei, rei que nos ame, nos auxilie. Ora sabei, Amigos, que este rei Artur é filho do bom rei Utário e da boa rainha Igrénia. Se tinhamos duvidas, todas elas desapareceram com o prodigio da espada. Viva o nosso rei Artur!

O entusiasmo popular era tão grande que os barões não tiveram coragem para protestar. Chamou-se o jovem rei acima do cubo de pedra e João Uperdink disse-lhe:

— Senhor, nós vos queremos por rei. Quereis vós ser nosso rei?

— Sim, quero — disse o jovem — e de toda a minha alma.

— Então jurais — acrescentou João Uperdink — que nos fareis sempre justiça, que nos protegereis contra os cobiçosos e que o produto do nosso trabalho será pago como deve?

Artur, ajoelhando, respondeu:

— Tudo isso e muito mais belas coisas juro e jurarei. Toda a minha vida será dedicada ao bem-estar da Nação.

Dias depois, fez-se a solene coroação do monarca. Mas os barões não se sentiam vencidos e de novo a revolta, a guerra, os incêndios, as mortes, apareceram por toda a parte. Nessa altura é que se viu quão bravo homem era o jovem Artur. Sim, porque Artur tinha, apenas, dezasseis anos! Mas sabia-se defensor de uma grande causa e as grandes responsabilidades tornam as pessoas mais velhas.

O primeiro a revoltar-se foi, como se calcula, Guilherme Longa Espada.

No seu possante cavalo e acompanhado da mulher e das filhas (desta maneira julgava enternecer o povo) andou pelos campos a fazer belas promessas a todos quantos o apoiassem no seu empenho de ser rei. Mas o povo tinha jurado obediência ao rei Artur e não queria outro senhor. Então, Guilherme Longa Espada esqueceu as doces palavras que andava semeando e começou a praticar todas as maldades de que era capaz. Até que um dia, em campo raso, se defrontaram o exército de Artur e o de Guilherme Longa Espada. Ao fim de muita luta, e ajudado pelos arqueiros do povo, o rei Artur venceu. Muitas outras vitórias alcançou. E também derrotas.

Ora numa tarde, o exército do rei Artur encontrou á sua frente o exército coligado de todos os varões de Inglaterra, sob o comando de Knut Pera de Chibo, também chamado o Raposão. As forças do rei Artur eram muito mais pequenas, mas era tal a sua heroicidade que quase nem se notava a tremenda diferença. E o rei Artur teria vencido mais uma vez se não fosse a manha do Raposão. Que havia ele de se lembrar? De arranjar um estratagema para que Artur ficasse sem a espada. E desta maneira, foi Artur vencido e teria mesmo perdido a vida se Merlim, por artes mágicas, o não fizesse desaparecer do campo de batalha.

Quando já estava curado de todas as suas feridas, Artur lamentou-se:

— Que será de mim agora que já não tenho espada?

Mas disse-lhe Merlim:

— Não vos preocupeis, vinde comigo.

Cavalgaram, cavalgaram, até que lhes surgiu um lago á frente dos olhos. E no meio do lago, um braço vestido de seda branca saia da água; e empunhava uma espada.

E mais adiante ainda viram outra maravilha: uma donzela que caminhava sobre as águas do lago.

— E' a dama do lago — disse Merlim — Pedi-lhe a espada.

E Artur bradou:

— Donzela, que espada é aquela que o braço empunha? Ah!, como gostaria que fosse minha.

— Oh!, meu senhor — confessou a jovem—sabei que ela se chama Excalibur, o que quer dizer «corta aço». Entrai neste barco e ide buscá-la.

Artur assim fez e quando teve a espada nas suas mãos, o braço misterioso desapareceu sob as águas.

(Continua)

(No próximo número: «A TÁVOLA REDONDA»).

DIARIO DE BORDO

Pedimos aos amigos a seguir discriminados o favor de nos enviarem o mais rapidamente possivel, as respectivas moradas; os prémios que lhes foram atribuidos esperam essa indicação para seguir os seus destinos.

Atenção, pois, Amigos:

José Mota (1.484)

Jorge Diogo (1.485)

Luís Marques Ribeiro (1.486)

António José Miranda Ventosa (1.487)

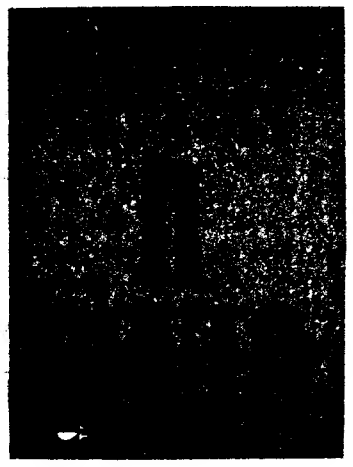
Célia Maria Metrass (1.488)

Zélia Maria Santos (1.489).

Amigo João de Matos Carita (Elvas): é favor mandar a idade; sem esta indicação não podemos dar entrada nos concursos. O assunto do concurso «Qual é a coisa qual é ela» segue pelo correio.

Amigo 1.469 — Fernando Foyos (Lisboa): não sei a que te referes quanto ao concurso Augusto Gil. Repete a pergunta ou perguntas, sim? — e desculpa, se a falta é nossa.

...Por falta de espaço não se publica a lista de Amigos entrados; irá para a semana. Pela mesma razão, não saem os nomes dos Amigos que desejam inscrever-se no Intercambio. Por idêntica razão, só no próximo numero acabamos o «Diário de Bordo». Desculpem, Amigos, a falta de espaço...



A VIDA AVENTUROSA DAS PALAVRAS

CHAMAM-SE *formas divergentes* ás que provêm da mesma palavra e que depois, por motivos fonéticos, vieram a tomar rumos diferentes. Alguns exemplos: areia-arena; cadeira-cátedra; caldo-cálido; delgado-delicado, etc.

Com as palavras *Traição-Tradição* sucedeu uma aventura muito interessante.

Tradição era um termo jurídico que significava «entrega, transmissão de qualquer coisa a outrem».

Ao vir para a lingua portuguesa perdeu o *d* e modificou o sentido que passou a ser «a entrega, a transmissão de um segredo militar ou íntimo, ou político. Manteve-se a ideia da *entrega;* transformou-se porém, radicalmente, o significado dela. *Traição* é uma entrega desleal.

Por seu lado, a palavra *tradição* não perdeu o pé — mas abriu caminho por lugares mais finos. Manteve, também, a ideia de transmissão, de entrega — mas de factos históricos. Sistemas lendas, de geração para geração.

POR

NATÁLIA DA FONSECA

Aqui está como dois irmãos conhecem destinos tão diferentes!

*

Sempre me intrigou a palavra *bombástico* com que crismamos o estilo de certos oradores ou escritores.

Que pretendemos dizer com ela? Pretendemos dizer que se trata de um estilo ecpolado, a atirar para o grandioso, ou então, como vocês dizem, a «armar». Adjectivos farfalhudos mal semeados na frase, certo e sabido que dão um estilo *bombástico.* Tal como os substantivos aplicados sem discernimento.

De onde deriva esta palavra *bombástico?*

De bomba está mesmo á vista! Exactamente como a bomba, ao deflagrar, o faz com um barulho dos demónios, com espalhafato, com evidente exagero, assim o orador que se segue exagera na intensidade das expressões e no pouco bom gosto delas.

Pois não, senhor, a palavra *bombástico* faz designar esses artigos não vem de bomba, como eu julgava. Não, senhor. Pelo menos, é assim que o entende Agostinho de Campos, que lhe descobriu outra origem.

Viveu no século XVI um médico astrólogo e alquimista originário da Suiça alemã e que ficou na história sob o nome de *Paracelso.* Seu nome verdadeiro era Teofrasto Bombast von Hohenheim. Acontece que os seus livros e os seus discursos estavam redigidos nesse tal estilo cheio de ênfase, de *elevação mediocre,* e que, por ser de *Bombástico* que faz designar esses artigos

O filósofo alemão Frederico Kluge aventa que *bombástico* viria de *bombast,* palavra inglesa que designa o algodão empregado nos chumaços dos casacos. Algodão de encher — como o verbo de certos escritores.

E agora é tempo de fugirmos, porque o orador que se segue tem um estilo bombástico...

EM BUSCA DO SILÊNCIO

BATERAM 7 horas. Pé ante pé, com muito jeitinho, abro a porta e encosto-a suavemente. Assim que saio de casa, uma lufada de ar fresco vem beijar-me a cara. Respiro fundo. Já se ouve o vaivém das ondas lá ao longe, o marulhar das águas e o bater de asas das gaivotas. Apresso o passo. Estou ansiosa de chegar á praia. Debaixo do braço, um livro. Não se vê ninguém. Apenas eu e o mar. Chego á praia. A areia ainda está húmida e os meus pés enterram-se nela com delícia. Aproximo-me das ondas. Dou-lhes os bons dias e elas vêm beijar-me os pés nus. O contacto da água faz-me arrepiar. Desperto.

O mar está tão lindo!

Umas ondinhas, filhas mais novas do mar, dão as mãos e fazem rodas. Por vezes, chego a pensar que ouço uns risos... Serão elas? São elas, de certeza. Tão contentes! Gostam também do silêncio. Elas sabem que dentro em breve começam a chegar os homens e mulheres que não mais as deixarão em paz. Eu também gosto de silêncio. Também, e por isso é que eu saí a estas horas de casa.

Abro o livro. Poesia. Também tudo o que me rodeia é poesia. Aquelas rochas negras que recortam o azul, parecem-no beijar sofregamente, aquele barquito além que balouça tão suavemente como se fora um berço de embalar, aquela nuvenzita que acaba de se levantar e ainda esfrega os olhos...

Estou a sonhar acordada e não leio o livro. Leio a natureza.

Começa a chegar gente. O meu sonho acabou. Agora que graça tem a praia? Aqueles risos tão agudos não deixam ouvir o sussurrar das ondas, aquelas meninas de encarnado e amarelo fazem perder o negro ás rochas, e agora também já a nuvenzita desapareceu.

Vou-me embora. Rapazes e raparigas entram na água e salpicam-me. Tenho de partir, o silêncio cessou.

Entro em casa, devagarinho, como tinha saido. Deito-me novamente. E ouço daí a pouco minha mãe dizer:

Então, ainda a dormir, sua mandriona?

MANUELA SANTOS
Amigo n.º 806

O voluntário do espaço

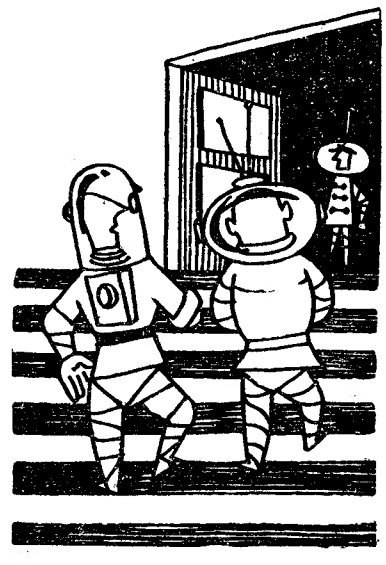
A minha primeira visita a uma cidade subterrânea

Por **AGOSTINHO DE BRITO MACEDO — 19 anos**

O elevador de carros, ao descer para o interior do planeta, fez com que fôssemos rodeados por uma escuridão, das mais negras que alguém pode imaginar. Senti pela espinha uma sensação de frio, que eu julguei ser devida á nossa passagem de uma temperatura muito elevada para outra... Como dizer... mais normal... Talvez, a causa da sensação de frio não fosse esta... talvez fosse devida á minha ansiedade por saber o que iria encontrar lá em baixo, no interior do planeta.

Era a primeira grande surpresa que eu tinha em Lyn. Finalmente tinha encontrado alguma coisa diferente do que havia na Terra. Um mundo em que as pessoas viviam debaixo do chão. Porquê... Como raio podia eu saber a razão das pessoas viverem encafuadas no subsolo do planeta Lyn, se eu não conseguia perceber uma palavrinha da lingua Lynense.

Nesta altura da minha divagação pensamental, o elevador estacou. A escuridão continuava. Pensei que aquela geringonça se tivesse estragado — o que seria uma vergonha para qualquer planeta decente — mas não. O elevador estava á espera que as suas portas se abrissem, e quando isso aconteceu a luz galopou com tal intensidade direita aos meus olhos que tive de os fechar. Depois fazendo pisca-pisca fui habituando-os á luz, até conseguir ver alguma coisa. Entretanto aos meus ouvidos, já tinha chegado o caracteristico e mecanico ruido de uma cidade. O carro, magistralmente conduzido pelo Lynense, saiu do elevador e entrou numa cidade onde os passeios, rolando sobre qualquer coisa que os fazia rolar, levavam as pessoas, que calmamente liam os jornais, ou conversavam com o parceiro do lado. Na rua, como nas ruas de qualquer cidade da Terra, os carros cruzavam-se. Todos de uns modelos que na mais antiga aldeia do nosso planeta seriam considerados pouco próprios para consumo. A temperatura ambiente era, um tudo nada, elevada, mas de vez em quando chegavam até nós pequenas rajadas de uma espécie de sopro fresco. A luz era dada por um tubo, contínuo, de luz branca, que se encontrava na parte superior das casas — casas todas de quatro andares e do mesmo feitio que as da Terra. A cidade tinha um ambiente muito esquisito. Entretanto o nosso automóvel já tinha voltado várias esquinas e passado inumeros cruzamentos. Continuava a ser notória para mim a falta do ruido de motores de todos os «D. Elviras» que rolavam pelas ruas. Olhei para o lado e vi a cara do meu amigo Lynense voltada para mim, com um bonito sorriso na região perto da boca, como se quisesse perguntar-me:



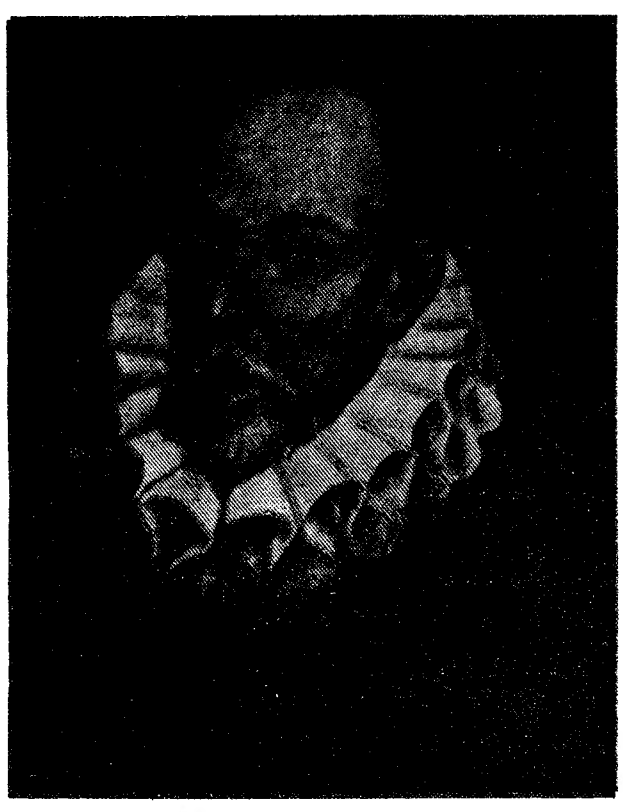
— Então gramas isto?

Claro que gramava. Finalmente tinha encontrado alguma coisa que eu nunca tinha visto...

O carro parou em frente de um prédio que estava situado mesmo no centro de um largo, onde desaguavam muitas ruas — um largo parecido com aquele que em Paris contém o Arco do Triunfo. Desci do carro para acompanhar o Lynense, na ascensão, na escadaria que servia para conduzir as pessoas a uma larga porta onde estava um homem vestido de porteiro...

O prédio tinha tal aspecto que eu deduzi logo que era ali que se encontrava o corpo governamental daquela cidade, ou qualquer outro corpo no género... que aborrecimento... e eu que me tinha esquecido do bilhete de identidade...

(AMIGO 1.282)



CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE

E' certo que os nossos jovens leitores terão estranhado que ainda não aparecesse este grande escritor espanhol que, juntamente com Camões, forma o par dos maiores génios literários nascidos na Península. Mas dá-se com eles esta coisa curiosa: normalmente, diz-se a Pátria de Camões e não a Pátria dos Lusíadas; com o escritor espanhol no que sobretudo se fala é do seu heroi: a Espanha é a Pátria de...

Na realidade, o velho cavaleiro Manchego, com sua sublime bondade e o amor de acabar com a maldade deste Mundo — é uma das maiores criações do género humano. E' o heroi mais popular de todos os tempos e nações. Quase tão popular como ele é o seu gordo escudeiro — homem dado á boa comida e ás delícias de uma vida aprazível. Embora profundamente diferentes, amo e escudeiro, não se podem conceber um sem o outro.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 31 de Janeiro, acompanhadas do nome completo, morada e data do nascimento, e bem assim a menção dos três artigos que mais apreciaram neste numero.

Além dos habituais prémios, haverá um especial para o melhor trabalho sobre o grande escritor espanhol desta semana.

A vida em Roma

Eis uma bela novidade: acaba de sair a tradução portuguesa de «A VIDA QUOTIDIANA EM ROMA NO APOGEU DO IMPÉRIO», da autoria de Jerôme Carcopino. É mais um volume da já célebre colecção editada por Livros do Brasil, Lda., — «A VIDA QUOTIDIANA».

Desta vez, acompanhados por um cicerone cultíssimo, os nossos jovens leitores poderão visitar Roma no seu período áureo de extensão — as suas casas, as suas ruas, as suas grandezas e misérias; conhecerão a vida familiar — o casamento, a situação da mulher e das crianças, a educação, a cultura, as crenças; depos assistirão ao desenrolar da vida quotidiana desde o levantar e o preparo matinal, ás ocupações, espectáculos, o passeio, o banho do fim do dia e o jantar. Enfim, um belo livro que todos os nossos leitores devem conhecer.

A mulher que viveu duas vezes

Depois que nos referimos ao livro de José Augusto França «Despedida breve», da colecção «Os livros das três abelhas», já outras obras sairam nesta mesma colecção. São elas: «Pecado mortal», de Mário Soldatti; «Desejo sob os ulmeiros», de Eugen O'Neill; «Melodia interrompida», de Boris Pasternak; e, finalmente, «A mulher que viveu duas vezes», de Pierre Boileau.

Este ultimo livro serviu de tema para um filme; é uma história de «suspense», prende o leitor da primeira á ultima página. E' uma história estranha e bem construida literáriamente, cheia de verdade e de poesia. Não é um romance policial; é a história de uma mulher muito bela e misteriosa, servida por técnica admirável.

E' mais uma bela obra editada por Publicações Europa-América.

UM POVO ESTRANHO

O Amazonas é um dos mais extraordinários locais da Terra! A sua completa rede hidrográfica forma uma vastíssima região a que se dá o nome de Amazónia. Em grande parte ainda por explorar, no meio das suas florestas virgens vivem alguns dos povos mais primitivos do Globo. Tal é o caso dos estranhos «caçadores de cabeças do Arizona».

F. W. Up de Graff dá-nos no seu livro «Os Caçadores de Cabeças do Amazonas» uma emocionante narrativa destes povos de selvagens. Eis uma obra onde a mais escrupulosa veracidade toma, para o leitor, o verdadeiro aspecto de uma narrativa de aventuras.

Claro que é uma obra que interessa vivamente os jovens e que os instrui. Ao assinalarmos o seu aparecimento, recomendamo-lo aos nossos leitores maiores de 15 anos.

A esta mesma colecção «Viagens — Aventuras — Epopeias», editada pela Livraria Clássica Editora, pertencem os dois livros seguintes, a que na devida altura nos referirem:

«O Patrão do Girl Pat» por Dod Osborne.

«Rumo ao Perigo» por F. A. Mitchell-Edges.